

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA,
LITERATURA E CULTURA ITALIANAS

ROSANGELA MARIA LAURINDO FORNASIER

Culturas de herança em Pedrinhas Paulista:
identidades, pertencimento e espaços intergeracionais

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA,
LITERATURA E CULTURA ITALIANAS

ROSANGELA MARIA LAURINDO FORNASIER

Culturas de herança em Pedrinhas Paulista:
identidades, pertencimento e espaços intergeracionais

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Italianas

Linha e pesquisa: Aquisição e Aprendizagem do Italiano como Língua Estrangeira

Orientadora: Professora Dra. Fernanda Landucci Ortale

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

FF727c Fornasier, Rosangela Maria Laurindo
CULTURAS DE HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA:
IDENTIDADES, PERTENCIMENTO E ESPAÇOS INTERGERACIONAIS
/ Rosangela Maria Laurindo Fornasier; orientador
Fernanda Landucci Ortale - São Paulo, 2023.
184 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Língua de Herança. 2. Cultura de Herança. 3. Identidade. 4. Comunidade de Prática. 5. Pedrinhas Paulista. I. Ortale, Fernanda Landucci, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: FORNASIER, Rosangela Maria Laurindo

Título: **Culturas de herança em Pedrinhas Paulista**: identidades, pertencimento e espaços intergeracionais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutora em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

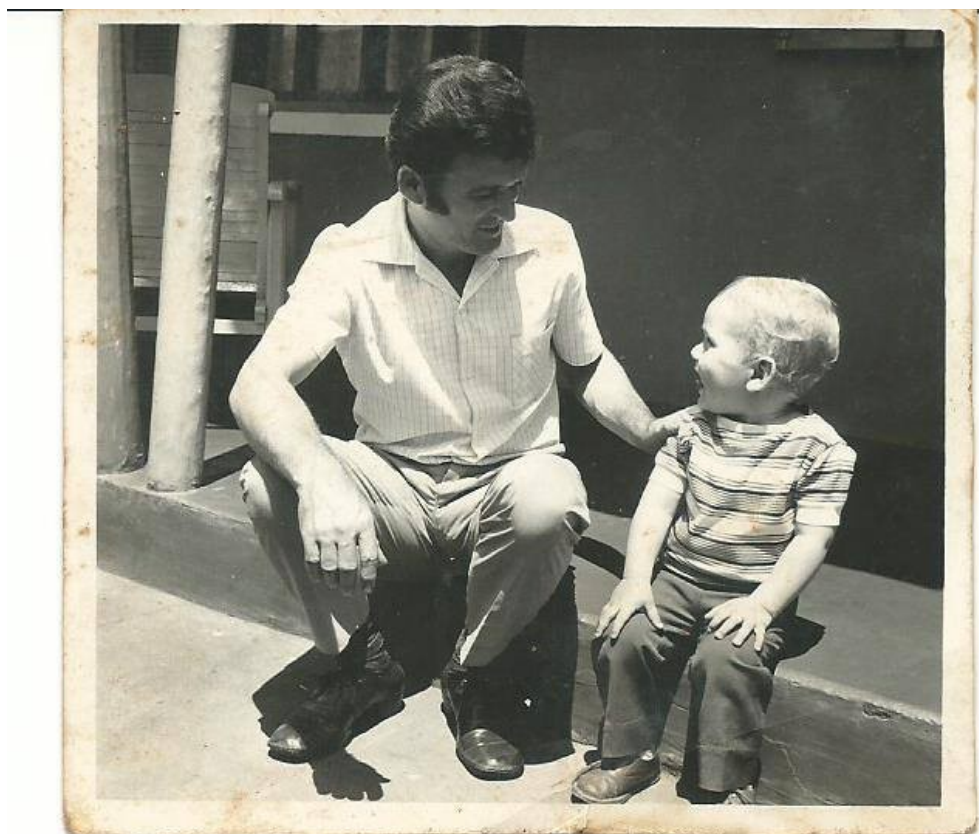
Julgamento: _____

Dedico este trabalho à minha saudosa avó, Maria Scaramal, neta de imigrantes italianos, que amava a sua cultura de herança, mas que pouco pôde vivenciá-la. Penso que se estivesse viva, estaria orgulhosa deste trabalho e das mudanças que ele proporcionou à nossa família. Vozinha querida, hoje nós pertencemos um pouco mais.



Fonte: foto cedida pela família Scaramal Laurindo.

Faço um agradecimento especial ao meu saudoso sogro, Fausto Fornasier, filho de imigrantes italianos e um grande incentivador deste trabalho. Serei infinitamente grata por ter sempre reconhecido o meu lugar na comunidade, desde o início. Nunca vou me esquecer do seu telefonema me desejando sorte quando fui prestar a prova para o doutorado, momento em que choramos juntos. *Grazie mille!*



Fonte: foto cedida pela família Fornasier.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Fernanda Landucci Ortale, pela presença incondicional em todos os desafios de minha caminhada acadêmica, sempre me incentivando, dando-me orientações precisas, ensinando-me pelo exemplo e, principalmente, acolhendo-me em todos os sentidos. Obrigada pela freiriana incrível que habita em você, foi ela quem despertou a freiriana que hoje também habita em mim. *Ti voglio un mondo di bene!*

Ao meu esposo Ricardo Fornasier, que sempre foi incondicional incentivador de minhas pesquisas, por ter aceitado esse desafio ao meu lado, compreendendo minhas ausências, levando-me para tantos lugares, tirando as fotos de que eu precisava, recordando tantas passagens das histórias que investigávamos, me ajudando a buscar informações, marcando entrevistas para mim, essenciais para o meu trabalho. Te amo.

Às minhas filhas amadas, Marina e Roberta, por me ajudarem todos os dias a (re)construir as minhas tantas identidades culturais e para quem dedico cada passo de minha existência. *Grazie mille*, Marina, por me ajudar a render anônimas as fotografias da comunidade de prática, nas altas horas da noite acordada comigo.

Aos meus queridos pais, Antonio e Dionélia, meus eternos incentivadores e a quem devo minha vida e tanto do que sou.

À minha sogra Venerina, por atender aos meus telefonemas a qualquer hora, quando eu tinha alguma dúvida e recorria às suas lembranças para compreender alguma passagem da história da imigração de Pedrinhas, agradeço também pela partilha de sua cultura de herança e por todas as tardes que passamos cozinhando juntas.

À Profa. Dra. Giliola Maggio, grande incentivadora de minha trajetória acadêmica, pelas tantas trocas a cada encontro e pelos preciosos conselhos, todos acatados, na ocasião de minha qualificação. *Grazie di avermi insegnato tante cose su di me.*

À Profa. Dra. Denise Margonari pelas preciosas contribuições, todas também acatadas, durante minha qualificação.

À Profa. Dra. Karine Marielly Rocha da Cunha, pelas infinitas contribuições com este trabalho, pela disponibilidade com que sempre me recebeu, por todo apoio e incentivo recebido em minha trajetória e por tantas trocas e parcerias.

Às minhas queridas amigas e colaboradoras do projeto Italiano como Herança, Valéria Parisotto e Marina Romano, pela grande parceria, pelas infinitas e preciosas contribuições que deram ao grupo e à comunidade e por compartilharem a preciosidade que é a cultura de vocês.

À minha grande amiga e participante da Comunidade de Prática Saponi di Mamma: storie e ricette, Floriana Di Nallo Brentegani, pelo carinho imenso com que nos acolheu por tantas vezes em sua casa para os nossos encontros, pela disponibilidade em me ajudar a buscar as informações corretas sobre alguns fatos, pela entrevista que fez a seu irmão, quando eu já não estava mais aí para fazê-lo pessoalmente, pelas tantas trocas sobre as práticas culturais familiares e pelo carinho que dedica ao nosso projeto.

Às participantes da Comunidade de Prática, pelas infinitas trocas, pelas noites divertidas e emocionantes que passamos juntas, pela disponibilidade de tantas vezes também acolherem o nosso curso itinerante em suas casas, vocês são a alma desse projeto,

À ex-prefeita do Município de Pedrinhas Paulista, Ida Franzoso de Souza, por sempre nos apoiar e nos incentivar e pela disponibilidade em nos receber em sua casa e em ambiente virtual, para nos conceder entrevistas.

Ao ex-chefe de gabinete do Município de Pedrinhas, Clóvis Lourenço Gonçalves, pela disponibilidade em nos receber em sua casa e nos conceder demorada entrevista e nos ter mostrado tantos documentos importantes e, principalmente, pelo carinho que dedica a nossa comunidade, valorizando as culturas e identidades que se desenvolvem ali.

À ex-prefeita Angela Gianetta, por acolher o nosso projeto em seu processo inicial de implementação.

Ao ex-prefeito Sergio Fornasier, pelos anos em que apoiou o nosso projeto, enquanto esteve à frente do Governo Municipal.

Aos meus colegas pesquisadores da USP e da UFPR, pelas ricas trocas durante os congressos dos quais participamos juntos e nas reuniões de área.

À Rosa Maria Carrion Beletati, funcionária do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista, que me recebeu com tanta cordialidade e disponibilidade durante os dias em que fiz minha coleta de dados, ajudando-me a selecionar as possíveis pastas em que poderíamos encontrar os documentos de que necessitávamos e por ter me enviado as imagens da antiga igrejinha do início da colônia.

Aos filhos de imigrantes, membros da primeira geração, que nos concederam gentilmente as preciosas entrevistas que compuseram esta pesquisa.

Aos bisnetos de imigrantes, membros da terceira geração, que participaram solícitamente de nossa coleta de dados, respondendo ao nosso questionário.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo incentivo e fomento a esta pesquisa.

RESUMO

FORNASIER, R. M. L. Culturas de herança em Pedrinhas Paulista: identidades, pertencimento e espaços intergeracionais. 2023. 184 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Este trabalho teve como objetivo investigar as culturas de herança do município de Pedrinhas Paulista, ex-colônia italiana localizada no sudoeste do estado de São Paulo, fundada em 1952. Para tanto, foram empreendidos estudos em duas frentes: a primeira é relativa à análise documental, desde o período de formação da colônia; a segunda refere-se à formação da comunidade de prática *Sapori di mamma: storie e ricette*. Os participantes envolvidos na pesquisa são membros da segunda e terceira gerações de imigrantes italianos, duas colaboradoras do projeto Italiano como herança e a pesquisadora, residente na ex-colônia há 30 anos. A partir dos resultados da pesquisa documental, mencionam-se: o mapeamento da população da cidade quanto à origem de cada família de imigrante e ao número do(s) lote(s) a elas destinado(s), assim como os dados atuais sobre o número e a identificação das famílias de descendentes que ainda residem na ex-colônia. Quanto aos resultados obtidos com a formação da comunidade de prática, é possível afirmar que a partilha de receitas de família e o uso da língua italiana nos encontros da comunidade de prática contribuíram para reavivar o sentimento de italianidade e de pertencimento, e para estimular o uso da língua tanto no convívio familiar quanto comunitário. Nesse sentido, as comunidades de prática revelaram-se como um importante caminho para a revitalização de línguas e culturas de herança. Os dados foram analisados com base nos conceitos de identidade, cultura de herança, comunidade de prática, lugar e não-lugar. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a área de ensino de línguas, em especial para estudos sobre revitalização e preservação de línguas e culturas de herança, presentes em comunidades de imigrantes e refugiados.

Palavras-chave: Língua de herança. Cultura de herança. Identidades. Comunidade de prática. Pedrinhas Paulista.

ABSTRACT

FORNASIER, R. M. L. Heritage cultures in Pedrinhas Paulista: identities, belonging and intergenerational spaces. 2023. 184 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This work aimed to investigate the heritage cultures of the city of Pedrinhas Paulista, a former Italian settlement located in the southwest of the State of São Paulo, founded in 1952. Within this purpose, studies were carried out on two fronts: the first one related to document analysis from the period of formation of the settlement, and the second one referred to the formation of the community of practice *Sapori di mamma: storie e ricette*. The participants involved in this research are members of the second and third generations of Italian immigrants, two collaborators of the *Italiano como Herança* Project, and the researcher, who has been living in the former settlement for 30 years. From the results of the document analysis, the following are mentioned: the mapping of the city's population regarding the origin of each immigrant family and the number of the lot(s) destined to them, as well as the current data about number and identification of families of descendants who still reside in the former settlement, and current data about number and identification of families of descendants who still reside in that place. Regarding the results obtained with the formation of the community of practice, it is possible to establish that the sharing of family recipes and the use of the Italian language within the meetings of the community of practice contributed to revitalize the sense of Italianness and belonging, and to stimulate the use language in both family and community life. In that regard, communities of practice proved to be an important way to revitalize heritage languages and cultures. Data were analyzed based on the concepts of identity, heritage culture, community of practice, and place and non-place as well. It is expected that this research can contribute to the field of language teaching, particularly to studies on revitalization and preservation of heritage languages and cultures, present in immigrant and refugee communities.

Keywords: Heritage language. Heritage culture. Identities. Community of practice. Pedrinhas Paulista.

RIASSUNTO

FORNASIER, R. M. L. Culture ereditarie a Pedrinhas Paulista: identità, appartenenza e spazi intergenerazionali. 2023. 184 f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Questo lavoro si è proposto di indagare le culture ereditarie del comune di Pedrinhas Paulista, un antico insediamento italiano nel sud-ovest dello stato di San Paolo del Brasile, fondato nel 1952. A tale fine sono stati proposti studi condotti su due fronti: il primo relativo all'analisi dei documenti risalenti al periodo di formazione dell'insediamento; il secondo riferito alla formazione della comunità di pratica *Sapori di mamma: storie e ricette*. I partecipanti coinvolti nella ricerca sono membri della seconda e terza generazione di immigrati italiani, due collaboratrici del progetto *Italiano como Herança* e la ricercatrice, che vive nell'antico insediamento da trent'anni. Sulla base dei risultati della ricerca documentaria, sono stati messi a punto: la mappatura della popolazione della città relativa all'origine di ciascuna famiglia immigrata e al numero di lotti assegnati loro, così come i dati aggiornati sul numero e l'identificazione delle famiglie di discendenti che tuttora risiedono nell'antico insediamento. Rispetto ai risultati ottenuti con la formazione delle comunità di pratica, è possibile affermare che la condivisione delle ricette di famiglia e l'uso della lingua italiana negli incontri delle comunità di pratica sono serviti a ravvivare il sentimento di italianità e di appartenenza, e a stimolare l'uso della lingua sia nella vita familiare che nella vita sociale. In questo senso, le comunità di pratica si sono rivelate una forma importante per rivitalizzare le lingue e le culture ereditarie. I dati ottenuti sono stati analizzati sulla base dei concetti di identità, cultura ereditaria, comunità di pratica, luogo e non-luogo. Si augura che questa ricerca possa contribuire al campo dell'insegnamento delle lingue, in particolare agli studi sulla rivitalizzazione e conservazione delle lingue e delle culture ereditarie, presenti nelle comunità di immigrati e di rifugiati.

Parole chiave: Lingua ereditaria. Cultura ereditaria. Identità. Comunità di pratica. Pedrinhas Paulista.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Teatro Municipal de Pedrinhas Paulista	28
Imagem 2	– Câmara Municipal de Pedrinhas Paulista	29
Imagem 3	– Centro Cultural de Pedrinhas Paulista (onde se encontra a Biblioteca e o Museu dos Pioneiros)	29
Imagem 4	– Lateral da Igreja Matriz de San Donato	28
Imagem 5	– Memorial do Imigrante Italiano e vista frontal da Igreja Matriz	28
Imagem 6	– Réplica da estátua da Loba Capitolina (Praça Roma)	31
Imagem 7	– Memorial dos Pioneiros Brasileiros	31
Imagem 8	– Praça Monsenhor Ernesto Montagner	32
Imagem 9	– Portal de entrada de Pedrinhas Paulista	32
Imagem 10	– Agência dos Correios	33
Imagem 11	– Construção da Arena de Eventos Coliseu (localizada na Praça Roma)	33
Imagem 12	– Mapa da Colônia de Pedrinhas Paulista. Documento da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana. Foto de cópia exposta no Museu da cidade	52
Imagem 13	– Página de documento analisado (recenseamento das famílias)	55
Imagem 14	– Mapa político da Itália	63
Imagem 15	– Casa de colono com mata nativa ao fundo	82
Imagem 16	– Colonos italianos capturaram uma onça-parda nos primeiros tempos de colônia	82
Imagem 17	– Cocheira e tuia em propriedade agrícola, com mata nativa ao fundo	84
Imagem 18	– Colono arando a terra com arado movido a tração animal	84
Imagem 19	– Colonos pulverizando a lavoura de algodão com bomba costal e sem nenhuma proteção	85
Imagem 20	– Dom Ernesto Montagner	86
Imagem 21	– Asilo San Domenico Savio (Jardim da Infância): crianças em atividades ministradas por freiras italianas (Dominicanas da Beata Imelda)	88
Imagem 22	– Igreja de San Donato recém-construída	90

Imagem 23	–	Colonos jogando bocha	90
Imagem 24	–	Casa de colono abandonada (na zona rural)	119
Imagem 25	–	Casa de colono abandonada (zona rural) II	119
Imagem 26	–	Casa de colono abandonada (zona rural) III	120
Imagem 27	–	Casa de colono preservada e reformada e ainda habitada (zona rural)	120
Imagem 28	–	Casa de colono preservada e reformada e ainda habitada (zona rural) II	121
Imagem 29	–	Capela da Santinha (zona rural)	122
Imagem 30	–	Detalhe da Capela da Santinha (zona rural)	122
Imagem 31	–	Primeira Igreja de Pedrinhas Paulista	129
Imagem 32	–	Capelinha dos irmãos Serodio	130
Imagem 33	–	Detalhe da Capelinha dos irmãos Serodio	130
Imagem 34	–	Casamento de Fausto e Venerina Fornasier (detalhe do pórtico da Igreja Matriz)	131
Imagem 35	–	Memorial do Imigrante Italiano	132
Imagem 36	–	Memorial do Imigrante Italiano II	132
Imagem 37	–	Avental do curso de culinária típica regional italiana	148
Imagem 38	–	<i>La Stracciatella</i>	153
Imagem 39	–	<i>I canederli</i>	154

Imagem 40 – Receita transmitida de pai para filho	155
Imagem 41 – Estoque de molho de tomate de família do Lazio	156
Imagem 42 – Os homens na cozinha: segunda e terceira geração na produção da <i>salsa di pomodoro</i>	156
Imagem 43 – Filha de imigrantes do Lazio envasando a <i>salsa di pomodoro</i>	157
Imagem 44 – Encontro da Comunidade de Prática <i>Sapori di Mamma: storie e ricette</i> com pesquisadores da USP e da UFPR	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instrumentos para geração de dados	40
Quadro 2 – Encontros do curso <i>Sapori di Mamma: Storie e Ricette</i>	41
Quadro 3 – Relação de documentos analisados	46
Quadro 4 – Comparativo de dados	56
Quadro 5 – Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955	57
Quadro 6 – Conceito de Geração	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 PERCURSO DA PESQUISA: ELABORANDO PERGUNTAS E DELINEANDO OS CAMINHOS	28
1.1 O CONTEXTO DA PESQUISA	28
1.2 OBJETIVOS E PERGUNTAS DIRECIONADORAS DA PESQUISA	34
1.3 ABORDAGEM QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO	35
1.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	38
1.4.1 A professora pesquisadora	38
1.4.2 As colaboradoras	39
1.4.3 Os participantes da comunidade de prática <i>Sapori di mamma: storie e ricette</i>	39
1.4.4 Os membros da Terceira Geração	39
1.5 INSTRUMENTOS PARA GERAÇÃO DE DADOS	40
1.6 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL	42
1.7 METODOLOGIA DA PESQUISA DOCUMENTAL	44
2 LÍNGUA(S) E CULTURA(S) DE HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UM PEDACINHO DA ITÁLIA NO BRASIL	48
2.1 BISNETA OU TRINETA DE IMIGRANTES ITALIANOS? FRAÇÕES DE UMA HISTÓRIA QUE CONTRIBUÍRAM PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DE MUITAS IDENTIDADES.....	48
2.2 OITO ALQUEIRES: O LIMITE PARA A (NÃO) COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL EM PEDRINHAS PAULISTA	52
2.3 <i>UN VILLAGGIO ITALIANO</i> E MUITAS LÍNGUAS E CULTURAS DE HERANÇA	70
3 PERTENCER OU NÃO PERTENCER? QUESTÕES QUE ENVOLVEM A NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS EM COMUNIDADES DE IMIGRANTES	78
3.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE NO MUNDO PÓS-MODERNO	78
3.2 DOM ERNESTO MONTAGNER: O PILAR DE SUSTENTAÇÃO DA COMUNIDADE DE IMIGRANTES ITALIANOS DE PEDRINHAS PAULISTA	81

3.3 PROTEÇÃO E FALTA DE LIBERDADE: A DICOTOMIA QUE PERMEIA A VIDA EM COMUNIDADE	96
3.4 CULTURA DE HERANÇA: PERTENCER OU NÃO PERTENCER? EIS A QUESTÃO.	109
4 <i>SAPORI DI MAMMA: STORIE E RICETTE</i>: UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA COMO RECURSO NA REVITALIZAÇÃO DA CULTURA DE HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA	136
4.1 COMUNIDADE DE PRÁTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM SOCIALMENTE CONSTRUÍDA	136
4.2 DO CURSO DE LÍNGUA DE HERANÇA AO NASCIMENTO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA DE COZINHA DE HERANÇA	142
4.3 <i>SAPORI DI MAMMA: STORIE E RICETTE</i> : COMO SE ORGANIZOU?	146
4.4 MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CULTURA DE HERANÇA REVITALIZADA ATRAVÉS DAS RECEITAS DE FAMÍLIA	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de doutorado, assim como minha pesquisa de mestrado, foi realizada na comunidade de imigrantes italianos da ex-colônia de Pedrinhas Paulista, pequena cidade com população estimada de 3.109 habitantes¹, situada no sudoeste do Estado de São Paulo, fundada no ano de 1952, por meio da última imigração italiana oficial ocorrida no Brasil, cidade em que vivo há quase trinta anos. Nossos imigrantes vieram para cá no período que sucedeu à Segunda Guerra Mundial, pois a Itália estava destruída e grande parte de seus habitantes, principalmente os camponeses, muitos deles com famílias numerosas, sofriam muitas privações, inclusive a de alimentos, razão pela qual o governo não via alternativa senão enviar parte dessa população a outros países, dentre eles o Brasil, onde pudessem se desenvolver economicamente, como podemos ver em Pereira (2002, p. 43):

Em suma, os fatores gerados pela Segunda Guerra Mundial estimularam e enriqueceram o clássico mecanismo de expulsão de excedentes populacionais levando a emigração a mais uma etapa de institucionalização.

Vale lembrar que a imigração de italianos para o Brasil beneficiava ambas as partes, uma vez que o Governo brasileiro tinha interesse na imigração para colonizar o interior do país, razão pela qual promulgou, em 18 de setembro de 1945, o Decreto-Lei nº 7.967, que a reconhecia como de utilidade pública e regulamentava a seleção de imigrantes no exterior.

O acordo entre Brasil e Itália foi firmado em 08/10/1949 e resolvia questões pendentes do Tratado de Paz de 10/02/47, que desvinculava todos os bens italianos bloqueados durante a Segunda Guerra. Nesse acordo, entre outras coisas, previa-se a criação da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, que se concretizou em 28/09/1950, e, por meio dela, em 08/10/1950, os primeiros recursos foram liberados (Pereira, 2002, p. 46).

A Companhia Brasileira de Colonização Italiana, durante pouco mais de um ano, preparou o local para a chegada dos primeiros colonos, desmatando, fazendo a divisão dos lotes de terra e dotando-os de infraestrutura mínima – casa de alvenaria com banheiro fora, coqueira, chiqueiro, galinheiro, um poço de água, local para armazenar os grãos, animais (vacas, boi, porcos, galo, galinhas) – para que ali pudessem viver, trabalhar e pagar pela terra, em dez parcelas anuais. Segundo relatos de alguns filhos de imigrantes, por causa da inflação, “as últimas parcelas foram pagas com a venda de três galinhas”² (Fornasier, 2018).

¹ Informações retiradas do site do IBGE.

² Informações colhidas por meio de entrevistas feitas a imigrantes de Pedrinhas Paulista/SP.

A fundação da colônia ocorreu em 21 de setembro de 1952, com o lançamento da pedra fundamental da Igreja Matriz, na presença de autoridades e do Vigário Geral, Monsenhor Ernesto Montagner, figura muito importante na colônia, o qual contribuiu muito para a permanência desses italianos no Brasil, dando-lhes assistência espiritual e social. De acordo com relatos dos próprios colonos, que tinham grande consideração e estima por ele, Dom Ernesto desempenhava na comunidade, além de suas funções de padre, também aquelas atribuídas a prefeito e delegado³.

Após apresentarmos esse breve panorama da história de formação da colônia italiana de Pedrinhas Paulista, passamos a descrevê-la do ponto de vista linguístico. Um fato histórico relevante acerca desse aspecto, que será tratado com maior profundidade no Capítulo 2 desta tese, é que a colônia recebeu, durante os 14 anos iniciais, cerca de 236 grupos familiares, desse total apenas 143 viviam em Pedrinhas em 1968, as demais haviam se mudado para outras regiões brasileiras ou retornado à Itália. Os imigrantes que compunham essas 143 famílias eram provenientes de 15 diferentes regiões, sendo que desse total 59 eram do Norte (*Piemonte, Lombardia, Emilia-Romagna, Trentino-Alto Adige, Venezia Giulia, Toscana e Veneto*); 43 vieram das regiões do centro (*Lazio e Umbria*); as 41 famílias restantes vieram de 6 regiões do sul (*Campania, Abruzzo e Molise, Basilicata, Puglia, Calabria e Sicilia*). O maior contingente dessas famílias é oriundo do *Veneto* (42), do *Lazio* (37), do *Abruzzo e Molise* (16). As províncias com maior representatividade populacional foram *Venezia (Veneto)* com 17 famílias, *Frosinone (Lazio)* com 27, *Chieti (Abruzzo e Molise)* com 10, *Avelino (Campania)* com 9, *Cosenza (Calabria)* com 7 e *Perugia (Umbria)* com 5 (Pereira, 2002, p. 55-56).

Tendo em vista essa diversidade linguística que se apresentava na colônia de Pedrinhas e cientes de que os dialetos regionais italianos são muito diferentes, podemos inferir que, nos primeiros tempos, a comunicação não só com os brasileiros, mas também entre os próprios imigrantes não tenha sido tarefa fácil, uma vez que poucos sabiam falar o *italiano standard*. Durante a coleta de dados para a pesquisa de mestrado, verificou-se que o italiano standard era falado apenas por imigrantes que frequentaram a escola na Itália, ou seja, crianças e jovens, os adultos falavam somente o dialeto da região de origem. Os dialetos foram transmitidos aos filhos, nascidos na Itália e no Brasil, e aos netos, que os tiveram como língua materna até o momento em que passaram a frequentar a escola, sendo expostos ao português, momento em que passaram a ser bilingües. O que se observou foi que são raros os netos de imigrantes que aprenderam o dialeto de sua família, muitos apresentam níveis diversos de com-

³ Por ter desempenhado um papel muito importante na formação e manutenção da comunidade de Pedrinhas Paulista, dedicaremos a ele uma seção no terceiro capítulo desta tese.

preensão tanto do dialeto familiar (regional) como do italiano standard. Destacamos ainda, neste contexto linguístico, a presença da variante linguística *italo-pedrinhense* identificada por Castro (2002) em sua pesquisa de Doutorado junto à mesma comunidade.

Com o passar dos anos e dos governos, algumas iniciativas foram sendo tomadas, numa tentativa de revitalizar a língua e a cultura dos imigrantes como, por exemplo, a introdução do ensino de italiano na grade curricular da Escola Municipal de Ensino Fundamental em 2003, oferecido do primeiro ao quinto ano, em aulas semanais de 1 hora e 30 minutos. Nesse mesmo ano também passou a ser oferecido um curso de língua italiana para adultos no período noturno, o qual deixou de ser oferecido por falta de público, de acordo com relatos da última professora que lecionou para o curso. A partir de 2018, o italiano passou a ser oferecido também para crianças de 4 a 5 anos na Escola Municipal de Ensino Infantil.

Além dessas iniciativas em favor da revitalização linguística tomadas pela prefeitura, ao longo de alguns governos, observamos ainda mais exemplos de valorização da cultura italiana no município: a execução de um projeto arquitetônico que envolveu diversos prédios públicos da cidade, dando-lhes características da arquitetura greco-romana, típica de construções históricas na Itália; a construção do Memorial ao Imigrante Italiano, localizado na Praça da Igreja Matriz, cujo padroeiro é *San Donato*; a presença de uma réplica da estátua de Romulo e Remo com a Loba Capitolina, no coração da Praça Roma; a construção de um Portal Turístico na entrada da cidade, com colunas romanas, sobre o qual tremulam as bandeiras brasileira e italiana; e a criação do Museu do Imigrante, em 2003; recentemente, 2019/2023 a construção de um centro de eventos a céu aberto, também na Praça Roma, uma espécie de concha acústica com um palco no centro que se parece ao Coliseu romano. É importante dizer que todas essas ações são parte de um projeto, iniciado na terceira gestão⁴ do município, que tinha como objetivo tornar a cidade uma instância turística, valorizando nela sua característica mais peculiar, a presença da comunidade de imigrantes italianos, com sua língua, dialetos e tradições. Por todas essas características da estrutura física da cidade e pelo fato de ainda se falar o italiano, os dialetos e a variante italo-pedrinhense (Castro, 2002) em espaços públicos, ao chegar à cidade, um visitante facilmente percebe que se trata de uma comunidade de imigrantes italianos.

⁴ Pedrinhas Paulista viveu como núcleo colonial até 14/05/1980, quando foi elevada a distrito, e teve sua emancipação político-administrativa em 30/12/1991 (Dados do IBGE).

Podemos destacar ainda outras iniciativas que contribuem significativamente para a revitalização linguística e cultural em Pedrinhas: a instituição da comemoração do dia do Imigrante Italiano de Pedrinhas Paulista, celebrado todo dia 13 de novembro; além de festas típicas – como a Festa Italiana, realizada há mais de 30 anos, atualmente promovida pelo Jardim da Infância, e a Festa Vênetá, realizada há dezesseis anos; a presença do Grupo de *Tarantella Figli D'Italia*, entre outras.

Contudo, o que notamos é que, apesar do grande esforço feito pelo município em revitalizar a língua e a cultura italianas na ex-colônia através da introdução do italiano na Escola Municipal de Ensino Fundamental e nas Escolas Municipais de Ensino Infantil, dando incentivo à manutenção do grupo de *Tarantella Figli d'Italia*, entre outras iniciativas, a competência comunicativa de seus membros não tem sido alcançada.

Foi nesse contexto que nosso grupo de pesquisa implantou, em 2016, o curso *Italiano como Herança*, que foi uma das maiores fontes de dados para vários pesquisadores da USP. Através dele, foram desenvolvidas: uma pesquisa de Livre-docência (Ortale, 2016); uma pesquisa de doutorado (Corrias, 2019); duas pesquisas de mestrado (Fornasier, 2018) e (Mattos, 2019). O curso serviu ainda como fonte de dados para esta pesquisa de doutorado.

O objetivo do projeto⁵, que ainda está em vigor na comunidade, é desenvolver a competência comunicativa dos alunos (membros da segunda e terceira geração de descendentes de imigrantes italianos e brasileiros que consideram o italiano uma língua de herança), revitalizar a cultura italiana e despertar, em todos, o desejo e a responsabilidade de transmitirem a língua e a cultura de herança às futuras gerações.

Ao longo do curso de Língua de Herança (doravante LH) pudemos observar a grande importância que os alunos davam às histórias de vida trazidas pelos colegas de turma e pelos imigrantes italianos convidados a darem depoimentos sobre os temas tratados nas Unidades Temáticas do material (produzido por nosso grupo de pesquisa e sensível ao contexto), inclusive às próprias histórias de vida.

Pudemos observar que essas histórias constituíam um dos elementos mais importantes no curso, fortalecendo os laços que os alunos possuíam com a origem italiana.

⁵ O projeto *Italiano como Herança* envolve o curso de LH, encontros mensais dos alunos com a comunidade, atividades da comunidade de prática *Sapori di Mamma: storie e ricette*, participação dos alunos em festividades da comunidade com apresentações de números de música entre outras. Mesmo que atualmente o curso de Língua de Herança não seja ofertado, as demais atividades continuam a ser promovidas.

Com o curso de LH conseguimos atingir o objetivo de melhorar a competência comunicativa dos estudantes. Aqueles que iniciaram o curso com pouca compreensão da língua melhoraram significativamente a escuta e começaram a desenvolver sua competência comunicativa; aqueles que já tinham boa compreensão da língua obtiveram um avanço ainda maior em direção à competência comunicativa. Conseguimos também despertar no grupo a responsabilidade na revitalização da(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança no município, fato que se comprova pela adesão de três alunas ao projeto *Italiano como Herança*, as quais passaram a atuar como colaboradoras em um curso de culinária típica regional italiana, iniciado em agosto de 2019. No entanto, atingir esse objetivo com alguns membros da segunda e da terceira geração não garante a revitalização da língua e da cultura italiana na comunidade. É necessário ainda que esse trabalho também alcance outros membros da comunidade para que, se não todos, mas grande parte desses membros integre o projeto e adquira a responsabilidade de manterem vivas a(s) língua(s) e a(s) cultura(s) de herança na comunidade.

Após concluirmos a primeira etapa do projeto, ou seja, trabalharmos os quatro Módulos do curso de LH com o primeiro grupo, continuamos a trabalhar o italiano como LH com dois novos grupos, com integrantes da segunda e da terceira geração. Entretanto, como já era esperado, não conseguimos utilizar integralmente o material elaborado com esses novos grupos, pois compreendemos que, embora pertençam à mesma comunidade e à mesma história de imigração, cada grupo possui características e interesses singulares, de modo que o material teve de ser reelaborado conforme esses interesses para que atingíssemos os nossos objetivos. Os temas foram mantidos, bem como o uso de materiais coletados junto à comunidade, o que mudamos foi a ordem dos temas trabalhados e a metodologia de ensino, houve ainda a introdução de novos textos (verbais e não verbais) que também dialogavam com o escopo do projeto. Nosso grande desafio nesta pesquisa de doutorado foi o de estimular o surgimento de comunidades de prática que pudessem contribuir para a manutenção da(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança na comunidade de imigrantes de Pedrinhas Paulista, dentro ou fora dos cursos de LH. Neste trabalho, além de contribuirmos com a coleta e análise de novos dados históricos sobre a ex-colônia italiana de Pedrinhas Paulista, através da Metodologia da Pesquisa Documental (Cellar, 2012), também relataremos e analisaremos o surgimento de uma comunidade de prática – o curso de culinária típica italiana *Sapori di mamma: storie e ricette*, que teve seu início ainda no curso de LH, mas que se desenvolveu fora dele – bem como suas contribuições para a revitalização de língua(s) e cultura(S) de herança, apoiados nas teorias de Comunidade de

Prática (Wenger, 1998, 2015); de Língua de Herança (Ortale, 2016); de Cultura de Herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022); de Cozinha de Herança (Azevedo & Ortale, 2019); de Lugar e Não Lugar (Augé, 2012); da Metodologia da História Oral (Meihy, 1994, 2015) e nos conceitos de Identidade (Bauman, 2005; Hall, 2003) e comunidade (Bauman, 2003).

Para que se tenha uma real ideia da relevância da comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, no que diz respeito à riqueza de seu contexto geográfico/histórico/social/cultural para pesquisas acadêmicas, destacaremos os principais trabalhos⁶ já realizados no contexto desta comunidade até o momento, em diversas áreas do conhecimento, os quais serão relacionados em ordem cronológica:

1. JÚNIOR, Luís de Castro Campos. *O cooperativismo no Vale do Paranapanema – Estudo das Cooperativas: Riograndense, Agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota*. (1980-1995). 01/12/**1997** 312 f. Doutorado em HISTÓRIA, Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo – Biblioteca Depositária: UNESP/FCL/ASSIS.
2. CASTRO, Giliola Maggio de. *Pedrinhas Paulista: memória e invenção*. 01/08/**2002** 208 f. Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA). Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Biblioteca Depositária: CAPH/USP.
3. ALCADES, Danusa Rodrigues. *Eles fizeram a América: a saga dos imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista*. 01/06/**2003** 112 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, Biblioteca Depositária: FFC/UNESP/MARÍLIA
4. GOUVEIA, Marivaldo. *Terra Nostra em mudança: identidade étnica, identidade religiosa e pluralismo religioso numa comunidade italiana do interior paulista*. 01/05/**2005** 107 f. Mestrado em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo, Biblioteca Depositária: Biblioteca Central George Alexander.
5. RIBEIRO, Jader Picanço. *Avaliação energética da secagem combinada de milho na região de Pedrinhas Paulista/SP*. 01/09/**2005** 59 f. Mestrado em

⁶ Esses trabalhos foram encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, através de busca pela palavra-chave “Pedrinhas Paulista”. O conteúdo pode ser acessado a partir de: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>.

- AGRONOMIA (ENERGIA NA AGRICULTURA). Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu/SP, Biblioteca Depositária: Prof. Paulo de Carvalho Mattos – FCA/UNESP – Botucatu.
6. FERNANDES, Liana Laganá. *Língua e alimentação: dois elementos da identidade italiana em Pedrinhas Paulista*. 01/06/**2006** 110 f. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA) Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes.
 7. MARCHETI, Tania Cristina Impocetto. *Estratégias e Empreendedorismo no setor público: uma análise do município de Pedrinhas Paulistas*. 01/12/**2008** 151 f. Mestrado em EDUCAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade São Marcos, São Paulo, Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE SÃO MARCOS.
 8. NAPUTANO, Marcelo. *Identidades culturais em imigrantes de segunda geração – “Os filhos de Pedrinhas”*, 2012, 144 P. 01/12/**2012** 144 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, Assis/SP, Biblioteca Depositária: FCL – UNESP/ASSIS.
 9. ORTALE, Fernanda Landucci. *A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria*. Tese de Livre-docência. Universidade de São Paulo. São Paulo, **2016**, 163 f.
 10. FORNASIER, Rosangela Maria Laurindo. *A produção de material didático para o ensino de italiano como língua de herança na perspectiva Pós-Método*. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS). Universidade de São Paulo. São Paulo, **2018**, 202 f. Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes.
 11. CORRIAS, VINICIO. *Abrindo caminhos para o italiano língua de herança no Brasil: formação de professores na perspectiva Pós-Método*. 27/03/**2019** 240 f. Doutorado em LETRAS (LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA

ITALIANAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes

12. MATTOS, Tatiana Iegoroff de. *A música no imaginário italo-pedrinhense: o pós-método no ensino e na revitalização da língua de herança*. Mestrado em LETRAS (LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ITALIANAS). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019, 172 f. Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes.

Destacamos ainda a relevância desta comunidade por meio de muitas reportagens⁷ já publicadas nos meios de comunicação mais utilizados, como a televisão, a internet e o jornal impresso:

- a) Pedrinhas Paulista é a capital italiana do estado (Reportagem exibida em programa televisivo Antena Paulista, da Rede Globo e encontrado também no site do G1 São Paulo). Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/videos/t/antena-paulista/v/pedrinhas-paulista-e-a-capital-italiana-do-estado/5751541/>.
- b) Festa típica italiana é atração em Pedrinhas Paulista (Reportagem exibida em Jornal Regional da TV Globo e também disponível no site do G1 Bauru Marília). Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/videos/v/festa-tipica-italiana-e-atracao-em-pedrinhas-paulista/7826286/>.
- c) Conheça as tradições da cultura italiana que são preservadas em Pedrinhas Paulista (Reportagem transmitida pelo jornal televisivo Bom dia Cidade e também disponível no site G1 Bauru Marília). Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/bom-dia-cidade/videos/v/conheca-as-tradicoes-da-cultura-italiana-que-sao-preservadas-em-pedrinhas-paulista/5766772/>.
- d) Recortes de Pedrinhas Paulista – Um pedacinho da Itália no Brasil – 4K (Vídeo encontrado no Canal do Youtube *Caminho Traçado*). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MnU6BITxrJo>.

⁷ Essas reportagens são apenas as mais relevantes encontradas por meio de site de busca na Internet. Acesso feito em 22/04/2020.

- e) Pedrinhas Paulista realiza festa em homenagem a São Donato (Reportagem exibida no Jornal Regional Tem Notícia da Rede Globo e também disponível no site G1 Bauru Marília). Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/videos/v/pedrinhas-paulista-realiza-festa-em-homenagem-a-sao-donato/7825042/>.
- f) Pedrinhas Paulista recebe título de Município de Interesse Turístico – Considerada pelos moradores como a “Roma brasileira”, cidade preserva a cultura e as tradições da colonização italiana (Notícia encontrada no site do Governo do Estado de São Paulo). Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/pedrinhas-paulista-recebe-titulo-de-municipio-interesse-turistico/>.
- g) Incêndio atinge prédio histórico usado para eventos em Pedrinhas Paulista (Reportagem disponível no site G1 Bauru Marília). Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/incendio-atinge-predio-historico-usado-para-eventos-em-pedrinhas-paulista.ghtml>.
- h) Evento italiano em Pedrinhas Paulista elege o maior comedor de macarrão (Reportagem disponível no site G1 Bauru Marília). Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/08/evento-italiano-em-pedrinhas-paulista-elege-o-maior-comedor-de-macarrao.html>.
- i) #DestinoDaSemana: Pedrinhas tem cultura italiana no interior paulista – A 480 km da capital, cidade possui arquitetura greco-romana marcada por grandes arcos e monumentos, além de natureza exuberante (Reportagem disponível no site do Governo do Estado de São Paulo). Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/pedrinhas-tracos-da-cultura-italiana-em-pleno-interior-paulista/>.

Embora tantos trabalhos importantes, nas diversas áreas do conhecimento, tenham sido realizados sobre essa ex-colônia italiana, trata-se de uma fonte não esgotada, ao contrário, existe ainda um campo vasto a ser explorado que requer o olhar atento de novos pesquisadores.

1 PERCURSO DA PESQUISA: ELABORANDO PERGUNTAS E DELINEANDO OS CAMINHOS

1.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

O contexto desta pesquisa foi detalhadamente exposto na introdução desta tese, razão pela qual optamos por não o repetir nesta seção. Adicionaremos, entretanto, algumas fotografias⁸ da cidade de Pedrinhas Paulista, as quais ilustram parte do que foi relatado sobre o contexto de pesquisa no introito deste trabalho.

Imagem 1. Teatro Municipal de Pedrinhas Paulista



Fonte: arquivo pessoal.

⁸ Todas as fotografias são de autoria da pesquisadora.

Imagem 2. Câmara Municipal de Pedrinhas Paulista



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 3. Centro Cultural de Pedrinhas Paulista
(onde se encontra a Biblioteca e o Museu dos Pioneiros)



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 4. Lateral da Igreja Matriz de San Donato



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 5. Memorial do Imigrante Italiano e vista frontal da Igreja Matriz



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 6. Réplica da estátua da Loba Capitolina (Praça Roma)



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 7. Memorial dos Pioneiros Brasileiros



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 8. Praça Monsenhor Ernesto Montagner



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 9. Portal de entrada de Pedrinhas Paulista
(perspectiva de quem sai da cidade)



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 10. Agência dos Correios



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 11. Construção da Arena de Eventos Coliseu
(localizada na Praça Roma)



Fonte: arquivo pessoal.

1.2 OBJETIVOS E PERGUNTAS DIRECIONADORAS DA PESQUISA

O objetivo geral deste projeto de pesquisa de doutorado é contribuir para a revitalização e manutenção da(s) língua(s) e cultura(s) de herança da comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista: por meio de nova coleta e análise de dados históricos (pesquisa documental), junto ao acervo da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, que possam ajudar a contar a história de formação do município; e através da formação de uma comunidade de prática de cozinha de herança.

Tendo em vista que nosso objetivo geral se divide em duas frentes, nossos objetivos específicos também se desdobrarão nesses dois aspectos:

1. Nossa investigação documental sobre a formação da colônia tem os objetivos de:
 - a) Identificar as regiões, províncias e *comunes* de proveniência das famílias que viveram na colônia até o ano de 1968 (data do término da pesquisa de João Batista Borges Pereira), identificando-as pelos sobrenomes;
 - b) Confrontar a lista de famílias que viviam na colônia de Pedrinhas no ano de 1968 com a lista de contribuintes do IPTU do município no ano de 2023 para chegar ao número exato de famílias de imigrantes italianos que ainda vivem no município até o presente momento (dado nunca gerado);
 - c) Desenhar o atual quadro linguístico do município e observar as mudanças sofridas de 1968 a 2023.
2. Para identificarmos as contribuições que a formação de comunidades de prática pode trazer para a revitalização de línguas e culturas de herança devemos:
 - a) Identificar quais são os elementos essenciais que constituem uma comunidade de prática;
 - b) Compreender o papel da interação intergeracional na construção de uma comunidade de prática em contexto de herança;
 - c) Identificar o papel das histórias de vida dentro de uma comunidade de prática, de modo a contribuir para a revitalização linguística e cultural de herança.

Para atingirmos os objetivos propostos nesta pesquisa, foi elaborada inicialmente a seguinte questão norteadora: *Como a formação de comunidades de prática pode contribuir para a revitalização linguística e cultural em contexto de herança?*

Para respondermos à pergunta norteadora fizemos as seguintes subperguntas:

1. Quais são os elementos necessários para a formação de uma comunidade de prática em uma comunidade de imigrantes?
2. Qual o papel da interação intergeracional na formação de uma comunidade de prática em contexto de herança?
3. Em que medida a História Oral contribui para a formação de uma comunidade de prática em contexto de herança?

1.3 ABORDAGEM QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO

Esta pesquisa propõe uma investigação qualitativa (Lüdke e André, 1986), pautada no paradigma fenomenológico-interpretativo (Amado, 2014) e se configura como um estudo de caso (Coutinho e Chaves, 2002). Seus participantes são: a pesquisadora (proponente desta pesquisa); os alunos do curso de culinária típica italiana (membros da segunda e terceira geração de descendentes de italianos e brasileiros moradores do município que se identificam com a língua e com a cultura italiana); as colaboradoras do curso de culinária; e a professora-pesquisadora. Os membros da segunda geração estão na faixa etária entre 45 e 60 anos e os membros da terceira geração apresentam idades que variam de 15 a 35 anos.

De acordo com Amado, existem dois paradigmas de investigação: o hipotético-dedutivo e o fenomenológico-interpretativo. Ainda que apresentem concepções diferentes sobre o ser humano, a sociedade e a ciência, esses paradigmas apresentam um traço comum: uma ideia de verdade como representação do “mundo” (ainda que por tal apresentem conceitos diferentes) e a preocupação e o esforço no exercício de verificar a validade do conhecimento que na sua base se produz (Amado, 2014, p. 33).

O paradigma hipotético-dedutivo se caracteriza por uma investigação que parte da teoria, passa pelo teste experimental e (ou) estatístico de hipóteses prévias, buscando-se evidências empíricas que as corroborem ou invalidem. Nesta perspectiva, o principal objetivo do conhecimento é estabelecer relações causais entre as variáveis de um determinado fenômeno (Amado, 2014, p. 33).

Já o paradigma fenomenológico-interpretativo se opõe ao primeiro, uma vez que nesse tipo de investigação é priorizada a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, representações, perspectivas, concepções –, construídas pelo ser humano. Quando se usa esse paradigma de investigação, tudo aquilo que faz sentido e o modo como faz sentido para o sujeito investigado dentro de uma determinada realidade é levado em consideração (Amado, 2014, p. 40-41).

O caráter qualitativo desta pesquisa encaixa-se, portanto, na perspectiva do paradigma fenomenológico-interpretativo, uma vez que os sentimentos, as opiniões, os valores e crenças de seus participantes serão considerados durante a análise dos dados colhidos para a construção do novo conhecimento.

De acordo com Amado (2014, p. 41), a investigação qualitativa assenta-se em uma visão holística da realidade (ou problema) a ser analisada, sendo considerado neste processo o contexto natural (histórico, socioeconômico e cultural).

Essa definição de investigação qualitativa proposta por Amado (2014) dialoga com aquela proposta por Lüdke e André (1986), que, para refletir sobre a pesquisa qualitativa, trazem as ideias de Bogdan e Biklen.

De acordo Bogdan e Biklen (1982), uma pesquisa pode ser classificada como qualitativa quando tem como fonte direta de dados o ambiente natural e o pesquisador o seu principal instrumento, mantendo um contato direto e prolongado com esse ambiente e a situação investigada. Os dados coletados são predominantemente descritivos, o material obtido é rico em descrição de pessoas, situações, acontecimentos, transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, extratos de vários tipos de documentos. Nesse tipo de investigação, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto em si. O interesse do pesquisador em estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, procedimentos e interações cotidianas, levando-se muito em conta o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, ou seja, é priorizada a perspectiva dos participantes.

Dentre as várias formas que uma abordagem qualitativa pode assumir, destacamos o estudo de caso para esta pesquisa. Esta abordagem metodológica trata de um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o “caso” (Coutinho e Chaves, 2002, p. 223). O “caso” a ser investigado pode ser um indivíduo, um personagem, uma organização ou mesmo uma nação; pode ser ainda uma decisão, um processo, um incidente, um acontecimento etc. No estudo de caso, a finalidade da pesquisa é sempre holística, ou seja, visa preservar e compreender o “caso” na sua totalidade.

Nesta pesquisa, o caso a ser investigado é o processo de formação de uma comunidade de prática, por meio desta análise serão identificadas as contribuições que a formação dessa comunidade de prática, materializada em um curso de culinária típica italiana, que se formou no município de Pedrinhas Paulista, pode trazer para a revitalização e manutenção da(s) língua(s) e cultura(s) de herança de imigrantes italianos dessa comunidade.

Acreditamos que o caso investigado neste trabalho apresente as cinco características da abordagem metodológica proposta por Coutinho e Chaves (2002, p. 224), sendo elas:

- a) O caso é um sistema limitado — logo tem fronteiras em termos de tempo, eventos ou processos;
- b) Deve ser um caso sobre “algo”, que há que identificar para conferir foco e direção à investigação;
- c) Tem de haver sempre a preocupação de preservar o carácter único, específico, diferente, complexo do caso;
- d) A investigação decorre em ambiente natural;
- e) O investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha muito diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registos áudio e vídeo, diários, cartas, documentos etc.

Acerca das cinco características mencionadas acima, destacamos que esta investigação ocorreu em ambiente natural – no seio da comunidade da ex-colônia de Pedrinhas Paulista/SP, junto à comunidade de prática *Sapori di mamma: storie e ricette* (composta por membros da segunda e terceira geração de descendentes de imigrantes italianos e por brasileiros que se identificam com a cultura italiana) em suas atividades dentro e fora do curso de culinária – e preserva o carácter único, específico, diferente e complexo do caso, uma vez que observa a relevância da formação dessa comunidade de prática para a revitalização da língua e da cultura italiana na comunidade.

A coleta de dados para o presente estudo de caso foi realizada num período de aproximadamente quatro anos, de agosto de 2019 a julho de 2023. As primeiras ideias para a formação da comunidade de prática supracitada surgiram no último semestre do curso de LH, mais precisamente no primeiro semestre de 2018. Com o final do curso, algumas alunas começaram a pensar em uma maneira de continuarmos nossos encontros semanais e foi nesse contexto que essas primeiras ideias da criação dessa comunidade de prática ganharam força e contornos, tendo o início do curso de culinária em 02 de setembro de 2019. Foram utilizadas múltiplas fontes para a coleta de dados, tais como: documentos do acervo histórico da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana salvaguardados pelo Centro Cultural e Museu de Pedrinhas Paulista; documentos oficiais do município; registros de reuniões feitas através de conversas no grupo de WhatsApp entre as colaboradoras do curso e a professora pesquisadora; registros escritos sobre os encontros do curso de culinária feitos pelas colaboradoras, em especial os registros da colaboradora Vanda (responsável pelo registro e organização das receitas e

das histórias trazidas pelas cozinheiras que ensinaram suas receitas); questionários aplicados às participantes da comunidade de prática; questionários aplicados a membros da segunda geração nascida no Brasil e anotações do diário reflexivo da pesquisadora.

Feita a exposição das bases teóricas da pesquisa qualitativa e do estudo de caso, passamos agora à descrição dos participantes da pesquisa.

1.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1.4.1 A professora pesquisadora

A professora pesquisadora, autora desta tese, graduou-se em Letras Licenciatura Português/Italiano em 2000, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis/SP. Tornou-se Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo – USP, em 18/01/2018. Ensinou Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em uma escola privada da região onde mora por doze anos. Ensinou língua italiana nesta mesma escola como matéria optativa (fora da grade curricular) por quatro anos. Vive em uma ex-colônia italiana no interior do Estado de São Paulo, onde desenvolveu seu projeto de mestrado, com o objetivo revitalizar a(s) língua(s) e cultura(s) de herança dessa comunidade de imigrantes italianos, por três anos ministrou as aulas do curso *Italiano como Herança*, participando também da produção do material didático para o curso. Participou do projeto *Riquezas da nossa terra* junto ao município de Pedrinhas Paulista, onde ministrou aulas sobre cultura brasileira e cultura italiana para alunos do Ensino Fundamental I. Trabalhou durante o ano de 2019 junto à UNESP de Assis/SP como professora substituta do magistério superior, lecionando nas seguintes disciplinas: Metodologia de ensino de língua estrangeira III e IV; TICs e o ensino de línguas; Métodos e estudos e pesquisa em educação. Atua como professora substituta do magistério superior na Universidade Federal do Paraná, desde março de 2022, lecionando nas disciplinas de língua italiana (II, IV e V), Morfologia da Língua Italiana, Fonética e Fonologia da Língua Italiana, História e Geografia da Itália e Oralidade em Língua Italiana.

1.4.2 As colaboradoras

As colaboradoras são quatro membros da segunda geração de descendentes de imigrantes italianos que apresentam uma boa proficiência em língua italiana e que foram as organizadoras e responsáveis pelo curso de culinária típica italiana no município de Pedrinhas Paulista. Elas apresentam idades entre 50 e 60 anos. Das quatro colaboradoras, duas são professoras de língua portuguesa e língua inglesa, ambas aposentadas, uma, porém, ainda ativa; uma é analista de sistemas; uma é proprietária de restaurante. Das quatro, três são proficientes nos dialetos regionais, sendo duas descendentes de imigrantes vênnetos, uma filha de mãe vêneta e pai friulano (a que não fala o dialeto) e uma com pais provenientes do Lazio. Todas praticam a culinária regional aprendida no seio da família.

1.4.3 Os participantes da comunidade de prática *Sapori di mamma: storie e ricette*

Os alunos e ex-alunos do curso *Italiano como Herança* e outros membros da comunidade de Pedrinhas Paulista, parte deles com ascendência italiana e parte com ascendência brasileira, mas que se identificam com a língua e com a cultura italiana. Trata-se de 20 participantes, que apresentam idades entre 35 e 65 anos.

1.4.4 Os membros da Terceira Geração

São 15 jovens entre 15 e 35 anos, netos de italianos fundadores da colônia de Pedrinhas Paulista, alguns vivem na cidade, outros foram morar fora para cursar uma faculdade, outros vivem em outras cidades por motivos de trabalho. Todos possuem genitores e avós que vivem em Pedrinhas. Esses jovens não participam de nenhuma das atividades propostas pelo projeto *Italiano como Herança* e foram entrevistados para falar sobre seus sentimentos em relação à comunidade e suas responsabilidades na revitalização de sua(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança, em contexto familiar. Embora não sejam participantes ativos nesta pesquisa, uma vez que não participam da comunidade de prática investigada, consideramos muito importante consultá-los sobre como se sentem como participantes dessa comunidade de imigrantes italianos, se possuem o desejo de revitalizar esse patrimônio cultural de que são herdeiros e como imaginam fazê-lo.

1.5 INSTRUMENTOS PARA GERAÇÃO DE DADOS

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa:

- a) Análise de documentos históricos deixados pela Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana com salvaguarda do Museu dos Pioneiros de Pedrinhas Paulista;
- b) Conversas dos Grupos de WhatsApp: Grupo com as colaboradoras; Grupo da comunidade de prática;
- c) Questionários aplicados aos participantes da comunidade de prática;
- d) Anotações sobre o andamento do curso de culinária feitas por uma das colaboradoras;
- e) Gravações em vídeo de encontros com os participantes da comunidade de prática;
- f) Questionários aplicados a membros da terceira geração de descendentes de imigrantes;
- g) Depoimentos de membros da terceira geração de descendentes de imigrantes, colhidos no momento da aplicação de questionários;
- h) Anotações dos diários reflexivos da pesquisadora e das colaboradoras.

Para melhor compreensão dos instrumentos para coleta de dados, bem como os dados gerados para análise, segue um quadro resumido de ambos:

Quadro 1. Instrumentos para geração de dados

Período da coleta	Instrumento utilizado	Público investigado / Dados
De janeiro de 2018 a julho de 2023	Anotações do diário reflexivo da pesquisadora	Colaboradoras do curso de culinária
De agosto de 2019 a julho de 2023	Conversas de Grupo de WhatsApp do curso <i>Sapore di mamma: storie e ricette</i>	Todos os participantes do curso (pesquisadora, colaboradoras e alunas/professoras) / Conversas entre os participantes sobre o planejamento do curso e posteriormente sobre as aulas
De agosto de 2019 a julho de 2023	Anotações e reflexões das colaboradoras	Todos os participantes do curso (pesquisadora, colaboradoras e alunas/professoras) / reflexões das colaboradoras sobre o curso
11/12/2019	Gravações em vídeo do I Encontro de Culinária Típica Italiana de Pedrinhas Paulista – <i>Sapore di mamma: storie e ricette</i>	Todos os participantes do curso (pesquisadora, colaboradoras e alunas/professoras)
18/01/2020	Questionário de pesquisa	Jovens entre 15 e 35 anos, pertencentes à segunda geração de descendentes de imigrantes italianos nascidos no Brasil
09/03/2020	Questionário aplicado aos participantes do curso de culinária	Participantes do curso de culinária

Quadro 2. Encontros do curso *Sapori di Mamma: Storie e Ricette*

Data do encontro	Receita ensinada	Gli insegnanti
02/09/2019	<i>Gnocchi al pesto</i> <i>Gnocchi alla Besciamella</i>	<i>Signora</i> Elena Romano E sua <i>figlia</i> Marina
17/09/2019	<i>Spaghetti alla Bolognese</i> <i>Tagliarini al sugo di Broccoli</i>	<i>Signora</i> Silvana Terilli Franco E sua <i>nuora</i> Maria Caterina
30/09/2019	<i>Risotto ai Funghi</i>	<i>Signora</i> Maria Antonietta Medea Tombolato e sua <i>figlia</i> Mirian
07/10/2019	<i>Melansane Ripiene (al forno e cotte nel sugo bolognese)</i>	<i>Signora</i> Maria Grazia Lecce Tovo e sua <i>figlia</i> Luana
21/10/2019	<i>Pollo con polenta</i>	<i>Signora</i> Loredana Tambolato
04/11/2019	<i>Pane ripiene con salsiccia e con olive</i>	<i>Signora</i> Maria Grazia Di Raimo Di Trocchio e sua <i>figlia</i> Antonietta
25/11/2019	<i>Rotolato di Natale</i>	<i>Signora</i> Francesca Tovo Bianco e sua <i>nuora</i> Lia
11/12/2019	I Encontro de Culinária Italiana de Pedrinhas Paulista	Participantes da comunidade de Prática <i>Sapori di Mamma: Storie e Ricette</i> (com a participação de professoras da USP/SP e UFPR/PR, pesquisadores da USP/SP e autoridades locais. Neste encontro cada participante levou um prato preparado com uma receita de família. O tema da culinária foi discutido através de palestras e conversas.
16/05/2021	<i>Pinza (Pinsa)</i>	<i>Signora</i> Venerina Fornasier
24/05/2021	<i>Minestra di Stracciatella</i>	<i>Signora</i> Silvana Romano
01/06/2021	<i>Pizza Tuccilli</i>	<i>Le partecipanti:</i> Maria Civita Tuccilli Beccegato e Maria Civita Tuccilli Zandonadi
14/03/2023	<i>Fileja (pasta calabrese) al sugo di salsiccia</i>	<i>La partecipante/collaboratrice</i> Marina Romano
09/07/23	<i>Canederli (minestra di palle di pane – impastate con pane, latte, salsiccia e formaggio)</i>	Mario Brentegani (<i>marito della partecipante</i> Flórida Di Nallo Brentegani)

Como referencial teórico para análise dos dados colhidos para esta pesquisa, foram utilizados estudos sobre Língua de Herança (Ortale, 2016), Competência Intercultural (Samovar e Porter, 2010), Conceito de Comunidade (Bauman, 2003) e de Identidade (Bauman, 2005 e Hall, 2003), História Oral (Meihy, 1994, 2015), metodologia da Análise Documental (Cellard, 2012), Pedagogia Pós-Método (Kumaravadivelu, 2003, 2006) e Comunidades de Prática (Wenger, 2015).

1.6 METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

A História Oral foi adotada como metodologia nesta pesquisa de doutorado não apenas para coleta e análise de dados, como também foi utilizada enquanto metodologia para a captação de histórias e receitas durante o processo embrionário e, posteriormente, de implementação do curso de culinária da comunidade de prática *Sapori di mamma: storie e ricette*, que resultará, num futuro próximo, em um documento – livro com todas as receitas tradicionais italianas compartilhadas por seus membros ou por parentes de seus membros.

A História Oral de que tratamos nesta seção é aquela proposta por José Carlos Sebe Bom Meihy (1994), a qual, de acordo com o autor, vai para além das formas amadorísticas de captação de entrevistas. Ela implica metodologia, responsabilidades documentais e um posicionamento de quem a utiliza no momento da conversão desses dados captados em texto (documento). Diferente da oralidade, que não apresenta escopo de pesquisa, configurando-se apenas como um mero registro de informações orais feitos por qualquer pessoa, essa metodologia exige, portanto, a elaboração de um projeto, com objetivos e percurso bem definidos, culminando na elaboração de um documento, que posteriormente deve ser devolvido à comunidade investigada e a quem mais possa interessar (neste caso, à comunidade científica).

No contexto de pesquisa qualitativa (Lüdke e André, 1986) e (Amado, 2014), que propõe a análise dos dados a partir da perspectiva dos sujeitos, como ocorre neste estudo de caso (Coutinho e Chaves, 2002), a Metodologia da História Oral (Meihy, 1994; Meihy e Holanda, 2015) configura-se como um importante instrumento para a coleta e análise de dados. Ao definir a História Oral, Meihy destaca que se trata de um método complexo, que se manifesta desde a elaboração de um projeto até a sua conclusão, com a publicação do texto (resultado da pesquisa). Vejamos o que diz o autor:

História Oral é, pois, mais que uma conversa mediada pelo gravador. História Oral deriva de um método complexo e arrola particularidades que vão desde a organização de um projeto até um compromisso de publicação do texto devolvido à comunidade imediata que o gerou e a seu contexto mais amplo. É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a história Oral difere de outros trabalhos ligados a entrevistas (Bom Meihy, 1994, p. 55).

Meihy divide a História Oral em três gêneros: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. Observemos como o autor define cada uma dessas três vertentes:

- a) A História Oral de Vida configura-se como o registro de experiências pessoais e metodologicamente obedece a um procedimento caracterizado por entrevistas livres, sem o uso de questionários ou perguntas diretamente

indutivas. Os registros dessas histórias orais de vida constituem geralmente longas gravações que captam a experiência de vida de um indivíduo. O caráter individual desses registros é essencial e cada pessoa deve ser tratada como um caso específico e singular. Tanto a exatidão dos dados colhidos quanto as informações dadas pelo depoente sobre detalhes de sua vida apresentam relativa importância, já que há situações em que se torna mais relevante a subjetividade e a essência de uma experiência que um dado exato.

- b) A História Oral Temática refere-se ao testemunho e à abordagem sobre algum tema específico. Neste gênero da História Oral, a experiência individual apresenta um significado menor e relativo. Esta vertente aborda questões externas, objetivas, factuais, temáticas, opondo-se à História Oral de Vida, que aborda mais livremente as impressões e a subjetividade.
- c) Os dois primeiros gêneros da História Oral tratam de situações sincrônicas ao momento vivencial do depoente, diferente da Tradição Oral, que percebe o indivíduo enquanto veículo de transmissão de mitos e tradições antigas, que na maioria das vezes transcendem o depoente.

Nesta pesquisa de doutorado, a metodologia da História Oral foi empregada em suas três vertentes: **História Oral de Vida**, uma vez que a comunidade de prática investigada se desenvolve por meio das histórias pessoais de seus membros, as quais estão relacionadas diretamente com a **História Oral Temática**, tendo em vista que essas histórias giram em torno do tema da gastronomia, por meio das receitas transmitidas de geração em geração, o que nos remete à **Tradição Oral**. Os participantes da comunidade de prática compartilham suas histórias pessoais e familiares dentro do curso de gastronomia italiana, através dessas histórias observamos sua subjetividade na relação afetiva que estabelecem com esse tema e suas experiências de vida, o quanto valorizam a cultura da comida no contexto familiar e como a Tradição Oral se configura como um importante caminho para a revitalização cultural e, porque não dizer, linguística, uma vez que a língua é bastante utilizada nesse contexto.

1.7 METODOLOGIA DA PESQUISA DOCUMENTAL

A maior parte dos dados históricos utilizados em nossas pesquisas, tanto a de mestrado quanto a presente pesquisa de doutorado, foram encontradas no livro *Italianos no Mundo Rural Paulista*, de João Baptista Borges Pereira, resultado de sua pesquisa na área de antropologia, no contexto da ex-colônia aqui investigada, durante a década de 1960. Entretanto, desde a publicação do trabalho científico de Pereira até o momento, o município não recebeu novas visitas de pesquisadores das áreas de história, antropologia ou sociologia que contribuíssem com pesquisas documentais historiográficas, o que nos deixa com uma janela temporal de cinquenta anos sem que houvesse a atualização de dados históricos/estatísticos referentes a essa comunidade.

Por essa razão, um dos escopos desta pesquisa é verificar o número de famílias de imigrantes italianos que ainda residem nessa ex-colônia, fazer o registro da proveniência de cada família catalogada (região, província e *comuna*) e por fim verificar quais são as regiões que ainda possuem representantes, para então compor o atual quadro linguístico do município. Para a obtenção desses novos dados históricos, foi necessária a escolha de uma metodologia apropriada que orientasse o nosso trabalho de coleta e análise. Em pesquisa bibliográfica descobrimos que, neste caso,

“[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (Lüdke e André, 1986, p. 38),

tendo em vista que “as capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo” e que “a memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes ou deformar acontecimentos” (Cellard, 2012, p. 295).

A análise documental se justifica, portanto, pelo fato de os dados históricos investigados serem muito específicos e objetivos, e principalmente por constituírem um grande volume de informações. Neste caso, o emprego da Metodologia da História Oral não seria a melhor opção, uma vez que dispomos de um rico acervo de documentos da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana (doravante CBCII), ao qual temos amplo acesso. Neste ponto, é importante fazermos algumas considerações sobre o conceito de documento.

De acordo com o historiador André Cellard (2012, p. 296), a noção de documento foi consideravelmente ampliada ao longo dos dois últimos séculos. O autor ressalta que, de acordo com Langlois e Seignobos, em sua celebre *Introduction aux études historiques* (1898), até o “[...] final do século XIX a noção de documento se aplicava quase que exclusivamente ao texto, e, particularmente, aos arquivos oficiais”. Essa definição relaciona-se à abordagem his-

tória praticada pela maioria dos estudiosos da época, ou seja, “[...] uma abordagem conjuntural, focada, sobretudo, nos fatos e gestos dos políticos e das elites”. Com a evolução da própria disciplina de história, em particular a história social, o conceito de documento foi consideravelmente ampliado, adotando uma abordagem mais globalizante, na qual “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que é considerado como testemunho, é considerado como documento” (Cellard, 2012, p. 296). De acordo com Cellard, com a ampliação do conceito, podemos considerar documento, não apenas documentos escritos, mas também “documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, qualquer tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc.” (p. 296-297)

O autor ressalta que existe uma abundância de tipos de documentos escritos e muitas maneiras de agrupá-los, nos oferecendo alguns caminhos para fazê-lo:

- a) Documentos públicos: essa categoria reúne arquivos governamentais de todas as esferas (municipal, estadual e/ou federal); arquivos do estado civil; arquivos de natureza notarial ou jurídica.
- b) Documentos privados: compreende documentos de organizações políticas, sindicatos, igrejas, comunidades religiosas, instituições, empresas etc.
- c) Documentos pessoais: trata-se de autobiografias, diários íntimos, correspondências, histórias de vida, documentos de família etc.

Nesse sentido, os documentos analisados podem ser classificados como privados, porém de acesso público. Além de documentos escritos, analisamos também documentos iconográficos, considerando os mapas e elementos imagéticos. Esses documentos apresentam todas as características necessárias para a compilação e análise de dados históricos para a geração de novos conhecimentos, posto que vêm de uma fonte segura e confiável.

Nossa busca consistiu em encontrar, no acervo da CBCII, documentos referentes aos anos iniciais do núcleo colonial que contivessem listas com os nomes dos imigrantes e sua procedência, mapas que contivessem o loteamento da gleba e, com sorte, a sua distribuição.

Durante cerca de um mês, diversas visitas foram feitas ao Centro Cultural e Museu de Pedrinhas, que possui a salvaguarda do referido acervo histórico, com o intuito de selecionar documentos nos quais pudéssemos encontrar as informações desejadas. Selecionamos para análise dois mapas do loteamento da colônia com data de 1953 e uma espécie de livreto (sem data precisa, porém, encontrado em uma caixa com documentos referentes ao ano de 1955),

contendo em cada página as seguintes informações: o nome do imigrante (chefe de família), sua origem (região, província e *comuna*), os membros da família que o acompanhavam, a data de chegada no núcleo colonial e o(s) lote(s) a ele destinado(s). Feita a seleção do material, o próximo passo foi fazer o registro das informações que considerávamos necessárias.

Como o manuseio desse material só nos foi permitido no espaço do museu, uma opção foi fazermos cópias em xerox dos mapas e das páginas do livreto para que pudéssemos analisá-las com mais calma e cuidado em nosso ambiente de trabalho.

Diferente da Metodologia da História Oral, “o procedimento de Análise Documental é aquele em que o pesquisador não participa diretamente da construção das informações e dos dados analisados no decorrer da pesquisa”, entretanto, “cabe ao procedimento de análise documental, circunscrever o que será considerado documento e com que arcabouço epistemológico realizará sua abordagem” (Grazziotin, Klaus e Pereira, 2022, p. 6), ou seja, não se trata de um processo subjetivo em que sejam necessárias interpretações subjetivas ou inferências do pesquisador durante o processo de análise de dados, na análise documental é necessário apenas que a metodologia seja aplicada e os dados analisados objetivamente.

Assim procedemos em nossa investigação:

1. Do arcabouço documental separamos e avaliamos uma série de documentos referentes aos anos de 1951 a 1955, dos quais consideramos o uso dos seguintes documentos:

Quadro 3. Relação de documentos analisados

Título	Descrição
Documento 1: Mapa de ocupação dos lotes rurais	Mapa da colônia com a divisão dos lotes rurais (ocupados e disponíveis), centro urbano, reserva florestal e aeroporto. Em suas bordas laterais, esquerda e direita, contendo a lista numerada dos lotes com os nomes dos seus ocupantes.
Documento 2: Mapa de das áreas cultiváveis	Mapa da colônia com a divisão de lotes rurais (ocupados e disponíveis) e com indicação de áreas cultiváveis (brejo e cafezal) e áreas reservadas para escolas. Em suas bordas laterais, esquerda e direita, contendo a lista numerada dos lotes com os nomes dos seus ocupantes.
Documento 3: Espécie de livreto com lista dos colonos que viviam no núcleo por volta do ano de 1955	Livreto com páginas datilografadas contendo uma lista, em ordem alfabética de sobrenomes, dos imigrantes (chefes de família) que viviam em Pedrinhas por volta de 1955. Cada página destinada a um imigrante, contendo as seguintes informações: nome completo, data de chegada à colônia, região, província e comuna de origem, nome dos membros da família (esposa e filho) e número do(s) lote(s) recebido(s).
Documento 4: Lista de contribuintes do IPTU	Lista com os nomes dos contribuintes do IPTU de Pedrinhas Paulista referente ao ano de 2023, em ordem alfabética de nomes.

2. Tabulação e disposição dos dados em um quadro (tabela).
3. Análise dos dados para a obtenção de novos dados.
4. Confronto dos dados colhidos com os dados apresentados por Pereira (2002) e desse confronto novos dados também foram gerados.

O processo de análise dos dados será detalhado e aprofundado no Capítulo 2.

Neste capítulo, apresentamos os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, como a estruturamos e conduzimos durante o período de aproximadamente dois anos. O contexto da pesquisa não foi retomado neste capítulo por já estar detalhado na introdução deste trabalho. Explicitamos os objetivos desta investigação, os pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa (Lüdke e André, 1986) e (Amado, 2014), do estudo de caso (Coutinho e Chaves, 2002). Em seguida, foram apresentados os participantes da pesquisa, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e, por fim, foram discutidos a Metodologia da História Oral (Meihy, 1994, 2015) e os procedimentos da Análise Documental (Cellard, 2012).

2 LÍNGUA(S) E CULTURA(S) DE HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UM PEDACINHO DA ITÁLIA NO BRASIL

2.1 BISNETA OU TRINETA DE IMIGRANTES ITALIANOS? FRAÇÕES DE UMA HISTÓRIA QUE CONTRIBUÍRAM PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DE MUITAS IDENTIDADES

Recentemente descobri que não sou bisneta de imigrantes italianos e sim trineta. A notícia, além de causar muita surpresa, trouxe-me também significativa reflexão, pois o tema língua e cultura de herança tem sido objeto de nossos estudos desde 2015. As leituras para a pesquisa de mestrado e depois a análise dos dados colhidos junto à comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, onde vivo há quase trinta anos, oportunizaram-me conhecer e compreender os motivos que podem interferir na transmissão das histórias, das línguas e culturas de herança. Todo o conhecimento adquirido sobre língua e cultura de herança, inevitavelmente, trouxe à tona um desconforto pessoal relacionado à falta de informações sobre a origem de meus ascendentes. A família em que nasci não faz parte de meu contexto de pesquisa, mas ao passo que avançava em meus estudos, passei a investigar também os motivos que nos distanciaram da história de nossa família e de nossa língua de herança, que se manteve fortemente até a segunda geração (a primeira dos nascidos no Brasil), com os filhos do meu trisavô Eugenio Scaramal. Meu bisavô Antonio Scaramal falava o dialeto vênето em casa com os filhos e a esposa, Genoveva Marton – que também era filha de imigrantes provenientes do *Veneto*. Minha avó, Maria Scaramal, filha de Antonio e Genoveva, assim como seus irmãos, sabia a língua dos avós porque a utilizou em casa durante a infância e adolescência, contudo não pôde usá-la depois do matrimônio, pois meu avô, Gilberto Laurindo, não era de origem italiana e, segundo relatos de meus tios, ele costumava caçoar dela quando se arriscava a usar o dialeto da família. Assim, o fato de minha avó não usar sua língua de herança com os filhos contribuiu para que meu pai e meus tios não a aprendessem completamente. O pequeno vocabulário que meu pai possui, composto por algumas expressões idiomáticas e xingamentos, foram aprendidos em suas idas à casa da *nonna Genoveva*. Meu pai dizia que quando alguma coisa dava errado o *nonno* costumava *bestemmar*⁹. Um exemplo de *bestemmia* que meu pai ainda se recorda é “*Ti te si un fiol di un can che magna rospi*¹⁰”. Embora ele se recorde dessas expressões, pouco as usou em sua fala cotidiana, ele e os irmãos nunca conseguiram se comunicar na língua de herança. Eu conheci a *bisnonna* Genoveva, costumávamos visitá-la. Quando ela faleceu eu contava apenas 5 anos e, embora eu fosse muito pequena, lembro-me bem de não

⁹ *Bestemmar* é uma palavra do dialeto vênето. No italiano standard se diz *bestemmiare*. Em português, ambas significam blasfemar, xingar, insultar.

¹⁰ Tradução: Você é um filho de um cachorro que come sapos.

compreender nada do que ela falava, lembro-me também que adorava comer as bolachinhas que ela fazia e guardava em uma lata de alumínio que ficava sobre um guarda-comidas antigo. Foi por me pautar nessas minhas memórias de criança – por saber que a *nonna* quase não falava o português e, principalmente, pela falta que nos fez o fato de não conhecermos bem a história de nossa família – é que sempre achei que ela fosse uma imigrante italiana e não filha de imigrantes, como de fato era, e, conseqüentemente, que eu fizesse parte da terceira geração de descendentes e não da quarta como de fato faço. Assim, a quebra da transmissão da língua em nossa família aconteceu na terceira geração, como nos aponta Nesteruk (2010).

Um fato curioso é que durante muito tempo acreditei que as poucas palavras da língua de herança que eu conhecia pertenciam ao português. Elas estavam tão inseridas no meu cotidiano, de modo tão natural misturadas à minha língua materna, que não conseguia distingui-las. Até minha mãe, que não fazia parte de nenhuma família de origem italiana, pelo convívio também as usava. A palavra *bauca*¹¹ é uma delas. Somente depois que ingressei no curso de Letras, já adulta, é que fui reconhecer no léxico da língua italiana esse pequeno vocabulário herdado. Da história de nossos ancestrais pouco sei. Nosso trisavô nasceu em Meolo, cidade italiana com cerca de 6.200 habitantes, pertencente à região metropolitana de Veneza, no *Veneto*. De acordo com meu pai, meu *trinonno Eugenio* chegou ao Brasil em 1894, por volta dos trinta anos 30 anos, após uma viagem de 13 dias em um barco a vapor. Veio acompanhado de sua segunda esposa, a primeira morrera de parto anos antes, e mais dois filhos. O *bisnonno Antonio* nasceu depois, já no Brasil, fato que me torna então trineta de imigrantes italianos. Segundo as memórias de meu pai, nosso *quadrisavolo Giovanni Baptista Scaramal*, que na época já era ancião, também imigrou junto com a família. Essas informações só descobri recentemente, motivada por meus estudos sobre língua de herança para a pesquisa de mestrado: as leituras sobre o tema e as atividades propostas pelo projeto *Italiano como Herança* atravessaram nossas raízes adormecidas (as dos alunos do curso de LH e as minhas) e, como água que penetra a semente e a faz germinar, trouxe um reavivamento no sentimento de italianidade não só para a comunidade de imigrantes que investigávamos, mas também para mim e minha família, pois os conhecimentos aprendidos, aos poucos, foram virando pauta das conversas em nossas festas de fim de ano, muitas curiosidades surgiram, começamos a falar mais dos *nonnos* e a fazer perguntas para os tios. Chegamos a criar um grupo WhatsApp para aprendermos juntos um pouco da língua e relembrarmos as histórias que os tios ainda sabem nos contar, estamos inclusive fazendo registros

¹¹ Tradução: boba.

das histórias. Esse sentimento de pertencimento nos envolveu a ponto de organizarmos um grupo de tios e primos para fazermos buscas por documentos na Itália e darmos entrada em nossa cidadania. Acredito que esse movimento de toda a família em conhecer a própria história talvez nunca tivesse ocorrido, não fosse o fato de eu ter me tornado uma pesquisadora.

Refletir sobre nossa ascendência e descobrir tantas lacunas na história de nossa família nos fez compreender que muitos foram os motivos que ocasionaram o silenciamento de nossa língua e cultura de herança. Falar uma língua de herança apenas no âmbito familiar já é uma situação desvantajosa para a sua transmissão, tendo em vista que o período em que se está fora – na escola, no trabalho ou em eventos sociais – a língua de domínio será na maior parte do tempo a língua do país de acolhimento, e os desafios se tornam ainda maiores quando a família não adota políticas linguísticas que a priorizem. Em muitos casos, como ocorreu com minha avó, ainda temos o agravante do desprestígio da língua e da vergonha de falar. Diferente do caso dos imigrantes de Pedrinhas Paulista, que vieram para o Brasil para trabalharem em terras que em poucos anos seriam suas, meu trisavô chegou aqui no final do século XIX para substituir a mão de obra escrava e não para se tornar um produtor rural, fato que, acredito, colocava-o em situação de desprestígio, bem como a língua que falava.

Essas reflexões que faço poderiam compor a seção que aborda o tema língua de herança, contudo preferi inseri-las nesta seção para reforçar a necessidade de se registrar os fatos históricos que se relacionam, em primeira instância, às comunidades, mas podem interferir significativamente na relação que as famílias que a compõem têm com suas origens. A cidade de onde eu vim, José Bonifácio, possui muitas famílias com sobrenomes italianos, porém pouco se sabe sobre como e quando foram se instalar ali, quantas são, de onde vieram, quantas permaneceram e quantas se transferiram para outras regiões.

Conforme já mencionado, a história da imigração de minha família não compõe o compilado de histórias de meu contexto de pesquisa, uma vez que se distanciam no tempo e na geografia, contudo ajuda a compor a história da imigração italiana no Brasil; nossas reflexões sobre minha origem não trazem soluções para questões inerentes à revitalização de línguas e culturas de herança, mas nos ajudam a prever caminhos que devemos evitar e a encontrar novos percursos para salvaguardar tantos patrimônios culturais e linguísticos que encontramos por toda a parte, se levarmos em conta o recente aumento nos fluxos migratórios por todo o mundo, pelas mais diferentes razões.

Este capítulo, portanto, se justifica pelas dificuldades que encontramos em descobrir a história da imigração de nossa família, pela falta de informações oficiais sobre nossos ancestrais, motivo que nos colocou inúmeras vezes diante da memória de meu pai e tios como única fonte de informação.

Já o caso da imigração italiana em Pedrinhas conta com uma importante investigação científica de cunho antropológico realizada por João Batista Borges Pereira, de 1960 a 1968, que resultou posteriormente no livro *Italianos no Mundo Rural Paulista*, trabalho no qual nos apoiamos no tocante às questões históricas para darmos andamento às pesquisas de mestrado e doutorado. Contudo, como o próprio autor assinala na Nota à Segunda Edição do seu livro, as mudanças ocorridas nos anos que sucederam sua pesquisa merecem uma nova investigação que venha a revelar o trajeto que expressa outro *momentum* do processo de ajustamento desse grupo de imigrantes, cujos momentos iniciais foram registrados em seu livro.

Nossa investigação documental não trará os pormenores da trajetória desses imigrantes nesses mais de cinquenta anos que se sucederam desde o final de sua pesquisa, como sugere o autor. Entretanto, nos próximos capítulos discutiremos questões relacionadas às identidades culturais dos descendentes desses imigrantes, sua relação com a língua e a cultura de herança e alguns caminhos que podem contribuir para a revitalização linguística e cultural na comunidade. Nossas reflexões relacionadas à cultura de herança serão feitas a partir da Metodologia da História Oral (Meihy, 1994, 2015). A Metodologia da Pesquisa Documental (Cellard, 2012) nos permitirá gerar alguns dados dos quais necessitamos e que não foram encontrados em buscas a trabalhos posteriores ao de Pereira e em sites oficiais do governo, fato que nos impeliu a ampliar o escopo desta pesquisa e a buscar dados no acervo de documentos históricos do município e coletar mais informações sobre as famílias que imigraram, suas regiões de origem, os lotes onde foram assentadas e posteriormente realocadas e, principalmente, saber o número de famílias que permanecem no município até os dias atuais. Esses novos dados serão compilados e analisados na próxima seção.

2.2 OITO ALQUEIRES: O LIMITE PARA A (NÃO) COMUNICAÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL EM PEDRINHAS PAULISTA

Imagem 12. Mapa da Colônia de Pedrinhas Paulista. Documento da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana. Foto de cópia exposta no Museu da cidade.



Fonte: arquivo pessoal.

Nesta seção aprofundaremos algumas questões históricas que remontam o período do início da colônia de Pedrinhas e que ainda não foram colhidas, compiladas e analisadas em trabalhos acadêmicos. Partiremos dos dados já colhidos e analisados por Pereira (2002) durante o período de 1960 a 1968, aprofundaremos algumas questões que tocam a identidade dessa comunidade ítalo-brasileira, com base em entrevistas a filhos de imigrantes italianos e na recente coleta de dados junto ao acervo de documentos da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, que hoje é salvaguardado pelo Centro Cultural e Museo dos Pioneiros de Pedrinhas Paulista. Confrontaremos os dados colhidos junto ao acervo histórico do museu com os dados gentilmente cedidos pela Prefeitura Municipal de Pedrinhas Paulista, através do fornecimento da lista de contribuintes do IPTU referente ao ano de 2023, para chegarmos a um dado que ainda não temos, que é o número de famílias de imigrantes que ainda residem no município até os dias atuais.

Tendo em vista que muitos dados históricos sobre a imigração italiana em Pedrinhas Paulista já foram mencionados na introdução desta tese, optamos por não retomá-los nesta seção, na qual trataremos principalmente das particularidades do assentamento das famílias italianas que chegaram na colônia a partir de 1952 e faremos, então, o registro oficial dos novos dados gerados a partir de nossa Pesquisa Documental (Cellard, 2012) e de entrevistas a imigrantes apoiados na Metodologia da História Oral (Meihy, 1994, 2015).

Iniciaremos nossas reflexões trazendo alguns dados relevantes encontrados em Pereira (2002, p. 56):

[...] a área rural de Pedrinhas teria recebido, nestes 14 anos [esse era o tempo de existência da colônia no momento de sua pesquisa], 236 grupos familiares. Deste total 127 (53%) permaneciam, até esta data, no núcleo, enquanto 109 (47%) deixaram, neste mesmo período, a colônia. Na estimativa dessas mesmas fontes, 14 a 18 grupos familiares teriam trocado Pedrinhas por outra parte do Brasil, ao passo que os restantes 90 a 95 grupos familiares (80% a 85%) retornaram à Itália. [...] Atualmente (momento da pesquisa na década de 60), há na zona rural ocupando 169 lotes, ao lado de oito famílias brasileiras e duas nipônicas, 127 grupos familiares italianos que, somados às 51 famílias do núcleo urbano, alcançam o total de 178 unidades.

Embora a colônia tenha sido oficialmente fundada em 21 de setembro de 1952, temos registros de famílias de imigrantes que chegaram à colônia em meados de 1951. Destacamos aqui que as tabelas apresentadas por Pereira não trazem a informação do ano de referência dos dados compilados, nem o documento onde elas foram encontradas. Na tabela I (p. 238), em que analisa a proveniência das famílias, por exemplo, nos é apresentado um total de 143 famílias, oriundas de 15 regiões da Itália. Já na tabela II (p. 239), que trata dos grupos familiares de italianos que ocupavam a zona rural (127) e a zona urbana (51), a soma de ambos resulta num total de 178 famílias italianas. Não é possível identificar a razão da discrepância do número total de famílias italianas nas duas tabelas. O que podemos inferir é que na Tabela I o autor estivesse tratando das famílias que viviam na colônia, nos anos finais de sua pesquisa, e que na Tabela II estivesse se referindo a uma soma de famílias que viviam no núcleo em um período anterior. No documento que ora analisamos, notamos também uma pequena diferença dos números fornecidos pelo autor na tabela I (p. 238), cujos dados completos reproduziremos a seguir:

Um fato, porém, é certo: do total de **143 famílias (provenientes de 15 diferentes regiões)**, **59 eram do Norte** (Piemonte, Lombardia, Emilia-Romagna, Trentino Alto Adige, Venezia Giulia, Toscana e Veneto); **43 vieram das regiões do centro** (Lazio e Umbria); as **41 famílias restantes vieram de 6 regiões do sul** (Campania, Abruzzo e Molise, Basilicata, Puglia, Calabria e Sicília). O maior contingente dessas famílias é oriundo do Veneto (42), do Lazio (37), do Abruzzo e Molise (16). As províncias com maior representatividade populacional foram Venezia (Veneto) com 17 famílias, Frosinone (Lazio) com 27, Chieti (Abruzzo e Molise) com 10, Avelino (Campania) com 9, Cosenza (Calabria) com 7 e Perugia (Umbria) com 5 (Pereira, 2022, p. 55-56).

É importante ressaltar que no período em que Pereira fez sua pesquisa (1960 a 1968) a divisão política da Itália sofreu uma mudança. O país contava com 19 regiões quando a Constituição de 1948 entrou em vigor, porém em 1963 a região até então chamada “*Abruzzo e Molise*” se separou em 2 regiões distintas: “*Abruzzo*” e “*Molise*”, de modo que a primeira passou a pertencer à região central da Itália e a segunda se manteve na região Sul do país. *Abruzzo* geograficamente passa a pertencer ao Centro, mas histórica e culturalmente é considerada parte da Itália Meridional.

A divisão política do país apresentada no trecho acima citado ainda é aquela de 1948, o que nos permite inferir que o autor, ao dizer que a colônia recebeu imigrantes de 15 regiões distintas, tenha considerado o ano de chegada dessas famílias, 1952, considerando *Abruzzo e Molise* em sua antiga constituição. Se considerarmos a atual divisão política do país, podemos dizer que a colônia contava com representantes de 16 das 20 Regiões italianas, motivo pelo qual é conhecida até os dias de hoje como “um pedacinho da Itália no Brasil”, expressão utilizada pelo padre Ernesto Montagner em um livreto comemorativo dos dez anos da colônia, em 1962.

Conforme mencionado no capítulo precedente, em nossa pesquisa documental junto ao acervo de documentos da CBCII, encontramos um documento com data (aproximada) de 1955, o qual se caracteriza como uma espécie de “recenseamento” das famílias que viviam na colônia até aquele momento. O documento constitui um agrupamento de páginas datilografadas, uma espécie de livreto, contendo em cada página o nome completo do chefe de família (imigrante italiano), a cidade, a província e a região de sua proveniência, o nome dos membros de sua família (esposa e filhos), data de chegada à colônia e o número do(s) lote(s) a ele destinado(s).

Imagem 13. Página de documento analisado
(recenseamento das famílias)

Fornasier Giacomo
Musile - Venezia

Leto - nº 105
116

Fornasier Giacomo- n.10/2/1900 capo-famiglia
Resin Irene-n.Musile V. 17/7/1902 moglie.
Fornasier Eligio- foglio seguente- figlio
Fornasier Fausto- foglio seguente- figlio
Fornasier Francesca- foglio seguente- figlio
Fornasier Severino- n. Terre Di M.-Venezia 3/9
figlio.
Fornasier Giorgio- foglio seguente- figlio.

Arrivati in Pedrinhas 18/7/1953.

Fonte: arquivo pessoal.

Através desse documento, descobrimos uma informação nova, que não consta no trabalho de Pereira: além das 15 regiões de proveniência (ou 16 se considerarmos a divisão política de *Abruzzo e Molise*), encontramos ainda uma família que veio de *Pola*, antiga província italiana e que hoje pertence à Croácia. Foi possível ainda compilar todas as famílias que chegaram à colônia até o ano de 1955, aproximadamente. Pereira nos informa que a colônia recebeu um total de 236 famílias de imigrantes, durante os 14 primeiros anos, período em que também quase 50% dessas famílias deixaram o núcleo colonial, das quais cerca de 80% retornaram à Itália e as demais migraram para outras regiões do Brasil.

Confrontando a tabela I de Pereira (2002, p. 238) com os dados que colhemos recentemente, relativos ao ano de 1955, aproximadamente, pudemos constatar que o documento que ora analisamos é anterior ao documento analisado por Pereira. Para melhor compreendermos essas diferenças, faremos um comparativo no quadro que segue:

Quadro 4. Comparativo de dados

Região de Proveniência	Número de famílias (nossa pesquisa – 2023)	Número de Famílias (pesquisa de Pereira – 1960 a 1968)
Trentino Alto-Ádige	3	4
Veneto	38 + Padre Ernesto	42
Friuli Venezia-Giulia	4	4
Lombardia	5	4
Piemonte	1	1
Emilia-Romagna	3	3
Toscana	1	1
Umbria	3	6
Lazio	26	37
Abruzzo	17	16 ¹²
Molise	1	
Campania	10	5
Puglia	4	5
Basilicata	4	4
Calabria	7	9
Sicilia	2	2
Pola (Croazia)	1	Não consta
Italiano vindo da África	1	Não consta
Total de Famílias	131 + Padre Ernesto	143

Como podemos observar no quadro acima, os dados apresentados por Pereira, se comparados aos dados colhidos nesta pesquisa, mostram um movimento de entrada e saída da colônia. Não é possível precisar a diferença temporal entre as duas tabelas, mas é possível perceber: a chegada de 1 família vinda de *Trentino Alto-Ádige*, 4 do *Veneto*, 3 da *Umbria*, 11 do *Lazio*, 1 da *Puglia* e 2 da *Calabria*; e a partida de 1 família da *Lombardia*, 2 de *Abruzzo e Molise*, e 5 da *Campania*. Embora o documento analisado por nós pertença a um momento an-

¹² Pereira considerou *Abruzzo e Molise* como uma única região, conforme constituição de 1948. Nossa pesquisa, entretanto, considera a atual divisão política do país, ou seja, as considera duas regiões distintas.

terior aos documentos analisados por Pereira, na tabela de Pereira não consta a chegada de uma família de origem italiana vinda da África (a qual permanece até o momento no município)¹³, nem a chegada de uma família proveniente de *Pola (Croazia)*.

Em nossa pesquisa, optamos por informar os sobrenomes das famílias de imigrantes para que, em anos futuros, os seus descendentes tenham a possibilidade de descobrir a região, província e cidade de origem de seus ancestrais, se assim o desejarem. Por essa razão, assim que este trabalho for publicado, forneceremos esses novos dados à Prefeitura de Pedrinhas Paulista, a fim de que sejam introduzidos no site do município ou em outros suportes aos quais a população tenha acesso.

Além de compilarmos as famílias de imigrantes por região, província e *comuna*, também confrontamos a lista de imigrantes residentes na colônia, por volta do ano de 1955, com a lista de contribuintes do IPTU 2023 do município, de modo a gerar um dado novo e muito importante não só para a cidade, mas também para futuras pesquisas: o número de famílias de imigrantes italianos que ainda residem em Pedrinhas Paulista. Ressaltamos que contamos cada sobrenome como uma única família¹⁴, não considerando quantos núcleos familiares de um mesmo sobrenome existem no município, uma vez que todos esses núcleos vieram do mesmo ascendente.

Esclarecemos ainda que as famílias cujo sobrenome vem acompanhado do símbolo * compõem o grupo de famílias que residem no município até o presente momento, já aquelas cujos sobrenomes vêm acompanhados de dois símbolos ** são as que deixaram o município para viver em outros municípios da região e, por fim, a família cujo sobrenome vem acompanhado de três símbolos *** é um caso excepcional, nunca deixou o município, permaneceu nele até não restar nenhum descendente. Desta forma, as famílias cujos sobrenomes não levam símbolo algum são aquelas que retornaram à Itália.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (continua)

Regione	Província	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
Trentino-Alto Ádige	Trento	Avio	Brentegani ^{15*}	21/01/1956	104
		Mori	Cimonetti*	21/01/1956	123 e 125
		Comighello (Fra- zione di Comano Terme)	Iori*	21/01/1956	139

¹³ Dado obtido por meio de entrevista a imigrantes.

¹⁴ Com exceção do sobrenome Romano, que tem duas origens diferentes, um oriundo do *Veneto* e outro vindo *Calabria*.

¹⁵ A família Brentegani foi primeiro para o Chile, depois veio para o Brasil.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (continuação)

Regione	Provincia	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
Veneto	Venezia	San Giorgio	Beccegato* (Elia)	09/10/1952	12 e 174
		Eraclea	Biason** Bianco Valentino* Bianco Vittorino* Lucchetta* Tombolato* Zabotto***	03/11/1952 08/05/1953 03/11/1952 17/09/1952 17/09/1952 03/11/1952	103 20 e 26 Não consta 11 10 e 141 101
		San Danà	Maschietto Pietro*	29/11/1952	Não consta
		San Michele	Blasich*	15/11/1952	79
		Ceggia	Maschietto Luigi*	16/09/1952	Não consta
		Torre di Mosto	Dal Ben* Fornasier Giorgio ^{16*} Migotto Olindo* Ortoncelli* Rosan*	15/11/1952 15/05/1954 05/10/1952 03/11/1952 18/07/1953	102 Não consta 14 e 15 117 e 118 91, 112 e 115
		Musile	Fornasier Giacomo*	18/07/1953	105 e 116
		San Michele Alt.	Pizzolito	09/10/1952	77 e 99
		Fiesco D'Artico	Leonardi ¹⁷	26/01/1953	Não consta
		Strá	Tarpani*	01/03/1957	Não consta
	Padova	Carraras San Stefano	Francesco	16/07/1955	128
		Bagnoli	Bozza *	10/08/1956	89 e 90
		Barbona	Gaiofatto*	06/07/1953	74
		Casale Scodosia	Mantuan*	20/11/1952	22
		Bataglia	Sorgato	15/04/1954	Não consta
		Borgorico	Pravato**	15/06/1953	Não consta
	Belluno	Alano di Piave	Mondin ^{18*}	22/10/1955	124
	Verona	Correzzo	Soffilati	07/08/1954	153
	Vicenza	Montecchio M.	Fongaro*	01/03/1959	97

¹⁶ Filho de Giacomo, foi primeiro para Buenos Aires e depois veio para o Brasil.

¹⁷ Em 10/05/1953 foi para a colônia de Mandaçaia. Retornou à colônia de Pedrinhas em 24/01/1961.

¹⁸ O chefe da família Mondin veio de *Ludenscheider* (Alemanha) para o Brasil. A família é proveniente da Província di Belluno no Veneto.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (continuação)

Regione	Provincia	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
		Sarego	Nardi (Gino e Lino) * Nardi Giuseppe*	27/03/1952 31/10/1952	Não consta 50 e 51
		Brendela	Tovo*	03/11/1952	67
		Altissimo	Mettifogo*	14/04/1955	17, 18, 19, 20 e 145
	Rovigo	Adria	Franzoso Elio* Franzoso Luigi ¹⁹ * Franzoso Silvestro*	25/09/1953 25/09/1953 25/09/1953	Não consta Não consta Não consta
	Treviso	Treviso	Zanatta**	27/05/1963	Não consta
		Salgareda	Montagner (Monsenhor Ernesto) ²⁰ ***	17/09/1952	92
		Oderzo	Baldo*	08/10/1959	119
		Chiarane	Romano* (Pasquale)	20/03/1955	109 e 114
		Monastier	Schiavinato**	15/09/1961	93
Friuli-Venezia Giulia	Udine	Latisana	Guerin ²¹ * Franz* Marchese** Merlo	01/09/1952 06/07/1952 01/09/1952 01/02/1963	70 e 71 Não consta Não consta Não consta
Lombardia	Brescia	Brescia	Galleazzi** Massadi	22/04/1959 10/09/1957	150 56
	Cremona	Ca' Dé Stefani (Frazione di Ves-covato)	Santini	17/11/1955	155
	Como	Luisiago	Mainardi**	15/03/1952	4, 23 e 25
	Mantova	Bagnolo S. Vito	Garutti*	04/02/1952	Não consta
Piemonte	Torino	San Pietro Val Lemina	Collino Guglielmo (Celibe) ²²	17/05/1954	Não consta
Emilia-Romagna	Reggio-Emilia	Correggio San Martino in Rio	Terzi Fratelli Fu Giuseppe* Terzi Ottavio*	25/04/1956 25/04/1953	2 Não consta

¹⁹ Chegou a Colônia de Pedrinhas em 25/09/1953, vindo de Bernardino de Campos.

²⁰ Pároco da colônia e usufrutuário do lote 92, de propriedade da Missão Católica Italiana de Pedrinhas.

²¹ Foi para São Paulo em 15/05/1958. Retornou à Colônia de Pedrinhas em 15/09/1958.

²² A palavra *celibe* significa *non sposato*, é utilizada para referir-se a um homem que não se casou e mantém o celibato, ou seja, a castidade. O senhor Collino vivia no Brasil desde 05/02/1948.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (continuação)

Regione	Provincia	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
	Bologna	Savigno	Buldrini	25/09/1955	Não consta
Toscana	Firenze	Firenze	Tarfani	30/05/1956	154
	Grossetto	Massa Marittima	Calzolari ²³	15/04/1966	Não consta
Regione	Provincia	Comune	Famiglia		
Umbria	Perugia	Gubbio	Aluno	15/02/1954	Não consta
		Trevi	Giardini ²⁴	28/08/1952	Não consta
			Schippa*	18/09/1951	Não consta
Lazio	Frosinone	Esperia	Aceto	10/04/1955	162 e 171
			Ciavoletta*	23/09/1955	5 e 137
			De Piro*	06/08/1955	134 e 178
			Di Lana	20/10/1954	43
			Di Dea*	06/08/1955	95 e 156
			De Angelis*	07/04/1957	48 e 172
			Ferrara	09/04/1955	144
			Franco*	06/08/1955	25
			Palombo *	20/10/1954	43 e 46
			Paliotta	22/10/1955	136
			Terilli*	10/04/1955	146
			Tuccilli*	10/04/1955	Não consta
			Villani	10/04/1955	49
			Angelo*	10/04/1955	163
			Villani Giovanni*	10/04/1955	57
			Villani Mario*	06/08/1955	3 e 135
			Vallone Salv. Senior*	23/09/1955	143
			Vallone Salv. Junior*	23/09/1955	138
			Vallone Clino		
		San Giorgio Aliri	Castelli*	27/09/1953	4 e 16
			Iorio	27/09/1953	100 (120?) e 126
			Di Raimo Antonio*	14/08/1954	7 e 149
			Di Raimo Ludovico*	27/09/1953	13, 130 e 140
		Cassino	Di Nallo ²⁵ *	02/11/1951	1
		San Giovanni Incarico	Martino*	03/10/1954	36

²³ O senhor Calzolari apresenta duas regiões de proveniência nos registros da CBCII: *Massa Marittima – Grossetto – Toscana e San Benedetto Val Di Sambro – Bologna – Emilia-Romagna*. Nos registros consta que ele retornou a Pedrinhas em 15/04/1966. Não consta a data de sua primeira chegada na colônia, apenas a do seu retorno.

²⁴ Viveu em Assis de maio de 1953 a 12/08/1955, quando voltou a viver na Colônia.

²⁵ Esposa e filhos só chegaram na colônia em 03/12/1953.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (continuação)

Regione	Provincia	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
		Pignataro Interamna	Nardone*	14/08/1954	131
		Pentecorvo	Petraccone	08/12/1961	Não consta
	Latina	Latina	Pellin*	18/11/1961	107
		Fondi	Di Trocchio* Di Trocchio Giovanni* Sperduto*	09/03/1957 17/03/1960 18/09/1955	133 88 179
		Cisterna	Gaiofatto* Marini	06/07/1953 10/10/1953	74 Não consta
Abruzzo	Chieti	Archi	Berardi* Di Loreto* Pomilio* Troilo Concezio Troilo Domenico	11/10/1953 20/10/1954 16/08/1952 20/10/1954 29/05/1957	76 78 e 164 75 80 Não consta
		Atessa	Flocco**	20/10/1954	158, 167 e 168
		Téramo	Iannoni Polisini ^{26*} Tulli*	14/10/1960 27/08/1953 02/10/1956	113 42 e 44 121 e 122
		Tollo	Cavuto*	15/09/1953	108 e 111
		San Giovanni L.	Grosso*	05/10/1957	150
		Miglianice	Paolucci (Tommaso)	27/09/1953	Não consta
		Bomba	Vitullo*	03/10/1954	157 e 161
		Villamagna	Zaccaro	22/10/1955	82
		Ortona	Cantoro Paolucci (Giorgio)	01/02/1952 27/09/1953	Não consta Não consta
	L'Acquila	Ortona dei Marsi	Iacobacci Archieri* Iacobacci Dante* Valentiniani	03/11/1951 27/07/1952 15/09/1953	72 73 Não consta
Molise	Campobasso	S. Elia	Peluso	10/04/1955	Não consta
Campania	Avellino	Vallata	Colicchio	11/10/1953	27 e 58
		Contrada	Gaeta* Iannaccone	28/11/1958 14/08/1954	54 53 e 69

²⁶ Partiu para São Roque em 03/07/1953. Retornou à colônia em 15/11/1960.

Quadro 5. Proveniência das famílias recenseadas pela Companhia Colonizadora até o ano de 1955 (conclusão)

Regione	Provincia	Comuna	Famiglia	Data di arrivo	Lote(s)
		Calcata	Gasperine	01/10/1957	66
		Sturno	Martino (Ignazio)	11/10/1953	50 e 60
		Trevico	Pezzullo Gianetta*	19/05/1956 14/08/1954	61 62
		Scampitella	Rauseo Antonio** Rauseo Giuseppe**	11/03/1953 11/10?1953	63 64
	Napoli	Saviano	Manzo*	29/08/1960	110
	Caserta	Recale	Squeglia	04/02/1952	Não consta
Puglia	Foggia	Castelluccio Valmagiore	Cecchi	05/10/1957	28
		San Giovanni Rotonondo	Lecce Giuseppe* Lecce Nicola*	06/10/1957 06/10/1957	40 52
		Pietra Montecorvino	Palmieri	05/10/1956	30
		Deliceto	Doto*	05/10/1957	68
Basilicata	Potenza	Vaghie B.	Danello**	05/10/1957	39
		Pignola	Fiore**	05/10/1957	37 e 173
		Avigliano	Filippe	13/10/1957	151
	Matera	Perrandina	Latronico*	05/10/1957	159
Calabria	Cosenza	Acri	Cofone* Maresciallo* Pignataro*	05/10/1957 18/09/1960 05/10/1957	34 41 e 177 31 e 33
		San Giovanni in Fiore	Romano* (Francesco) Mascaro	25/12/1951 25/12/1951	106 Não consta
		Civita Albanese	Vincenzi**	05/10/1957	169
	Catanzaro	Marcedusa	Mussari	05/10/1956	35 e 176
Sicilia	Catania	San Michele di Ganzaria	Spampinato*	12/10/1953	83, 84 e 85
		Catania	Spera**	15/09/1965	Não consta
	Croazia	Pola	Bartoli	01/02/1966	Não consta

Paese	Città	Famiglia	Data di arrivo	Lote
Africa	Zavia	Migotto (Benito)*	05/10/1952	Não consta

*Famílias que ainda vivem em Pedrinhas Paulista.

** Famílias que passaram a viver em outras cidades da região de Pedrinhas.

*** Família que permaneceu em Pedrinhas até não restar nenhum descendente.

Imagem 14. Mapa Político da Itália



Fonte: depositphotos.com

Com o escopo de facilitar a compreensão das informações compiladas, procuramos utilizar as mesmas cores atribuídas a cada Região do mapa acima ao retratá-las no quadro apresentado anteriormente, mantendo também a disposição das regiões, descrevendo-as do Norte para o Sul.

Com a tabulação e análise desses dados, chegamos a alguns números importantes. Atualmente, vivem no município um total de 78 famílias de imigrantes italianos, provenientes de 14 Regiões, sendo 3 de *Trentino Alto-Ádige*, 27 do *Veneto*, 2 de *Friuli Venezia-Giulia*, 1 da *Lombardia*, 1 da *Emilia-Romagna*, 1 da *Umbria*, 19 do *Lazio*, 9 do *Abruzzo*, 3 da *Campania*, 2 da *Puglia*, 1 da *Basilicata*, 4 da *Calabria*, 1 da *Sicilia*, e 1 (de origem veneta, porém vinda da África).

Além do documento acima analisado, encontramos no acervo histórico, com data de 1953, dois mapas da colônia com a divisão dos lotes e seus respectivos números e nas laterais direita e esquerda desses mapas consta uma lista com o nome de cada chefe de família diante do número do lote que ocupava naquele momento. Embora datassem do mesmo ano, os dois mapas apresentam algumas mudanças na ocupação dos lotes, o que corrobora a informação de Pereira (2002) de que a Companhia realocou algumas famílias nos primeiros anos da colônia. Para sabermos qual distribuição dos lotes havia sido a primeira, procuramos uma filha de imigrante do *Veneto*, de sobrenome Dal Ben, cuja família sabíamos que havia trocado de lote por duas vezes. Apresentamos as duas listas e facilmente identificou quem foram seus primeiros vizinhos, quando viviam no Lote 57, depois identificou os vizinhos do Lote 52, para onde foram realocados, segundo a entrevistada, por terem ficado sozinhos no local, pois as famílias vizinhas tinham retornado para a Itália. Segundo a senhora Dal Ben, os vizinhos do primeiro lote que ocuparam eram da *Emilia-Romagna* e do *Veneto*, os vizinhos do lote onde foram realocados pela primeira vez eram todos do *Veneto*, com exceção de uma família proveniente da *Campania*, e no último lote em que viveram tiveram dois vizinhos do *Veneto* e um de *Trentino Alto-Ádige*.

Esse relato corrobora as considerações feitas por Pereira, quando se refere ao retalhamento da gleba e à construção de grupos de 2, 3 e 4 residências, evidenciando o plano de vizinhança (convívio social mais importante depois da família) elaborado pela Colonizadora, em que procurava reunir grupos familiares afins, dividindo de um lado as famílias do Norte e do outro as do Centro-Sul. O autor não considera essa atitude da CBCII em si um ato de discriminação ou de segregação, mas ressalta que não deixa de ser um preconceito pragmático.

Ao questionarmos a senhora Dal Ben se o fato de a maior parte de seus vizinhos ser proveniente da mesma região de sua família interferiu de alguma forma no seu processo de adaptação à nova terra e se seus vizinhos fossem do Sul da Itália esse processo teria sido diferente, ela afirma que terem vivido perto de pessoas que falavam a mesma língua que a sua foi sim um elemento facilitador nos primeiros tempos, quando ainda não conseguiam se comunicar em português com os brasileiros e quase não compreendiam os dialetos do Centro-Sul. Ela ressalta, entretanto, que com

o tempo passaram a compreender essas outras línguas (dialetos) e o português e que sempre se deram bem com os imigrantes da “baixa Itália”. O que Pereira nos chama a atenção é justamente esse modo estereotipado de fazer referência aos indivíduos provenientes do Sul. Foi a esse tipo de comportamento que o autor chamou de preconceito pragmático, o qual verificamos na fala da senhora Dal Ben, quando usa a expressão “baixa Itália”. O autor investigou a fundo essa questão, inclusive com os filhos dos colonos, na escola, e constatou que aqueles do Norte proclamavam sua proveniência em alto e bom tom ao passo que os do Sul custavam a admiti-lo e quando o faziam era sempre em voz baixa, como se sentissem vergonha de sua origem, deixando evidente o preconceito que sofriam naquele período. Ele elenca os adjetivos mais usados pelos imigrantes do norte para se referirem aos indivíduos provenientes do Sul, geralmente como insulto e não para fazerem simples referência geográfica: *terrone*, *meridionale*, *arabo*, *marocchino*, *albanese*, uma “alusão direta à ‘falta de pureza racial’ das populações sulinas”(p. 158).

Tendo em vista a data da pesquisa de Pereira (1968), os filhos adolescentes dos imigrantes a que o autor se refere tinham nascido na Itália e vindo para o Brasil ainda muito pequenos, e mesmo os nascidos no Brasil ainda viviam quase que exclusivamente em contato com a família e vizinhos imigrantes, e o processo de aculturação estava ainda muito incipiente. A reprodução desse comportamento discriminatório de certos colonos em relação aos vindos do Sul, muito presente no momento da pesquisa de Pereira, não nos surpreende, uma vez que refletia um pensamento vigente na Itália no momento de sua partida, e seu modo de pensar e agir pouco tinham mudado nesses primeiros 14 anos da colônia. Ainda hoje, cinquenta anos depois do final da pesquisa de Pereira, ainda ouvimos facilmente a expressão “baixa Itália” ou “*marocchin*” quando algum neto de imigrante italiano do Norte se refere a algum membro da comunidade proveniente do Sul da Itália, o que nos permite concluir que esse preconceito, como tantos outros que vemos em nossa sociedade, é de ordem estrutural, ou seja, vem sendo reproduzido de geração em geração, de maneira menos incisiva, é claro, contudo, ainda resiste.

Ao lado do preconceito remanescente concorrem outras questões de igual importância no que tange a língua e a cultura: Como se deu o processo de acultramento dos imigrantes? No que resultou o contanto entre essas diversas línguas (16 dialetos, italiano standard e português) e culturas? Qual é o atual quadro linguístico do município?

Se para Pereira o processo de aculturação já era evidente, após 14 anos de contato estreito entre tantas línguas e culturas, tanto mais para nós ao observarmos a mesma comunidade setenta anos depois da chegada dos primeiros colonos.

Quando utilizamos o termo aculturação, nos referimos a:

Mudança na cultura e nos costumes de um povo após o contato com outro(s) povo(s). O termo passou a ser utilizado por antropólogos estadunidenses no final do século XIX, especialmente em relação às mudanças culturais dos aborígenes americanos pelo contato com civilizações europeias, referindo-se a cada tipo de mudança de usos, costumes, tecnologias, ritos, crenças etc., que se originam em uma cultura não por causas internas, mas pela influência de diferentes culturas.

A aculturação ocorre de várias maneiras: a) incorporação de elementos culturais estrangeiros por um povo através das relações com um povo vizinho; b) assimilação forçada de uma cultura por outra, por meio de conquistas violentas e dominação política; c) Assimilação pela imigração. Podem-se incluir também à aculturação os fenômenos de fusão ou simples mistura de diferentes elementos culturais, que por vezes dão origem a uma nova cultura original; mesmo os movimentos migratórios dentro de uma mesma nação podem dar origem a formas de aculturação afetando culturas ou subculturas regionais. O termo aculturação e seus derivados, portanto, permanecem ambíguos; não raro, de fato, o termo é usado:

a) como sinônimo de inculturação, que tende a designar a internalização dos valores e normas da própria cultura durante o processo de socialização; b) como adaptação do indivíduo que passou a fazer parte de um grupo diferente daquele em que foi socializado; c) Em resultado da influência de uma autoridade centralizada, ou seja, de uma comunidade urbana, sobre grupos rurais isolados (*Enciclopédia Treccani*, tradução nossa).

Após 14 anos de colônia, Pereira já apontava algumas mudanças nos hábitos e no uso das línguas. Em momento oportuno falaremos das mudanças/adaptações feitas na alimentação e nas técnicas para cozinhar e traçaremos um paralelo entre essas mudanças observadas pelo autor e a cozinha de herança que se apresenta hoje na comunidade. Por ora nos ateremos às questões linguísticas apontadas por Pereira, também observando os contornos atuais dessa(s) língua(s) de herança.

O autor faz algumas considerações em torno das mudanças no plano linguístico da colônia, que considerava “um autêntico mosaico dialetal”. Ele afirma que nem todos dominavam o italiano standard e seu dialeto regional, situação que, segundo ele, refletia a conjuntura italiana da época. Essa grande diversidade linguística trazia consigo a realidade de uma comunicação fracionada, levando o imigrante a duas únicas alternativas: ou utilizar o português ou o italiano. Ocorre, porém, que a própria realidade do colono constituía em si um grande estímulo para o uso do português. Excetuando-se os ambientes da igreja e da escola pré-primária, Jardim da Infância, onde o italiano ainda era falado, nas demais situações de convívio social e nos meios de comunicação (rádio, televisão e jornal escrito) o português era necessário. Fato que levou o imigrante a restringir o uso do dialeto regional quase que exclusivamente em âmbito familiar.

Essas questões linguísticas também foram investigadas em nossa pesquisa de mestrado, de 2016 a 2018, período em que colhemos muitos dados por meio de entrevistas a filhos de imigrantes. Sobre esse ponto, todos os relatos obtidos convergiam para um mesmo denominador comum: os chefes de família em sua maioria não conheciam o italiano standard, que na-

quela época era difundido principalmente nas escolas e com menor impacto nos meios de comunicação. Sendo assim, os mais velhos, por não terem frequentado a escola na Itália, falavam apenas o dialeto regional, os jovens e as crianças que tinham frequentado a escola elementar na Itália falavam tanto o dialeto familiar quanto o italiano standard. Outro dado relevante obtido através dessas entrevistas foi que, nos anos iniciais, por conta de tamanha diversidade linguística, o italiano foi instituído como língua oficial dentro dos ambientes da Companhia Colonizadora e da Cooperativa, esta última criada em 1954. De acordo com o filho de imigrantes G.M., quando um chefe de família necessitava ir até a companhia para tratar de algum assunto, precisava levar consigo um filho que falasse o italiano, para garantir a comunicação, vejamos o que ele nos conta:

Per non aver problemi dentro, nella parte di lavoro, si parlava solo in italiano nella Compagnia di Imigrazione. I dialetti erano quasi messi da parte perché alle volte se tu prendeva il calabrese col veneto non si capiva niente. Quando ho cominciato a lavorare nella cooperativa, molti dei vecchi che venivano far la spesa non sapevano l'italiano, parlavano solo in dialetto. Col tempo se imparava. Se avessi avuto il bisogno di andare all'ufficio della Compagnia, doveva parlare in italiano o doveva portare insieme un figlio che parlasse in italiano (G. M., com 77 anos no momento da entrevista, hoje com 83 anos)²⁷.

Quando si cruzava un del Nord e un del Sud, logicamente tentavamo di parlare in italiano perché in dialetto suo non si capiva niente e neanche il mio non capiva lui. Inclusive, quando son arrivato qui, il primo giorno di domenica, c'era un amico mio che è arrivato un anno prima [...] abitava vicino alla terra che mio papà ha acquistato [...] quando vado così a piedi e arriva due bestioni a cavallo con un capellone, sai così? (mostra o tamanho do chapéu) Mamma mia! Questi qua sono due banditi?! Quando sono arrivati vicino a me, ha cominciato a chiedere qualche cosa, ma non capivo niente, ero appena arrivato, né?! E sono andati. E digo, grazie a Dio che sono andati! E dopo con la calma, di qua, di là, já con un mese, dava per cominciare a difendersi (F.F., 82 anos no momento da pesquisa, hoje já é falecido).

²⁷ **Tradução do primeiro trecho:** Para não ter problemas internos, em questões de trabalho, falava-se somente em italiano na Companhia de Imigração, os dialetos eram praticamente colocados de lado, porque se você pegasse um calabrês com um vêneto não se entendia nada. Quando comecei a trabalhar na Cooperativa, muitos dos velhos que vinham fazer as compras não sabiam o italiano, falavam só em dialeto. Com o tempo se aprendia. Se fosse necessário ir até o escritório da Companhia, devia falar em italiano ou levar junto um filho que falasse em italiano.

Tradução do segundo trecho: Quando se cruzavam um do Norte e um do Sul, logicamente tentávamos falar em italiano porque no seu dialeto não se entendia nada e tampouco o meu ele entendia. Inclusive, quando cheguei aqui, no primeiro dia de domingo, havia um amigo meu que tinha chegado um ano antes [...] ele morava vizinho da terra que meu pai tinha comprado [...] quando eu ia assim a pé chega dois grandalhões a cavalo com um chapéu enorme, sabe assim? (mostra o tamanho do chapéu) Minha mãe!! Aqueles ali são dois bandidos? Quando chegaram perto de mim, começaram a me perguntar alguma coisa, mas eu não entendia nada, tinha acabado de chegar, né? E foram embora. E digo, graças a Deus que foram embora. E depois, com calma, daqui, de lá, já com um mês dava para começar a se defender (na língua).

Naquele momento da colônia, segundo Pereira, essa diversidade linguística levou os imigrantes a “buscarem uma esfera comum de entendimento recíproco” (p. 205) que garantisse a sua comunicação. O autor afirma que essa polaridade opcional do uso alternando do português e do italiano seria uma formulação ideal, mas que na realidade o que ocorreu na prática foi o surgimento de uma

espécie de *língua franca*, formada de elementos italianos, dialetais, brasileiros e de termos regionais, sobretudo de expressões nordestinas. Ainda que bastante sincrético, tal elaboração linguística dá o denominador comum através do qual os indivíduos se entendem e se colocam em comunicação com os brasileiros (Pereira, 2002, p. 206).

O que o autor naquele momento chamou de “espécie de *língua franca*”, hoje chamaríamos de língua de herança, uma vez que surgiu em contexto de imigração do contato entre duas ou mais línguas. Acreditamos que com o passar do tempo e com o seu uso, sendo a língua um mecanismo vivo e em constante mudança, alguns elementos se mantiveram, outros caíram em desuso e outros novos foram agregados a essa variante linguística detectada por ele. Acreditamos que foi a essa mesma variante linguística que Castro (2002), anos depois, chamou de “ítdalo-pedrinhense”, sendo ela fruto do contato da língua italiana com a língua portuguesa e com diversos dialetos.

O excerto da entrevista acima transcrita, de F.F., além de nos trazer dados históricos em relação ao uso das línguas na colônia, configura-se também como um ótimo exemplo de língua de herança. Certamente, se o questionássemos sobre qual língua estava usando em sua entrevista, ele responderia “italiana”, entretanto é evidente a interferência do português em diversos momentos de seu discurso, basta observarmos o vocabulário português em itálico.

Ao descrever o quadro linguístico da colônia na década de 60, Pereira já observava que os dialetos, além de terem o seu uso praticamente restrito ao ambiente doméstico, eles também passaram a ser vistos de modo depreciativo, como algo feio, vergonhoso, que denotava atraso, e que, portanto, deveriam ser deixados de lado, fato que levou algumas famílias a proibirem os seus dialetos em casa. O autor naquele momento já ressaltava o domínio do português em relação ao italiano, dizendo que os imigrantes alternam o uso das duas línguas, mas que o português já era utilizado com mais naturalidade e frequência, contudo, quando os colonos queriam expressar seus estados emocionais, era aos seus dialetos que recorriam, fato que ainda ocorre nos dias de hoje com os filhos e netos desses imigrantes. Porém, essa alternância entre português e italiano não acontece mais, são raros os momentos em que se ouve uma conversa duradoura em italiano, o seu uso não dura mais que quatro ou cinco frases e a língua imediatamente é trocada pelo português. Embora a maioria dos descendentes de imigrantes da

primeira geração (que nasceu na Itália e chegou no Brasil crianças ou adolescente e hoje são já muito anciãos) afirma que usa mais o italiano que o português em casa, esse fato não se confirma na prática, essa fala reflete talvez o seu desejo de que assim o fosse, mas fato é que o português hoje é sim a língua dominante inclusive em casa, entre eles.

A transmissão tanto do italiano standard quanto dos dialetos familiares não tem prosperado muito. Os grupos que ainda falam os dialetos são os filhos dos imigrantes (hoje anciãos), boa parte dos netos e alguns bisnetos que, por sorte, tiveram um convívio mais frequente na casa dos *nonnos e* esses, por sua vez, serem provenientes da mesma região. Por razões óbvias, a transmissão ou não dos dialetos passa pelos casamentos inter-regionais e multiétnicos. Embora seus falantes tenham diminuído muito, as línguas de herança por ora ainda resistem na comunidade.

Se confrontarmos o quadro linguístico desenhado por Pereira, o qual, naquele momento histórico, já refletia um “momento de transição, uma etapa de passagem daquele grupo étnico de expressões culturais italianas para a realidade cultural brasileira”, com o atual quadro linguístico que o município apresenta, cinquenta anos após o final de sua pesquisa, veremos que esse processo de aculturação naturalmente se concluiu e que as duas culturas se encontram muito amalgamadas.

Assim como no plano linguístico percebemos uma forte influência do português no italiano falado pelos filhos de imigrantes, podemos notar também que o português falado aqui no município vem carregado de um rico léxico italiano, com origem não só na língua standard, mas também em vários dialetos, isso dependerá, é claro, de quem o usa e das influências que sofreu.

Um exemplo interessante dessa interferência é o emprego das palavras “tocio” ou “tociar”, palavras originalmente vênetas, mas muito empregada pelos netos e bisnetos de vênetas ao falarem o português. A primeira se refere ao molho onde se molha o pão e a segunda diz respeito ao ato de molhar o pão no molho. Contudo, o ato de “tociar” foi adaptado ao contexto brasileiro, passando a se referir também ao ato de molhar o biscoito no leite. Essas palavras, assim como tantas outras, foram incorporadas à língua portuguesa aqui na cidade.

Neste ponto de nossa discussão, já temos elementos suficientes para fazermos algumas considerações sobre o fato de a Companhia Colonizadora ter agrupado as famílias de imigrantes por línguas/culturas afins. O que para Pereira soou como uma atitude preconceituosa, mesmo não sendo de forma intencional, mesmo que essa decisão pudesse efetivamente mudar os contornos do quadro linguístico e cultural do município naquele momento, ao nosso ver, tendo uma visão mais distanciada desse fato e de posse de tantas informações recentes acerca do atual quadro cultural da comunidade, hoje compreendemos que a curto prazo esse agrupamen-

to de famílias afins talvez tenha interferido de modo singular no contato entre famílias do norte e do sul, fazendo com que elas se relacionassem de forma mais espaçada e pouco interativa. Mas esse agrupamento das famílias, essa disposição geográfica teria vida breve, pois não contavam com um importante fator modificador: seus filhos. Por mais que um comportamento preconceituoso esteja arraigado em nossa sociedade, os movimentos de mudança sempre ocorrem, lenta ou tardiamente, mas ocorrem. Sendo assim, cedo ou tarde os casamentos entre filhos de imigrantes do norte e do sul, embora não tão frequentes, ocorreram e, aos poucos, essas línguas e culturas foram também se misturando. Em nosso curso de cozinha de herança, por exemplo, aprendemos com uma *nonna veneta* uma receita de *rotolato calabrese*, que aprendeu com sua nora, cujo pai viera da *Calabria*. Hoje, podemos afirmar, com base em nossa profunda imersão na comunidade, através dos cursos de LH e de cozinha de herança, que algo mudou no modo como os membros da segunda geração olham para a cultura de seus avós. Eles compreenderam que cada dialeto é uma língua, digna de reconhecimento e importância, aprenderam a ouvir e compreender os dialetos diferentes dos seus e se alegram quando conseguem se comunicar por meio da intercompreensão. Hoje se orgulham de serem bilíngues, se lamentam por não terem ensinado aos filhos a língua de casa. Hoje não se importam se a receita que estão aprendendo com aquele membro da comunidade é típica de uma região do sul ou do norte, para eles são todas receitas italianas. Nos parece que finalmente hoje, pelo menos na comunidade de Pedrinhas, esse “pedacinho da Itália no Brasil” tenha adquirido uma certa unidade.

2.3 UN VILLAGGIO ITALIANO E MUITAS LÍNGUAS E CULTURAS DE HERANÇA

O movimento migratório que deu origem à colônia italiana de Pedrinhas Paulista, objeto de estudos desta pesquisa, como já vimos na parte introdutória deste trabalho, foi motivado pelos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial e teve início nos primeiros anos da década de 1950. Entretanto, os maiores fluxos migratórios recebidos pelo Brasil remontam ao final do século XIX, com os movimentos de diáspora, que trouxeram para cá milhares de imigrantes, como foi o caso de alemães, italianos, japoneses, libaneses, sírios, poloneses e ucranianos.

Embora esses deslocamentos populacionais tenham ocorrido por todo o mundo, em diversos momentos históricos e pelos mais diversos motivos, acreditamos que a recente e expressiva mobilidade humana que se dá por todo o planeta seja reflexo, em muitos casos de imigração, do processo de globalização, no qual os limites e fronteiras (geográficas ou não) tenham ficados mais sutis. Ainda que, nos dias de hoje, o maior contingente de imigrantes dei-

xe seu país por motivos de crises políticas, econômicas e até mesmo por guerras, podemos observar a ocorrência de fatores motivacionais de foro pessoal impulsionando milhares de pessoas a viverem longe de sua terra natal, contribuindo para essa paisagem pós-moderna, de mundo globalizado e líquido de culturas e identidades híbridas e fluídas (Bauman, 2005; Hall, 2003).

O Brasil sempre teve esse caráter de cultura miscigenada, tendo recebido, desde sua fase colonial até os dias de hoje, fluxos migratórios que ajudaram e ainda ajudam a compor sua paisagem linguística e cultural. Nos últimos anos, por questões políticas e econômicas, o país tem recebido um grande volume de imigrantes vindos do Haiti e da Venezuela e, mais recentemente, por causa da Guerra entre Rússia e Ucrânia, muitos ucranianos têm desembarcado no Brasil. Em contraponto, todos os anos, milhares de brasileiros deixam o país para viver no exterior, por questões econômicas principalmente, mas também por outras razões (melhorar sua proficiência na língua estrangeira; aprender uma segunda língua; estudar etc.). Por essa razão, não só as grandes capitais brasileiras, mas os grandes centros urbanos em todo o mundo, apresentam uma imensa diversidade linguística e cultural.

Foi em um contexto semelhante a esses acima descritos que, na década de 70, no Canadá, o termo Língua de Herança teve sua origem, sendo utilizado para referir-se às línguas faladas por imigrantes. Mais tarde, na década de 90, passou a ser alvo de pesquisas nos EUA (Soares, 2012, p. 8). O seu uso está estreitamente ligado a contextos de imigração e, principalmente, a questões que envolvem a revitalização/manutenção dessas línguas e culturas minoritárias.

Desde a década de 70, os estudos sobre línguas de heranças (doravante LH) vem se desenvolvendo em produções acadêmicas de diversos países. Algumas questões acerca do tema vêm sendo discutidas por diversos pesquisadores, ao longo desses anos: Quais são critérios que determinam quem são os aprendizes de LH? Quais as características de um curso de LH? Quais as melhores abordagens para se ensinar uma LH? Qual é o papel da cultura no processo de ensino-aprendizagem de uma LH? Quais devem ser as características de um material didático para o ensino de uma LH?

Todas essas questões, que permeiam reflexões sobre ações que podem auxiliar na revitalização e manutenção de línguas e culturas de herança, as quais vem sendo discutidas por muitos pesquisadores, estão intimamente ligadas ao conceito que se tem sobre língua de herança. Ocorre, porém, que existem diversas definições do termo e Ortale (2016) nos chama a atenção para esse fato, ao mencionar as reflexões de Van-Deusen Scholl (2003) acerca do tema, ressaltando que questões políticas, sociais, locais e nacionais podem interferir na interpretação do conceito de LH.

A autora discute amplamente o tema e argumenta que uma língua não pode ser considerada de herança apenas para descendentes de imigrantes, uma vez que pessoas que participam da rotina dessas famílias e que não possuem laços de sangue com elas podem – pela autopercepção e pelo sentimento de pertencimento – ter essa língua como herança também. Razão pela qual, em 2016, após pesquisa realizada na ex-colônia de Pedrinhas Paulista, a autora amplia o conceito:

Língua de herança é a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua (Ortale, 2016, p. 27).

Desde 2016, Ortale coordena um grupo de pesquisa que investiga questões que envolvem a revitalização e manutenção da língua italiana como herança na comunidade de Pedrinhas Paulista, ex-colônia italiana, e junto a família Conti-Maggio, no município de Itu/SP. Em Pedrinhas, além de sua tese de livre-docência, orientou mais quatro pesquisas, sendo duas de mestrado e duas de doutorado, investigando: o processo de formação de uma professora de LH; o processo de produção de material didático para o ensino de LH no município; as contribuições do trabalho com a música no processo de ensino-aprendizagem de LH e a formação de comunidades de prática na revitalização de línguas e culturas de herança. Em Itu, orienta a pesquisa de doutoramento de Salvatto, que investiga as estratégias adotadas pela família Conti-Maggio para a manutenção de sua LH. Após seis anos de estudos aprofundados sobre o tema, a autora, num artigo em parceria com Salvatto, reformula o conceito de LH ampliado por ela em 2016, agregando à nova definição o caráter dinâmico da LH, que se origina do contato entre línguas e culturas:

Língua de Herança é um patrimônio identitário coletivo, um espaço dinâmico de confluências linguísticas e culturais em que se articulam passado e presente. É uma língua minoritária, falada – ou apenas compreendida – por pessoas que constroem vínculo afetivo e sentimento de pertencimento em relação a determinado(s) grupo(s) e/ou comunidade(s), seja por laços ancestrais, seja por convívio com falantes dessa língua (Ortale & Salvatto, 2022, p. 165).

Em nossa pesquisa de mestrado, utilizamos o conceito de LH ampliado por Ortale (2016) e na presente pesquisa de doutorado adotamos o conceito reformulado (Ortale & Salvatto, 22), por refletir a realidade encontrada em nosso contexto de pesquisa.

O caráter minoritário das línguas de herança, um dos elementos que compõe o conceito de LH reformulado por Ortale e Salvatto, é um ponto importante a ser considerado, pois a ausência de uma comunidade de falantes de LH, o seu uso restrito – muitas vezes, apenas ao contexto familiar – e os casamentos interétnicos constituem os principais fatores que mais interferem na sua manutenção, como vemos em Corrias (2019). De acordo com Nesteruk

(2010, p. 273), as línguas de herança deixam de ser usadas na terceira geração, devido a falta de incentivo tanto em casa quanto na vida em comunidade. Esse fato se comprova em nosso contexto de pesquisa, visto que um percentual mínimo de membros da terceira geração aprendeu o dialeto familiar, neste caso, sua língua de herança. Os poucos que falam o dialeto regional aprenderam a língua da família pelo convívio frequente com os *nonnos*, ou seja, a língua não foi aprendida com a segunda geração, mas sim com a primeira.

Neste trabalho, consideramos como primeira geração os filhos dos imigrantes, tanto os que chegaram aqui no Brasil ainda crianças ou adolescentes, acompanhando suas famílias, quanto os que nasceram no Brasil. Os netos desses imigrantes constituem, portanto, a segunda geração e os bisnetos a terceira.

Nesta perspectiva, então, minha sogra e meu sogro, que chegaram a Pedrinhas com idades de 10 e 18 anos, respectivamente, são representantes da primeira geração, bem como seus irmãos nascidos em terras brasileiras. Ambos chegaram ao Brasil falando o dialeto de suas famílias, oriundas do *Veneto*, e o italiano *standard* que aprenderam durante os cinco anos de Escola Elementar que frequentaram na Itália. Seus genitores falavam apenas o dialeto *veneto*, pois não foram à escola. Meu esposo, assim como o irmão mais velho e todos os primos, tiveram o dialeto *veneto* como língua materna (doravante LM) durante a primeira infância, pois viviam todos na mesma casa com os avós (*i nonni*), que não aprenderam o português e, como já mencionado, só falavam o *veneto*. Quando iniciaram a escola, meu esposo e os primos aprenderam o português que, aos poucos, naturalmente, passou a ocupar o posto de LM ao lado do dialeto *veneto*, que também aos poucos, assim como o italiano já o era, passou ao *status* de LH. Os membros da segunda geração, não só da família do meu esposo, mas também de grande parte das famílias de imigrantes do *Veneto* ou de outras regiões, são fluentes em seus dialetos familiares e, ainda hoje, quando se encontram, às vezes usam o dialeto, geralmente em situações de descontração. Já os membros da terceira geração, em sua grande maioria, não falam o dialeto familiar, apenas compreendem um pouco e fazem uso de algumas palavras ou expressões dialetais, salvo alguns casos de bisnetos de imigrantes que conviveram diariamente com os avós (vindos da mesma região) e por essa razão, aprenderam a língua.

Esse fato corrobora a afirmação de Corrias (2019) de que para uma pessoa falar uma língua, precisa de um grupo maior de pessoas que a use. Ao observar sua filha (na época com três anos de idade) em seu processo de aquisição do italiano LH, o autor reflete sobre o fato de a criança ainda não se comunicar na LH, destacando alguns fatores que poderiam estar in-

terferindo em sua aquisição: ela era fruto de um casamento interétnico, pai italiano e mãe brasileira; os avós paternos viviam na Itália e interagiam com a criança por chamadas de vídeo semanalmente; a língua dominante para ela era o português, falado em âmbito familiar e social. Ao analisar esse caso, o autor destaca que a presença de uma comunidade de falantes da qual sua filha fizesse parte seria fundamental para que ela se motivasse a usar a LH, tendo em vista que o fato de ele, o pai, mesmo falando quase que em tempo integral em italiano com sua filha não estava sendo suficiente para que ela se comunicasse com ele na LH e ainda que ela o compreendesse preferia responder em português.

Se observarmos os casos de dois membros da terceira geração, na comunidade de Pedrinhas, o de Vilmar e o de Christian, veremos que essa hipótese levantada por Corrias (2019) se confirma. O primeiro é fruto de casamento interétnico (mãe descendente de vênets e pai brasileiro) e o segundo é filho de descendentes de italianos (pai *veneto* e mãe *abruzzese*); ambos conviveram toda a infância e adolescência com os *nonnos* – o primeiro ficava o dia todo na casa da *nonna* para que os pais pudessem trabalhar e o segundo morou toda a vida do lado dos *nonnos* paternos (vênets) e ajudou a cuidar do *nonno* em seus últimos anos de vida e este quase não utilizava o português com a família. Tanto Vilmar quanto Christian falam o dialeto *veneto*. Conforme já informado, poucos membros da terceira geração (com idades que variam entre 15 e 40 anos) falam o dialeto familiar, a maioria entende pouco e não fala. Entretanto, para esses dois casos relatados, a aquisição do dialeto familiar se deu pelo convívio diário com os *nonnos*, primeiro e grande estímulo ao uso da língua, mas não o único, pois eles também contaram com outros interlocutores no contexto da comunidade, membros da primeira e segunda geração (tios, primos e conhecidos). A língua, para membros da terceira geração, como é o caso de Vilmar e Christian, se constitui um ponto forte de conexão com as gerações anteriores. O seu uso sempre traz uma grande carga de afetividade que passa pela identidade de quem a fala.

Como vimos na seção anterior, atualmente, a comunidade conta com falantes de dialetos de 14 Regiões italianas e ainda é comum vermos pessoas da comunidade se cumprimentarem e trocarem algumas palavras em dialeto, ao se encontrarem em situações cotidianas, principalmente filhos e netos dos imigrantes. Geralmente usam a LH, quando se trata de assunto sigiloso, para não serem compreendidos por outros que não a compreendem, quando estão sob efeito de alguma forte emoção, mas principalmente a usam para se divertirem, pois dizem que falar o dialeto é engraçado.

Durante nossa coleta de dados, como veremos com mais detalhes no próximo capítulo, quando questionados acerca de suas identidades culturais, tanto netos quanto bisnetos de imigrantes destacaram a língua como primeiro elemento da cultura de herança que os identifica como um descendente, seguida pela culinária. São esses dois elementos que os mantêm conectados com o país de origem de seus ascendentes e os fazem se sentir italianos e permitem que os brasileiros participantes da comunidade os reconheçam como tal, apesar de terem nascido no Brasil.

Um fato interessante que reforça essa identidade híbrida e esse sentimento de pertencimento é a distinção que membros da terceira geração (filhos de casamentos interétnicos) fazem entre as figuras da *nonna* e da avó. Como professora e membro da comunidade há quase 30 anos, pude observar essa questão identitária no discurso de muitas crianças, assim como no discurso de minhas filhas. Lembro-me de uma ocasião em que a mais velha, quando ainda era bem pequena, fez referência à sua *nonna* ao falar com um amiguinho da cidade vizinha, que não era descendente de italianos, e este lhe perguntou “É sua avó?” e ela respondeu “Não, minha avó mora em Tarumã, essa é minha *nonna*”. Mais tarde, quando já era adolescente, uma amiga disse “acho legal vocês chamarem sua avó de *nonna*”, ao que ela respondeu “Mas não é a mesma coisa, *nonna* é *nonna* e vó e vó”. Para ela, assim como para outros de sua geração, *nonna* e avó não eram palavras sinônimas, eram entidades distintas, e o que as distinguiu, então, eram a língua e a cultura, ou seja, o modo como se comunicavam, seus hábitos, costumes, crenças, alimentação etc.

Consideramos importante esclarecer que, em alguns momentos, para nos atermos às singularidades da língua e da cultura, nos referimos a elas de forma isolada, apesar de acreditarmos que sejam indissociáveis, como bem nos lembra Mendes ao afirmar que “a língua deve ser compreendida como cultura e como um lugar de interação [...] e não apenas como um sistema organizado de estrutura e regras” (Mendes, 2015, p. 89).

Nesse sentido, de acordo com a autora, ao aprendermos a língua de nossos pais, não aprendemos apenas o seu código linguístico, mas tantos outros elementos subjacentes a ele, os quais nos permitem significar nessa língua de modo pleno, sem que ocorram ruídos que comprometam a comunicação. Em contexto familiar, a aquisição desses elementos subjacentes à língua ocorre de modo natural e intuitivo, já em contexto de ensino formal de uma língua, esses elementos devem ser evidenciados durante a aprendizagem da sua estrutura, caso contrário a competência comunicativa do aprendente não se desenvolverá por completo e ele terá difi-

culdades ao se comunicar com falantes nativos. Se para a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) ou de uma segunda língua (L2) o ensino da cultura deve ser considerado, para a aprendizagem de uma LH ainda mais.

A cultura a que nos referimos converge com a definição cunhada por Hall:

A cultura, como a discutimos, não é um conjunto de coisas, livros, pinturas, programas de TV ou histórias em quadrinhos, mas um processo ou um conjunto de práticas. A cultura se refere, principalmente, à produção e troca de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. Afirmar que duas pessoas pertencem à mesma cultura significa dizer que elas, de modo geral, interpretam o mundo e podem expressar seus pensamentos e sentimentos sobre o mundo de modo semelhante (Hall, 1997, p. 2).

A cultura a que Hall se refere é aquela que aprendemos no seio da família e da comunidade, através da interação diária, por influência do meio em que vivemos; é “aquela formada por um patrimônio intangível, que compreende as tradições de um povo, seus valores, crenças, costumes, práticas e tradições orais” (Fornasier, Ortale e Cunha, 2022, p. 223). É por meio do conhecimento de todos esses elementos de nossa cultura que interpretamos o mundo a nossa volta e expressamos nosso pensamento e nossos sentimentos.

Esses conhecimentos culturais dos quais nos valem para expressamos nossa compreensão de mundo e nossa identidade cultural convergem com o conceito de cultura subjetiva proposto por Bennett (1998), que divide a cultura em duas dimensões: a objetiva, que agrega produções culturais tais como a literatura, a música, a dança e outras manifestações ligadas às artes; e a subjetiva, que trata das características psicológicas que definem um povo, isto é, os padrões aprendidos que definem seus comportamentos, crenças e valores.

É neste sentido do termo que Mendes defende o ensino da cultura em cursos de português língua de herança (POLH) e nele também se apoia ao propor que uma língua-cultura de herança seria um modo de ser e de viver em uma língua, em processo contínuo de desenvolvimento, a qual é em parte familiar ao sujeito que a aprende, e em parte estranha, e que constrói, com outras línguas de nascimento, um espaço de inserção do sujeito no mundo através da linguagem (Mendes, 2015, p. 88).

A aprendizagem do repertório que compões essa cultura subjetiva (Bennett, 1988), que compreende as tradições de um povo, seus valores, crenças, costumes, práticas e tradições orais (Fornasier, Ortale e Cunha, 2022), ocorre por meio da interação, observação e imitação (Samovar, Porter e McDaniel, 2010), razão pela qual concordamos com Ortale (2016), que considera o italiano em Pedrinhas uma LH não só para os descendentes de imigrantes, mas também para habitantes que não tenham origens italianas, “contanto que tenham construído o

sentimento de identificação cultural e de pertença à comunidade”, a autora tem “como critério crucial não os laços de ancestralidade, nem a proficiência linguística, mas sim o sentimento de afiliação (Ramptom, 1990)” (Ortale, 2016, p. 121).

Desta forma, concordamos que, após muitos anos de convívio em comunidades de imigrantes, no curso dos anos, mesmo não sendo descendentes, algumas pessoas acabam incorporando a nova cultura à sua, do mesmo modo que aprendem a língua do imigrante.

É a partir desse ponto de intersecção entre duas culturas que nasce a cultura de herança, como propõem Fornasier, Ortale e Cunha:

Cultura de herança é o patrimônio imaterial que nasce da confluência de duas ou mais culturas. É o conjunto de valores, crenças, língua(s) e práticas sociais de uma comunidade, herdado por indivíduos que se identificam com esse modo de viver e significar o mundo (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022, p. 224).

Assim como a LH, a cultura de herança (doravante CH) nasce do contato com outra(s) cultura(s) e possui um caráter dinâmico, ou seja, o processo de aculturação ocorre aos poucos, no correr dos anos, e nunca cessa.

No caso da ex-colônia ora investigada, podemos afirmar que possui muitas línguas e culturas de herança, tendo em vista que recebeu imigrantes de 16 Regiões da Itália e ainda hoje possui descendentes de imigrantes de 14 dessas 16 Regiões. Muitos dialetos ainda são falados, embora o número de falantes tenha diminuído com o avanço dos anos e a chegada das novas gerações, e a cultura da comida, assim como muitos costumes, ainda se mantêm.

Neste capítulo discutimos alguns motivos que podem contribuir para o silenciamento de línguas de herança e para o apagamento de fatos históricos acerca da origem das famílias de imigrantes. Tabulamos e analisamos alguns dados históricos sobre a ex-colônia de Pedrinhas Paulista e a partir dessa análise chegamos a um dado inédito sobre o atual quadro linguístico do município. Discutimos ainda os conceitos de LH (Ortale & Salvatto, 2022) e CH (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022), analisando o caso de Pedrinhas. No próximo capítulo refletiremos sobre a figura histórica do padre Ernesto Montagner e seu importante papel na formação da comunidade de Pedrinhas Paulista, discutiremos o conceito de comunidade à luz da teoria de Baumam (2003), apresentaremos o conceito de Comunidade de Prática proposto por Wenger (1998) e o discutiremos ao analisarmos as contribuições da formação de uma comunidade de prática de cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019) para a revitalização da(s) língua(s) e da(s) cultura(s) de herança em Pedrinhas.

3 PERTENCER OU NÃO PERTENCER? QUESTÕES QUE ENVOLVEM A NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS EM COMUNIDADES DE IMIGRANTES

Antes de discutirmos o conceito de comunidades de prática e analisarmos suas contribuições para a revitalização da língua e da cultura italiana em contexto de herança, apresentaremos a fundação da comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista sob a perspectiva do trabalho feito pelo pároco Monsenhor Ernesto Montagner e em seguida faremos uma reflexão sobre o termo “comunidade”, nos aprofundaremos em questões que tocam a vida em comunidade, seus pontos positivos e negativos e o quanto eles podem prejudicar ou auxiliar na revitalização de costumes e tradições.

3.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE NO MUNDO PÓS-MODERNO

O conceito de identidade que orienta o nosso trabalho é o do sujeito pós-moderno, destituído de unidade (Hall, 2003; Bauman, 2005).

De acordo com Hall (2003, p. 13), a identidade do homem pós-moderno é construída e reconstruída continuamente, influenciada pelo modo como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos circundam, assim sendo, não é fixa, essencial ou permanente (Hall, 2003, p. 13).

O autor discorre sobre os impactos causados pelo evento da globalização na identidade dos sujeitos pós-modernos. As rápidas, constantes e permanentes mudanças que ocorrem na modernidade se refletem nas práticas sociais, onde indivíduos as examinam e as reformam constantemente à luz das informações recebidas sobre essas práticas, de modo a alterar, constitutivamente, seu caráter (Hall, 2003, p. 15), ou seja, o indivíduo assume diferentes identidades em diferentes momentos, as quais não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, mas sim fragmentadas.

Refletindo as colocações de Giddens (1990), o autor discorre sobre a questão do ritmo e do alcance das mudanças no mundo globalizado e ressalta que, conforme diferentes áreas do planeta vão se interconectando umas com as outras, “ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da Terra” (Hall, 2003, p. 15), principal fato que contribui para esse caráter fluido da identidade nos dias de hoje.

Um exemplo interessante a ser observado de estabilidade de identidades é o fato de o período do *Medioevo* na Itália ter se estendido por praticamente um milênio. Para os historiadores, conceito de período compreende o espaço de tempo em que o pensamento e o modo de fazer do homem se mantiveram estáveis e de certa forma uniformes. Foi um período obscuro

do ponto de vista do desenvolvimento humano e se deveu ao fato de o homem do *Medioevo* ter deixado de viajar e de se relacionar com outros povos, o que interferiu no avanço de suas técnicas, ou seja, no avanço do seu fazer, e no seu desenvolvimento linguístico e cultural, o que explica a diversidade de dialetos falados no país e sua tardia unificação em relação a outros países europeus. O *Medioevo* só termina quando o homem desse período retoma suas navegações e inventa a imprensa, com a chegada do Iluminismo. Se por um lado o homem do *Medioevo* pouco se modificou num longo espaço do tempo, pela falta de contato com outros povos, no mundo globalizado em que vivemos, onde nem precisamos mais viajar no espaço geográfico para estar em contato com outras culturas, acontece justamente o contrário, as identidades se tornam flexíveis, formando-se e reformando-se constantemente. A boa notícia é que ela não é definida apenas pela experiência da convivência com essa rápida mudança, mas também como uma forma altamente reflexiva de vida, em que o indivíduo examina e reforma constantemente as práticas sociais à luz das informações recebidas sobre essas práticas, de modo a alterar, constitutivamente, seu caráter (Hall, 2003, p. 15), como vemos no trecho a seguir:

[...] as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2003, p. 7).

Esse deslocamento da identidade do sujeito nos tempos globalizados também é apontado por Zygmunt Bauman²⁸, que nos chama a atenção para o desconforto que esse deslocamento pode nos causar: “Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora” (Bauman, 2005, p. 19).

O autor associa a ideia de identidade à de pertencimento, ou seja, à perspectiva de mudança em relação ao sentimento de pertencimento. As identidades do homem pós-moderno são, portanto, negociáveis e podem mudar de acordo com as decisões que ele toma, com sua trajetória, com seu modo de agir e com o desejo (ou não) de se manter firme a tudo isso (Bauman, 2005, p.17).

O autor ressalta a importância do convívio social para a formação da identidade e, citando Siegfried Kracauer, aponta a existência de dois tipos de comunidade que nos definem: as comunidades de vida, cujos membros “vivem juntos numa ligação absoluta”, e as comunidades de destino, “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. As comunidades de vida, no discurso de Bauman, seriam aquelas onde nascemos, uma vez que o

²⁸ Sociólogo polonês, que emigrou da Polônia para diversos países até chegar à Grã-Bretanha, em 1971.

autor diz que essa lhe foi negada, pois, por questões políticas, foi impedido de lecionar em seu país, a Polônia, fato que o obrigou a se mudar, em 1968, para a Inglaterra, onde vive até hoje. Já as comunidades de destino podem ser interpretadas como aquelas às quais, pelos mais diferentes motivos, escolhemos pertencer. O autor afirma que:

a questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural (Bauman, 2005, p. 17).

Bauman ressalta a existência de um enorme contingente de ideias e princípios em torno dessas “comunidades de indivíduos que acreditam” ser necessário comparar, fazer escolhas e reconsiderá-las em outras ocasiões. Assim se constitui o princípio do pertencimento que se relaciona à questão da identidade:

Tornarmo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 17).

Hall (2003), por sua vez, assinala que carregamos muitas identidades ao longo da vida, as quais estão ligadas ao sexo, à sexualidade, à nacionalidade, à religião, à classe social, à etnia, entre tantas outras, denominadas identidades culturais. Lidar com todas essas identidades é uma tarefa bastante complexa, principalmente no mundo pós-moderno que Bauman chama “líquido-moderno”.

Admitimos neste trabalho a fluidez identitária mencionada por Bauman (2005) e Hall (2003). Compartilhamos esse entendimento de que as identidades estão em constante processo de formação e transformação (Hall, 2003) e que elas só podem ser compreendidas como também produzidas em lugares antropológicos (Augé, 2012).

Se a negociação das identidades culturais de que trata Hall (2003) já é em si uma atividade complexa, em contextos de cultura de herança essa complexidade se intensifica (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022) em tempos de modernidade líquida (Bauman, 2005).

Na próxima seção, discorreremos sobre a figura do padre Ernesto Montagner, pilar de sustentação da colônia de Pedrinhas, e suas contribuições para a fundação da colônia e formação da identidade dessa comunidade.

3.2 DOM ERNESTO MONTAGNER: O PILAR DE SUSTENTAÇÃO DA COMUNIDADE DE IMIGRANTES ITALIANOS DE PEDRINHAS PAULISTA

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, Pedrinhas Paulista foi fundada por imigrantes italianos, em 1952, por meio de um acordo firmado entre Brasil e Itália.

Os primeiros anos de sua fundação não foram fáceis, tendo em vista o contexto de imigração que se apresentava. De acordo com muitos relatos colhidos em entrevistas feitas a imigrantes de Pedrinhas Paulista, eles sofreram não só com as diferenças linguísticas e culturais, mas também com questões climáticas e que envolviam a fauna e a flora, e, principalmente, com os atrasos tecnológicos.

Como o Governo brasileiro tinha interesse em colonizar o interior do país, enviou esses imigrantes para uma região²⁹, situada a sudoeste do estado de São Paulo, que ainda apresentava mata nativa e foi necessário o desmatamento desse local para o assentamento dessas famílias de imigrantes italianos.

Embora os lotes que compunham a área da colônia de Pedrinhas tenham sido desmatados, as propriedades dos colonos permaneceram cercadas pelas matas nativas ainda por muitos anos, o que lhes proporcionou uma vizinhança um pouco amedrontadora: há muitos relatos, inclusive fotografias, que destacam a presença de animais silvestres, como onças pardas, cobras venenosas e macacos, como é possível observar nas fotos a seguir.

²⁹ Segundo Borges Pereira (2002), além da colônia de Pedrinhas, em 1952, a Companhia de Colonização também enviou imigrantes italianos para Goiás (São Geraldo) e Santa Catarina (Joinville). Além dessas outras colônias fundadas no mesmo período que Pedrinhas, das quais nos fala Borges Pereira (2002), tivemos conhecimento de mais uma região brasileira que recebeu imigrantes italianos, nessa mesma época, através de relato feito pela Senhora Giulia Di Raimo, uma freira italiana que viveu em Pedrinhas por muitos anos e que atualmente reside na Itália. De acordo com a irmã Giulia Di Raimo e também com uma colega pesquisadora da UFBA, houve ainda mais uma colônia italiana no Brasil, na década de 50, a qual foi fundada no interior da Bahia.

Imagem 15. Casa de colono com mata nativa ao fundo



Fonte: arquivo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em Página do Facebook

Imagem 16. Colonos italianos capturaram uma onça-parda nos primeiros tempos de colônia



Fonte: arquivo pessoal (família Fornasier).

As dificuldades de adaptação, em alguns casos, não ocorriam apenas pela mudança de país e suas implicações. Muitos imigrantes eram camponeses na Itália e, embora não conhecessem a nova terra, o novo clima, as novas culturas e as técnicas necessárias para fazê-la produzir, estavam habituados ao trabalho no campo. Entretanto, alguns imigrantes vieram para o Brasil sem saberem trabalhar a terra e esse foi um fator que também tornou ainda mais difícil o seu processo de adaptação.

Segundo o relato de uma imigrante italiana – que chegou a Pedrinhas, em 1952, com família formada por dez pessoas (genitores e oito filhos) – muitas famílias que, apesar dos desdobramentos da Guerra, estavam bem na Itália, vieram para o Brasil porque os agentes de imigração diziam que aqui havia muita fartura:

Sono venute famiglie che stavano bene in Italia, perché si diceva che qui in Brasile si trovava i soldi per terra, però non erano abituati al lavoro pesante (V.F., 78 anos).

Somando-se os problemas linguísticos e culturais às condições iniciais da vida na colônia – famílias bastante numerosas com oito alqueires de terra cada para cultivar e muito trabalho a ser feito, os quais eram executados manualmente nos primeiros anos, pois não havia mecanização para o trabalho no campo, nem água encanada e luz elétrica – havia ainda, como já mencionado acima, o agravante da presença de animais silvestres, peçonhentos e dos mosquitos. Todos esses ingredientes somados resultaram no retorno de muitas famílias à Itália ainda no primeiro ano da colônia, como podemos verificar nos relatos abaixo:

Quando siamo arrivati, nel 1952, eravamo in tredici famiglie italiane in nave. Di queste tredici famiglie sono rimaste [in Brasile, a Pedrinhas] solo due (V.F. 78 anos).

C'è molta gente che è ritornata, più di metà quasi, perché a quel tempo si diceva così in Italia, dopo la Guerra: "Andiamo in America! Andiamo in Brasile! La c'è i soldi!". Invece sono partite famiglie che stavano benissimo la e quando sono arrivati qui, hanno visto che non era così. E sono ritornati (F.F. 85 anos).

Tanti sono tornati indietro perché sono arrivati in mezzo al bosco. Tutti si sono spaventati e dicevano: "Dove siamo stati portati? Qui in mezzo al bosco?" (V.F. 78 anos)

As fotografias a seguir ilustram parte do que esses imigrantes nos relatam: a mata nativa muito próxima de seus lotes de terras e de suas casas; o trabalho nas lavouras feito à mão, pois naquela época ainda não contavam com a mecanização do trabalho no campo.

Imagem 17. Cocheira e tuia em propriedade agrícola, com mata nativa ao fundo



Fonte: acervo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook.

Imagem 18. Colono arando a terra com arado movido a tração animal



Fonte: acervo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook

Imagem 19. Colonos pulverizando a lavoura de algodão com bomba costal e sem nenhuma proteção

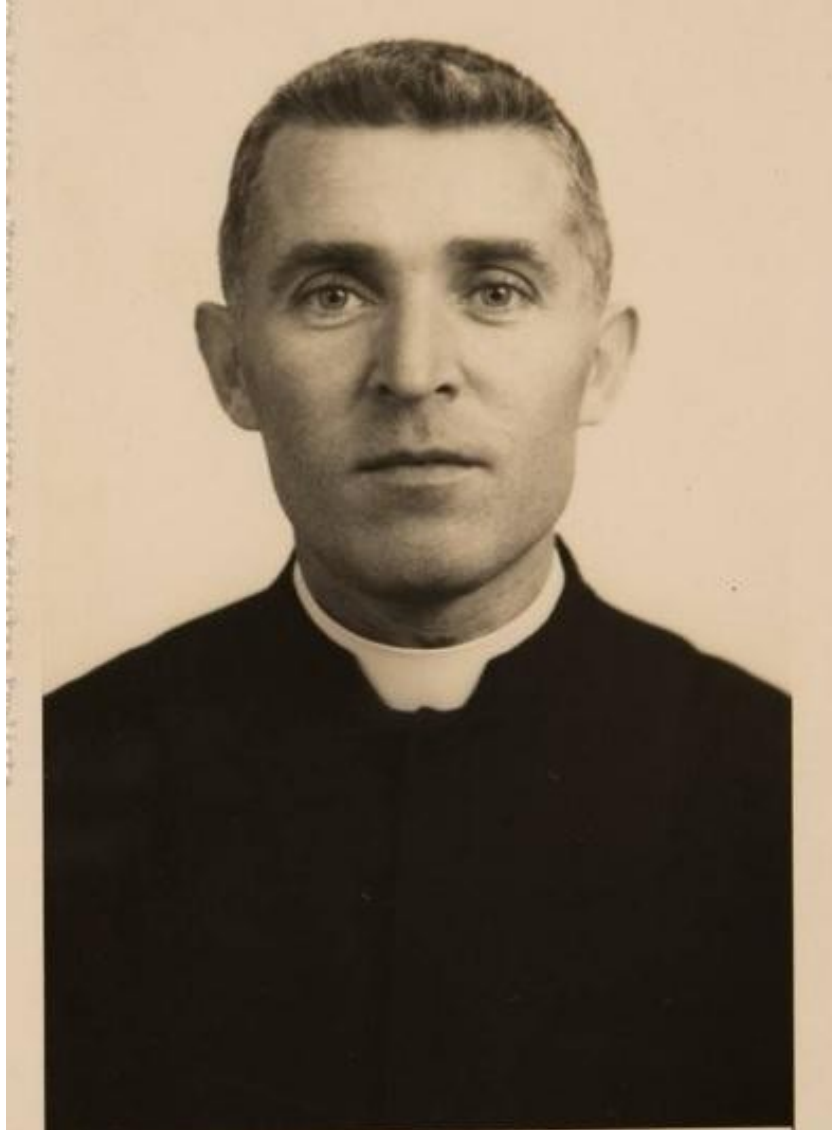


Fonte: acervo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook.

Diante de tantos desafios e da saudade da pátria – que lhes tomava com grande força, justamente por estarem atravessando um período difícil – a comunidade foi se formando e se firmando não apenas com a força do trabalho desses imigrantes, mas também, e principalmente, pela atuação de Dom Ernesto Montagner, um padre italiano enviado pela Igreja Católica para assistir as famílias na colônia de Pedrinhas, como destaca Fornasier:

A necessidade de adaptar-se à nova cultura por não haver perspectiva de vida na Itália e a presença atuante do padre Ernesto junto às famílias dos colonos foram determinantes para aqueles que permaneceram no Brasil (Fornasier, 2018, p. 55).

Imagem 20. Dom Ernesto Montagner



Fonte: arquivo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook.

Dom Ernesto Montagner era um italiano proveniente da Região do *Veneto*, enviado pela Igreja Católica ao Brasil, em 1952, junto a um grupo de famílias italianas, para dar assistência espiritual aos imigrantes. Assim como todos os outros imigrantes, sofreu com muitas faltas no início da colônia, pois a igreja ainda tinha de ser construída, bem como a casa paroquial. No início foi acolhido na casa de uma família italiana, depois se transferiu para uma igreja que já havia nas cercanias da colônia e só mais tarde mudou-se para a casa paroquial, após sua construção. Contudo, era um homem de muita força e coragem, era conhecido por

ser exigente e por exercer grande autoridade na comunidade. Vejamos o que diz a Irmã Giulia Di Raimo – freira católica de origem italiana, que trabalhou por muitos anos junto à comunidade de Pedrinhas Paulista – sobre o padre Ernesto:

Le migrazioni iniziano nel 1952: parecchie famiglie lasciano l'Italia e affrontano un lungo e penoso viaggio su navi mercantili per arrivare in Brasile. Un grande numero di queste famiglie proviene dal Veneto al punto che il Vescovo di Treviso, preoccupato per la vita spirituale cristiana di queste persone, decide che un sacerdote le accompagni. Anche il Papa Pio XII interviene e, dalla Diocesi di Treviso, sceglie Don Ernesto Montagner per inviarlo come missionario nella comunità nascente di Pedrinhas Paulista - SP, denominata "Missione Cattolica all'estero".

*Don Ernesto Montagner, accolto dal Vescovo di Assis e dai Missionari del PIME che lo sostengono spiritualmente e anche materialmente, veneto di origine, è un uomo generoso, umile, ardente, ed ha assunto con grande responsabilità la missione a lui affidata. È lui l'anima che spinge i cittadini a superare tutte le difficoltà che incontrano nella nuova terra: affrontare un posto totalmente isolato con mezzi di trasporto precari, strade sterrate, mancanza di acqua, luce ... e tantissime altre necessità. Arrivato con un gruppo di famiglie - tra maggio e giugno 1952 - all'inizio come missionario è stato poi nominato parroco. Al suo arrivo, mentre tutte le famiglie si installavano nella casa a loro assegnata, Don Ernesto rimase in mezzo alla strada senza sapere dove andare poiché non era prevista una casa per lui.³⁰ (Texto de autoria de Irmã Giulia Di Raimo, escrito especialmente para compor o material didático referente ao quarto módulo do curso *Italiano como Herança*, grifo nosso).*

As palavras de Irmã Giulia estão em consonância com relatos de muitos colonos e, conforme já informado no introito desta tese, podemos observar ainda, nas palavras da freira, que o padre Ernesto desempenhava não só suas funções de pároco, como também aquelas atribuídas a prefeito e delegado:

Era sempre Don Ernesto che diede gli orientamenti ai dirigenti della "Compagnia Italo-Brasiliana" su come costruire la chiesa di S. Donato, la casa parrocchiale, la prima scuola elementare, l'asilo S. Domenico Savio, il posto di salute o di primo soccorso. Don Ernesto teneva molto all'educazione dei bambini, degli adolescenti e

³⁰ **Tradução:** A migração começou em 1952: muitas famílias deixaram a Itália e enfrentaram uma longa e dolorosa jornada em navios mercantes para chegar ao Brasil. Um grande número dessas famílias vem da região do Vêneto, a ponto de o bispo de Treviso, preocupado com a vida espiritual e cristã dessas pessoas, decide que um padre as acompanhasse. O Papa Pio XII também interveio e, da Diocese de Treviso, escolheu o P. Ernesto Montagner para enviá-lo como missionário à nascente comunidade de Pedrinhas Paulista/SP, chamada de “Missão Católica no Exterior”. Dom Ernesto Montagner, acolhido pelo Bispo de Assis e pelos Missionários do PIME, que o apoiam material e espiritualmente, originário do Vêneto, é um homem generoso, humilde, ardente e assumiu com grande responsabilidade a missão que lhe foi confiada. Ele é a alma que impulsiona os cidadãos a superar todas as dificuldades que encontram na nova terra: enfrentar um lugar totalmente isolado, com meios de transporte precários, estradas de terra, falta de água, luz... e muitas outras necessidades. Chegou com um grupo de famílias – entre maio e junho de 1952 – inicialmente como missionário e depois foi nomeado pároco. Ao chegar, enquanto todas as famílias se instalavam na casa que lhes foi atribuída, Dom Ernesto permanecia no meio da rua sem saber para onde ir, já que não havia casa para ele.

*dei giovani e chiese alle Suore Domenicane della Beata Imelda di gestire l'asilo.*³¹
(Texto de autoria de Irmã Giulia Di Raimo, escrito especialmente para compor o material didático referente ao quarto módulo do curso Italiano como Herança).

Como observamos na fala da Irmã Giulia Di Raimo, Dom Ernesto exercia grande autoridade junto à colônia, dando, inclusive, sugestões aos dirigentes da CBCII sobre a construção da Igreja, casa Paroquial, Escolas e Posto de Saúde. Segundo relatos de diversos colonos, ele tinha muita preocupação com a questão da educação, preocupando-se desde os primeiros tempos com a construção de escolas, sendo considerado, pelos imigrantes, um visionário para o seu tempo, ao construir o *Asilo San Domenico Savio*, em 1954, uma vez que esse tipo de instituição de ensino não existia na região naquela época. O *Asilo*, por muitos anos, foi administrado e mantido por Freiras Dominicanas.

Imagem 21. Asilo San Domenico Savio (Jardim da Infância):
crianças em atividades ministradas por freiras italianas (Dominicanas da Beata Imelda)



Fonte: arquivo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook

³¹ **Tradução:** Sempre foi Dom Ernesto quem deu as orientações aos dirigentes da “Companhia Ítalo-Brasileira” sobre como construir a Igreja de São Donato, a casa paroquial, a primeira escola primária, o jardim de infância São Domingos Sávio, o posto de saúde ou primeiros socorros. Dom Ernesto se preocupava muito com a educação de crianças, adolescentes e jovens e pediu às Irmãs Dominicanas da Bem-aventurada Imelda que administrassem o Jardim de Infância.

Além de toda a sua participação junto a Companhia de Colonização e Imigração Italiana para a construção de escolas, posto de saúde, igreja e casa paroquial, de acordo com muitos imigrantes, ele andava de propriedade em propriedade, visitando as famílias, dando-lhes força e incentivo para que permanecessem no Brasil. Se soubesse que algum colono tencionava retornar à Itália, lá estava ele visitando a família, argumentando para que ficassem.

As visitas do padre às famílias no campo, durante os primeiros anos da colônia, eram feitas de bicicleta, com sol ou chuva, no inverno ou no verão, sempre usando sua batina preta. Esse fato despertava nos imigrantes grande admiração, pois entendiam que, para ele, o bem-estar de todos vinha em primeiro lugar e justificava todo e qualquer sacrifício que ele fizesse, como podemos observar no relato a seguir:

*Lui, fin dal principio, immagina, con quel caldo che faceva, con quella polvere che c'era – perché, quando era secco c'era polvere, quando era bagnato faceva del fango – in bicicletta, con quella tunica lunga, visitava famiglia per famiglia per poter dare entusiasmo. Solo per vocazione proprio.*³² (G.M., 79 anos) (Fornasier, p. 54)

Essas visitas eram parte das muitas ações praticadas pelo padre para motivar os imigrantes a permanecerem na colônia e não retornarem à Itália. Muitos outros projetos foram postos em prática, como por exemplo, a já citada construção de uma escola para atender às crianças maiores e do *asilo*³³ para atender aos filhos pequenos dos colonos (como observamos na fala da Irmã Giulia) enquanto as mães também ajudavam seus esposos nas lavouras; a construção de um Cineteatro, onde Dom Ernesto projetava filmes para entretenimento; a instituição de muitas festividades religiosas e não religiosas, com gincanas e prêmios, no intuito de oferecer lazer a todos, para compensar o trabalho pesado diário; além, é claro, de seu trabalho de pároco, celebrando missas, dando catequese, ensinando música religiosa às crianças (coral) e assistindo espiritualmente a todos. Por essa razão diziam que o padre, além de suas atribuições como missionário, desempenhava trabalhos tradicionalmente atribuídos à função de prefeito.

³² **Tradução:** Ele, desde o início, imagina, com aquele calor que fazia, com aquela poeira, porque quando estava seco havia poeira, quando estava molhado fazia lama – de bicicleta, com aquela túnica longa, visitada família por família para poder dar entusiasmo. Só por vocação mesmo.

³³ Dom Ernesto foi o fundador do Asilo San Domenico Savio, em setembro de 1954. *Asilo* na Itália corresponde às escolas de ensino infantil, que atendem crianças de 0 a 6 anos. As escolas que atendem crianças de 0 a 3 anos são chamadas de *Asilo Nido*.

Imagem 22. Igreja de San Donato recém-construída



Fonte: acervo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook

Imagem 23. Colonos jogando bocha



Fonte: acervo digital do Centro Cultural de Pedrinhas Paulista em página do Facebook.

De acordo com os imigrantes entrevistados, o padre Ernesto era um homem austero, ou seja, “rígido de caráter, severo e grave” (Dicionário Aurélio, 1998, P. 73-74), de poucos sorrisos e de muita fé. Segundo esses relatos, Dom Ernesto era muito exigente, o que ele dizia tinha de ser seguido à risca. Ele presava muito pela moral e pelos bons costumes, desde o modo de os colonos se vestirem, especialmente as mulheres, até o modo como deviam se comportar, dentro e fora da igreja.

Conforme muitos relatos de imigrantes e de seus descendentes, Dom Ernesto não permitia que homens e mulheres assistissem às missas juntos. Ao entrarem na igreja, as mulheres deviam se dirigir para os bancos localizados do lado direito e os homens para os bancos do lado esquerdo. Ainda hoje, algumas pessoas fazem uso dessa regra ao entrarem na igreja, principalmente as mais idosas.

Além de separar homens e mulheres na missa, o padre não permitia que as mulheres usassem blusas cavadas ou vestidos curtos dentro da Igreja, se uma desavisada usasse algo que ele julgasse impróprio para ir à missa, ele se dirigia à pessoa e lhe chamava a atenção, perguntando “se tinha comprado pouco tecido”, “se tinha perdido as mangas da roupa pela estrada”³⁴, fato que ainda hoje é narrado, inclusive por membros de uma geração que não o conheceu:

Ele foi uma pessoa importante para a colonização da cidade, um líder. Penso na minha *nonna* falando que ele era rígido e que batia no ombro das pessoas que usavam roupas que não tinham mangas (Participante 11, com 22 anos, do sexo feminino).

Ele também não gostava que nada atrapalhasse o seu sermão, se percebesse alguém conversando ou uma criança chorando, lhe chamava a atenção diante de todos ou lançava um olhar severo para a pessoa, que já compreendia o recado emitido através do olhar.

Ele de fato educava pelo olhar, mas não apenas. Nas aulas de música que dava aos filhos dos colonos, ensinando-os a tocar o órgão ou a cantar no coral, se algum aluno errasse, por falta de habilidade ou por distração, era repreendido com uma reguada na cabeça, segundo relatos de filhos de imigrantes. Esse seu jeito de educar tão rigoroso, sem dúvida, afetou também o modo de agir e de se comportar de toda a comunidade, que também passou a observar se as regras estavam sendo cumpridas, tornando-se também vigilantes desses valores éticos e morais apregoados pelo padre. Ainda hoje, filhos e netos de imigrantes são muito atentos ao modo de se vestir e de se comportar, principalmente no ambiente da Igreja. Dom Ernesto faleceu em 11 de dezembro de 1995 e ainda hoje muitos seguem seus costumes, seja por hábito, seja pelo profundo respeito ou pela admiração que lhe dedicam, como podemos observar no relato a seguir:

³⁴ Expressões usadas pelos entrevistados com “aspas” na fala do padre.

Eu penso nele com respeito, admiração, educação. Se nós tivemos educação aqui em Pedrinhas, eu digo da questão didática mesmo, foi tudo através dele, ele tinha preocupação com isso. É como se ele fosse um visionário, porque ele sabia que tinha que ter escolas aqui. Primeiro ele pensou *nell'Asilo*, onde os pais deixavam suas crianças para trabalhar e eles tinham que ser educados. Depois ele se preocupou com o Ensino Médio, alunos de Florínea e Cruzália³⁵ vinham estudar aqui. Crescemos todos educados e está aí o resultado até hoje: uma comunidade que, embora um observe a vida do outro, mas sempre *per non fare brutta figura, restiamo tutti bene, non si può fare così*. Falar nele me faz bem. Ele foi enérgico, de poucos sorrisos, mas tudo girou em torno dele. Nós não precisávamos de prefeito, nós não precisávamos de delegado, nós não precisávamos de nada. Era sempre tudo muito ligado com a fé, com *le preghiere* (F.D.N.B., 56 anos).

Dom Ernesto foi uma pessoa extraordinária, porque teve um papel essencial para o crescimento de Pedrinhas Paulista. Ele era como um prefeito, tinha autoridade, imposição e energia para enfrentar as dificuldades daquela época. Por isso todos o respeitavam (L.F.T.C., 58 anos).

Os relatos acima são dois, entre tantos relatos de italianos e de descendentes, que exemplifica o respeito e o apreço que dedicam ao padre Ernesto, e corrobora a afirmação feita por Cavallari e Maggio (2008) sobre a influência do padre na manutenção dos costumes, dos valores éticos e morais da comunidade:

A figura do padre fundador, Dom Ernesto, teve um papel fundamental na questão da manutenção dos costumes, nos valores éticos e morais da comunidade, chegando a interferir pessoalmente e individualmente como conselheiro espiritual e muitas vezes como pai, em nome da manutenção de uma pureza étnica, que por vezes chegou a extremos. Sua figura mitificada aparece como controladora e autoritária. Sem dúvida, é o mais importante personagem da história dessa comunidade (Cavallari e Maggio, 2008, p. 95).

As autoras ressaltam a importância de Dom Ernesto junto à comunidade de imigrantes e analisam o discurso do padre por meio de seus sermões, à luz de Bakhtin, assinalando que era por meio de sua pregação que Dom Ernesto reafirmava os valores éticos e morais a serem seguidos pela comunidade. Elas destacam que “**os sermões do padre uniam a mensagem religiosa às suas intenções de preservar o patrimônio cultural das famílias sob sua tutela**” e que “o culto religioso constituía o momento em que o reverendo se dirigia a todos os fiéis, **indicando diretrizes de comportamento**” (Cavallari e Maggio, 2008, p. 95, grifo nosso)

Um dos sermões analisados por Cavallari e Maggio foi escrito pelo padre em data da comemoração ao dia da Sagrada Família de Nazaré, no ano de 1958, em italiano, no qual fica evidente o paralelo que ele estabelece entre a sagrada família e as famílias da colônia, dando-lhes a família de Jesus como modelo a ser seguido. Vejamos no excerto a seguir:

³⁵ Cidades vizinhas a Pedrinhas que já eram município e enviavam seus alunos para Pedrinhas, ainda na condição de Distrito, para cursar o Ensino Médio (antigo 2º Grau).

Os textos exortam os fiéis a tomarem como “modelo” aquela família, em que a mãe “é a verdadeira dona da casa e vive para a família”, o pai é “homem justo e venerando, indefesso trabalhador que, com o suor de sua fronte, provê às necessidades da família” e o menino é o “sorriso dos pais, que cresce em bondade, sapiência e graça diante de Deus e dos homens” (1958, tradução das autoras) (Cavallari e Maggio, 2008).

Como podemos observar, o modelo de família proposto pelo padre em seu sermão condiz com aquele modelo proposto pelo patriarcalismo em que a mulher deve ser casta, cuidar do lar, do marido e dos filhos, estando sempre submissa ao esposo e devotada à sua família, como nos coloca Follador, em seu artigo *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*:

Assim, desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele (Follador, 2009, p. 8).

Segundo Follador, o modelo da mulher do patriarcado brasileiro, que teve sua herança no antigo continente, de onde o padre Ernesto era proveniente, era aquele pautado na figura bíblica da Virgem Maria:

Reconhecida como “guardiã da infância”, a mulher, mais do que nunca, tinha um exemplo a seguir, o de Maria. Aquelas que transgredissem o modelo “esposa-mãe-dona-de-casa-assexuada” eram consideradas desviantes do perfil, do papel social, que a sociedade espera (Follador, 2009, p. 7)

Esse modelo de mulher do patriarcado brasileiro assinalado por Follador (2009), segundo nosso entendimento, parece convergir com o papel da mulher no modelo de família proposto por Dom Ernesto, no excerto analisado por Cavallari e Maggio.

Para realizarem a análise dos sermões de Dom Ernesto, as autoras pautaram-se em Bakhtin, principalmente em sua ideia de que todo “signo é ideológico” (1992), observando também o que o autor diz sobre “a palavra autoritária” (1990), uma das modalidades do discurso destacadas por ele, a qual está ligada ao poder, seja em contexto religioso, político, moral, à palavra dos pais ou de professores, e que nos é imposta (Cavallari e Maggio, 2008 p. 95). Segundo as autoras:

Dom Ernesto serve-se essencialmente da palavra autoritária, que não admite questionamentos, para tornar persuasivo seu discurso e garantir seu lugar de liderança da comunidade de imigrantes. O padre domina o discurso religioso e privilegia-se dele para definir o comportamento ideológico, não só religioso, pois apela ao patriotismo e à necessidade de o grupo manter a própria identidade (Cavallari e Maggio, 2008, p. 96).

Vejamos o trecho final do sermão supracitado, analisado por Cavallari e Maggio, nas palavras do próprio padre:

Quest'anno abbiamo un motivo tutto speciale per celebrare con festa questa festa, siamo emigranti, siamo per così dire in esilio in cerca di pane e lavoro e quale cumulo di sacrifici, quale cumulo fatiche disumane a noi! E bene, sappiate che

*proprio per noi, proprio per le famiglie degli emigranti il papa ha dato come esempio, modello di sostegno, la santa famiglia di Nazareth. Specchiamoci in quello, imitiamo quella, facciamo che Gesù segni nelle nostre case e state certi ritornerà la serenità, la tranquillità e la pace*³⁶ (Cavallari e Maggio, 2008, p. 97).

De acordo com a análise das autoras, Dom Ernesto desempenhou um papel muito importante durante a fundação da colônia de Pedrinhas, bem como nos anos que se seguiram, num trabalho árduo para manter a comunidade unida, protegendo esse patrimônio cultural familiar trazido por cada imigrante, através de suas atitudes enquanto religioso e também político, por meio de seu discurso, em seus sermões, num esforço de recriar uma pequena Itália em terras brasileiras, reafirmando seus valores éticos e morais, seus costumes e tradições. Cavallari e Maggio afirmam que:

O italiano de Pedrinhas Paulista, retirado de sua terra natal e destituído de suas regras sociais, foi inserido num ambiente onde as normas foram feitas para satisfazer uma comunidade italiana. Talvez por isso até hoje a ideia do “pedacinho da Itália no Brasil” ainda resista, reforçada pela reconstrução do imaginário social recriado fora da Península. Ao mesmo tempo em que perderam sua porção de aldeia, recriaram, em solo brasileiro, as regras italianas pedrinhenses, que perduram, passando de geração a geração (Cavallari e Maggio, 2008 p. 95).

Ainda hoje, essa afirmação encontra eco nas vozes das gerações mais jovens da comunidade. Todos, mesmo aqueles que nasceram após a morte de Dom Ernesto, conhecem sua história, sabem de sua importância para a formação e manutenção da comunidade de Pedrinhas. Sabem também de seu jeito austero e da autoridade que exercia, pois suas histórias atravessaram gerações, como podemos observar nos relatos a seguir, feitos por membros da terceira geração.

Nasci em 1997, quando o Pe. Ernesto já havia falecido. Desse modo, registro aqui minhas impressões sobre ele pelo que ouvi dizer, pelas histórias contadas pelos meus pais e avós. O Pe. Ernesto era, antes de tudo, ATENCIOSO para com a população, estava sempre visitando as casas e, por isso, era considerado como um membro da família. De cada família. Abençoava os lares, levava palavras de apoio a todos. Foi realmente imprescindível para o crescimento de Pedrinhas Paulista, pessoa chave que incentivava o trabalho e a propagação da religião. Não deixava que os indivíduos desistissem de suas vocações e **tirava os mais ociosos de seu conforto, dando broncas, ensinando a sua moral e levando muitos para a catequese. Conhecia as pessoas pelo nome e pelo caráter, aconselhando a comunidade inteira como um pai** (Participante 1, com 23 anos, do sexo masculino, grifo nosso).

³⁶ **Tradução:** Este ano temos um motivo muito especial para celebrar esta festa com alegria, somos emigrantes, estamos no exílio, por assim dizer, em busca de pão e trabalho, e quantos sacrifícios, quanta labuta desumana para nós! E bem saibam que precisamente para nós, precisamente para as famílias dos emigrantes, o Papa deu como exemplo um modelo de apoio, a Sagrada Família de Nazaré. Espelhemo-nos na Sagrada Família, imitemo-la, deixemos Jesus se manifestar em nossas casas e tenhamos a certeza de que a serenidade, a tranquilidade e a paz voltarão.

Como podemos observar neste relato, as famílias foram as grandes propagadoras da história do Padre Ernesto, bem como tudo o que com ele aprenderam sobre sua cultura (código de conduta e moral). Destacamos deste depoimento o seu papel de PAI da comunidade, aquele que cuida dos seus filhos, assistindo-os, guiando-os e repreendendo-os quando necessário. Outros depoimentos apontam ainda para a figura do PAI e do GUIA.

D. Ernesto soube como ninguém zelar em tudo pelas suas ovelhas (V.L.D.N. 64 anos).

Grande mentor, pai, chefe, coordenador, líder, cabeça, peça chave/principal, gerente, organizador, ponto de fuga para onde tudo se converge (Participante 16, com 27 anos, do sexo feminino).

Ao questionarmos os participantes da pesquisa pertencentes à segunda e à terceira geração sobre o que sabem a respeito de Dom Ernesto e o que ele significou para a formação e manutenção da comunidade de Pedrinhas Paulista, algumas palavras para defini-lo foram uníssonas: perseverante, otimista, rígido em seus princípios (unanimidade), caridoso, líder (unanimidade). O que notamos é que, na visão geral de todos, Dom Ernesto poderia ser descrito como um líder rígido, que se preocupava com o bem-estar de todos.

Esse fato já havia sido assinalado por Maggio (2018) em sua comunicação no *Simpósio Italianidade Reencontrada: Desvelando Línguas, Memórias e Identidades*, que compôs o II Congresso Internacional Línguas Culturas e Literaturas em Diálogo: identidades silenciadas, realizado de 16 a 18 de agosto de 2018, na Universidade Federal de Brasília. Neste Simpósio, Maggio traça um perfil de Dom Ernesto apoiada na coleta e análise de dados de sua pesquisa de Pós-Doutorado, ainda em curso, utilizando a metodologia de Grupos Focais (Trentini & Gonçalves, 2000; Leopardi et al, 2001; Cruz Neto; Moreira; Sucena, 2002; Flick, 2004). Em sua comunicação, a autora define a figura do padre como o pai da comunidade, o seu pilar de sustentação, destacando o rigor de seu caráter e a persuasão de seu discurso pela “palavra autoritária”.

Em nossa pesquisa também notamos que a figura do padre é tão forte e presente ainda hoje na comunidade que, embora um dos participantes não tenha citado explicitamente o nome do pároco em seu relato, quando questionado sobre “que pessoa vem primeiro a sua mente quando se fala na comunidade de Pedrinhas”, observamos claramente sua presença, personificada na figura da Igreja:

Na minha mente não vem exatamente uma ou outra pessoa, me vem primeiramente a imagem da Igreja de Pedrinhas, uma procissão, que geralmente reúne bastante gente em frente à igreja. Lembro-me da catequese e das missas (Participante 2, com 32 anos, do sexo feminino).

Observamos aí a presença do Padre Ernesto, espelhada na Igreja, na procissão e no povo reunido em torno da Igreja, que era de onde vinha toda a energia que movia a comunidade. Dom Ernesto faleceu em 11 de dezembro de 1995, mas ainda hoje permanece vivo no espírito da comunidade e o reconhecimento de sua figura histórica está na fala de todos os moradores da cidade, seja descendente de italianos ou brasileiro, como podemos observar na fala de C.L.G., morador de Pedrinhas há XX anos, que participou da segunda e terceira gestão do governo municipal como chefe de gabinete:

Eu digo hoje, estudando as passagens e os momentos de Pedrinhas, que se o Dom Ernesto não estivesse à frente aqui em Pedrinhas, Pedrinhas teria tido o mesmo fim de Mandaçaia de Goiás e de Joinville (C.G. 80 anos).

O senhor C.G. se refere a outras duas colônias de imigrantes italianos fundadas na mesma época da fundação de Pedrinhas, localizadas nos estados de Goiás e Santa Catarina, ambas geridas pela CBCII, que não obtiveram sucesso e se extinguíram. Hoje, o arquivo documental das duas colônias estão sob a guarda do município de Pedrinhas Paulista, juntamente com os documentos do núcleo colonial de Pedrinhas.

Esta seção, destinada à figura principal da história de formação da Comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, ajuda a compor o contexto desta pesquisa e auxilia também na análise de dados que será feita na próxima seção, que analisará a vida em comunidade, à luz do conceito de comunidade proposto por Bauman (2003).

3.3 PROTEÇÃO E FALTA DE LIBERDADE: A DICOTOMIA QUE PERMEIA A VIDA EM COMUNIDADE

Quando pensamos em comunidade, a primeira coisa que nos vem à mente é um espaço de convivência fechado, pequeno, com rostos conhecidos, com hábitos, costumes e crenças compartilhados, que pode tanto ser um bairro de uma cidade maior quanto um grupo de pessoas que vivem em uma pequena cidade. Para compreendermos melhor o conceito de comunidade, em princípio, observaremos os significados dessa palavra trazidos pelo Dicionário Aurélio:

1. Qualidade ou estado do que é comum; comunhão. 2. Concordância, conformidade, identidade. 3. Posse, obrigação ou direito em comum. 4. O corpo social; a sociedade. 5. Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica. 6. Qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns. 7. Grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes: a COMUNIDADE dos comerciantes. 8. Grupo de pessoas que comungam uma mesma crença ou ideal. 12. Sociol. Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos (Dicionário Aurélio, 1998, p. 165).

Todas as definições do termo comunidade dadas pelo Dicionário Aurélio (1998) se coadunam com a configuração da comunidade de imigrantes de Pedrinhas Paulista, que na introdução desta tese foi definida como um grupo de pessoas, vindas da Itália para o Brasil, durante o período que se seguiu ao pós-guerra, a partir de 1952, e que vem, ao longo de 70 anos, lutando para manter aquilo que é comum a todos: sua língua e sua identidade cultural. Essa comunidade é, portanto, em nosso entendimento, formada por muitos dos significados que compõem esse verbete: pessoas que se unem em torno de ideais comuns, que possuem a mesma herança linguística e cultural e que ocupam o mesmo espaço geográfico, com ações coesas por um consenso espontâneo.

Essas definições, sem qualquer análise mais aprofundada, remetem apenas aos pontos positivos de se viver em comunidade, fato que Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, chama-nos a atenção. De acordo com o autor, quando se fala em comunidade, de imediato, geralmente as pessoas nunca se reportarão a palavras que expressem sentidos negativos. Sem refletirmos sobre elas, essas definições trazem, de primeiro momento, apenas os sentidos positivos que a palavra evoca: aconchego, segurança, proteção, confiança, pois pertencer a um mesmo espaço, possuir as mesmas crenças e ideais, estar irmanados pela mesma herança cultural, possuir forte coesão, apresentar um consenso espontâneo, tudo isso nos faz pensar em coisas boas e não em conflitos, por exemplo.

Em seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, em que faz uma importante reflexão sobre o termo “comunidade”, Bauman reflete justamente o fato de que a vida em comunidade sempre nos proporcionará uma eterna dualidade ou dicotomia.

De acordo com o autor, “O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (Bauman, 2003, p. 9). Porém, ele nos chama a atenção para a outra face da vida em comunidade: a falta de liberdade, de autonomia, de direito à autoafirmação e à identidade, como podemos observar na seguinte reflexão:

Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo (Bauman, 2003, p. 10).

Segundo o autor, o que mantém os contornos de uma comunidade é o seu caráter fechado. Ao escolhermos viver em comunidade, perderemos muito de nossa liberdade, mas se optarmos por viver fora dela, em contrapartida, nos sentiremos desprotegidos. Qualquer esco-

lha sempre implicará alguma perda, pois liberdade e segurança “são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito” (Bauman, 2003, p. 10).

Para construir sua argumentação de modo a comprovar tal afirmação, o autor retoma o período histórico da Revolução Industrial e faz uma profunda análise da sociedade que se formou a partir de então e de como essa cultura opressora do trabalho fútil e vigiado nas fábricas interferiu no conceito de comunidade que, antes do advento da indústria, constituía uma vida tranquila, em que os espaços eram de fato comuns, em que os produtos eram feitos por artesãos, que os confeccionavam de modo autêntico e singular, sendo contemplados apenas pela curiosidade do olhar admirado de um vizinho. O sistema capitalista que se formou com o a indústria aniquilou a configuração natural e espontânea de comunidade, para depois reconstruí-la de modo artificial nos moldes de seus interesses, como podemos observar no seguinte trecho:

Duas tendências acompanharam o capitalismo moderno ao longo de toda sua história, embora sua força e importância tenham variado no tempo. Uma delas já foi assinalada: um esforço consistente de substituir o “entendimento natural” da comunidade de outrora, o ritmo, regulado pela natureza, da lavoura, e a rotina, regulada pela tradição, da vida do artesão, por uma outra rotina artificialmente projetada e coercitivamente imposta e monitorada. A segunda tendência foi uma tentativa muito menos consistente (e adotada tardiamente) de ressuscitar ou criar *ab nihilo* um “sentido de comunidade”, desta vez dentro do quadro da nova estrutura de poder (Bauman, 2003, p. 36).

Essa tentativa tardia de criar um novo sentido de comunidade não foi bem-sucedida, pois teve esse caráter coercitivo e, desde então, segundo o autor, formou-se uma “tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade” (Bauman, 2003, p. 10).

Essa dicotomia que caracteriza uma comunidade pode de fato ser observada em comunidades como a de imigrantes italianos que se formou no município de Pedrinhas Paulista, onde convivem não apenas os imigrantes e seus descendentes, como também brasileiros pioneiros e outros que passaram a viver na colônia nos anos que se seguiram a sua fundação. Enquanto a comunidade se manteve fechada, fazendo casamentos apenas entre seus membros, a língua e a cultura se mantiveram, mas a partir do momento em que ela se abriu e seus descendentes começaram a se casar com brasileiros, as culturas começaram a se fundir. Não destacamos aqui um lado negativo em relação a esse fato, pois acreditamos no conceito de identidade cunhado por Bauman (2005) e reconhecemos que ela está em constante movimento de (re)construção. Contudo, tendo em vista que a cultura e a língua italiana nesse contexto têm caráter minoritário, uma não intervenção por meio de ações para a sua revitalização seria um caminho sem volta para o seu silenciamento.

Fora de seu país de origem, como alternativa para a manutenção de sua identidade cultural esses imigrantes poderiam evitar o casamento com brasileiros, fato que realmente ocorreu em grande parte das famílias, mas não em cem por cento dos casos, pois temos relatos de alguns casamentos entre rapazes italianos e professoras brasileiras que se estabeleceram em Pedrinhas para exercer a profissão, logo nos primeiros anos da colônia. Segundo relatos de imigrantes, naquela época, havia poucas moças de origem italiana e o casamento de rapazes da colônia com algumas professoras de origem brasileira foi inevitável. Um entrevistado comentou que assim que uma menina de família italiana se mostrava mais crescida, “ficava mo-cinha”, logo algum rapaz já propunha namoro, “para garantir”, afirma F.F., 85 de anos.

Acreditamos que a comunidade se manteve fechada o quanto pôde, especialmente pelo modo como Dom Ernesto Montagner a conduzia, nos primeiros anos da colônia, tentando proteger a identidade cultural das famílias de imigrantes e garantindo a permanência desse “peda-cinho da Itália no Brasil”. Com o passar dos anos, de acordo com Cavallari e Maggio (2009), esse sentimento de proteção passou a ser não apenas pela colônia, mas sim pela comunidade de Pedrinhas como um todo, por meio da manutenção da harmonia familiar:

A manutenção da família, unida no lugar de origem, agora Pedrinhas Paulista, a pequena Itália construída com o trabalho dos imigrantes sob sua orientação, é a solução para manter a identidade local da rica e próspera comunidade italiana, por isso o padre exorta os fiéis a cumprirem seu dever para que, além das comodidades materiais, cada lar seja “um verdadeiro ninho de amor, de felicidade e de paz entre todos os seus membros” (Cavallari e Maggio, 2008, p. 98).

Buscamos em nossa pesquisa, durante a coleta de dados, a informação de que os imigrantes italianos da Colônia de Pedrinhas tinham a consciência desse desejo de manter sua língua e cultura e, hipoteticamente, por essa razão incentivassem seus filhos a se casarem com filhos de outros imigrantes. Ao questionarmos alguns filhos de imigrantes e seus descendentes sobre o porquê do fato de, no início da colônia, a maioria dos casamentos ocorrerem entre descendentes de italianos e em alguns casos isolados o casamento desses descendentes com brasileiros, o que obtivemos como resposta foi que esse fato se deu pelos imigrantes temerem que os casamentos com brasileiros não dessem certo, pela grande diferença cultural e não para preservarem a língua ou a cultura. Nos primeiros anos da colônia, segundo esses relatos, além dos imigrantes italianos, a cidade agregava também muitos retirantes vindos da Bahia, em busca de trabalho nas lavouras de algodão. Aos poucos, com o passar dos anos, a cidade foi sendo constituída por pessoas vindas de outras cidades e de outras regiões e, desta forma, outras identidades culturais foram sendo agregadas à comunidade.

Com o correr dos anos, e com um contato mais estreito e mais intenso com a cultura brasileira, os netos e bisnetos desses imigrantes italianos naturalmente passaram a se identificar muito mais com a cultura brasileira que com a italiana, uma vez que a cultura de herança tende a ir se tornando cada vez mais distante no tempo e parte daquela preservada por seus avós ou bisavós pode parecer, aos olhos desses descendentes, ter congelado no tempo. A impressão que se tem é a de que a comunidade manteve um pensamento e um padrão de comportamento muito típico daquele trazido da Itália, nos anos 50, e fortemente ensinado pelo Padre Ernesto em seus sermões (Cavallari e Maggio, 2008) e, nos dias de hoje, esse padrão de comportamento passou a não fazer mais sentido para alguns membros das novas gerações que nasceram com o advento da internet, com o mundo cada vez mais globalizado e com o livre acesso ao conhecimento. Os italianos que permaneceram na Itália seguiram o fluxo natural do seu desenvolvimento social, e as mudanças culturais, bem como as linguísticas ocorridas na comunidade italiana de Pedrinhas Paulista, deram-se de modo diverso, o que acreditamos também ser muito natural, porém um pouco conflituoso para os filhos de imigrantes e seus descendentes. Podemos relacionar esse fato ao que nos afirma Bauman (2003), quando diz que a vida em comunidade, “quando não se pode abrir uma janela”, muitas vezes pode se tornar sufocante, pode privar seus membros de gozar ou exercer o seu direito à liberdade de escolha.

É inegável que o movimento de emigrar por si só já é muito penoso, uma vez que exige do indivíduo uma grande capacidade de se adaptar e de se redefinir em outro lugar. É um grande desafio, que se suaviza quando se tem uma comunidade na qual se apoiar, se proteger e se sentir minimamente seguro, dadas as circunstâncias.

O grande impasse dessa questão é, portanto, após esse período de adaptação dos imigrantes – que pode levar pouco ou muito tempo –, conseguir manter sua língua e cultura de herança através das gerações, quando muitas vezes membros mais jovens sentem-se sufocados dentro da própria comunidade e, talvez por vergonha (por fugir ao padrão da cultura do país de acolhimento), ou pela distância no tempo julgar essa herança algo do passado, acabam por negar de alguma forma esse legado. A comunidade pode, então, significar aconchego para alguns, mas para outros pode ganhar contornos de opressão.

Antes, porém, de analisarmos os dados sob o aspecto da dicotomia que acompanha a vida em comunidade, achamos oportuno nos atentarmos para um fato que julgamos muito importante, que é o conceito que os participantes³⁷ desta pesquisa trazem sobre o termo comuni-

³⁷ Aqui nos referimos aos netos dos imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, que pertencem à terceira geração de descendentes, com idades entre 15 e 35 anos.

dade. O que podemos observar é que para 68,75% dos participantes o termo comunidade remete a um lugar subjetivo a que pertencemos, não se tratando, portanto, de um espaço físico, configurando-se como o espaço subjetivo em que convivemos e interagimos com pessoas, com as quais aprendemos e ensinamos nossos hábitos, costumes, crenças, valores e tradições. Para 31,25% dos jovens que responderam ao questionário, o termo comunidade se define como a cidade, o espaço físico. Isso pôde ser constatado mediante as respostas dadas sobre os pontos positivos e negativos de se viver em uma comunidade como a de Pedrinhas Paulista, tendo em vista que como pontos negativos destacaram, por exemplo, o fato de o comércio não ser desenvolvido, a falta de oportunidade de emprego, o fato de não possuir ensino superior no município; como pontos positivos foram destacados a educação de qualidade, o baixo índice de criminalidade, entre outros. Esses 31,25% dos participantes em momento algum fizeram menção aos costumes, ao comportamento e às tradições como características de uma comunidade, compreendendo a comunidade, então, como o município e sua gestão política.

É interessante observar que, inicialmente, esses 31,25% dos participantes, ao definirem a comunidade em três palavras utilizam termos que conotam seus sentimentos (aconchego, refúgio, tradição, família etc.), mas ao destacarem os pontos positivos e negativos de se viver nessa comunidade, alguns não mencionam nenhum aspecto subjetivo que envolva o convívio social e a sua identidade. Tendo feito essa observação acerca da compreensão que os participantes têm sobre a palavra comunidade, passamos agora a analisar os dados sob o aspecto da dicotomia assinalada por Bauman (2003).

O autor, logo no início de seu livro, afirma que quando indagamos às pessoas sobre o que significa comunidade, as definições que elas trazem geralmente evocam os sentimentos de proteção, aconchego e segurança. Num primeiro momento raramente definirão comunidade com palavras negativas, pois, de acordo com Bauman, trazemos conosco uma visão idealizada de comunidade. Esse fato foi comprovado em nossa pesquisa, pois ao perguntarmos sobre o significado da palavra “comunidade” a 16 descendentes de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, todos pertencentes à terceira geração, com idades entre 15 e 35 anos, apenas um trouxe palavras que conotam sentimentos negativos. Esses jovens foram, inicialmente, solicitados a definir o termo “comunidade” em apenas três palavras e, ao analisarmos suas respostas, observamos que o sentimento maior que o termo lhes desperta é o de PROTEÇÃO, pela presença significativa da palavra família (7 vezes), familiar (1 vez), lar (1 vez), refúgio (1 vez); o sentimento de ACONCHEGO pela recorrência das palavras acolhedora (2 vezes),

aconchego (2 vezes), receptiva (1 vez) e calorosa (1 vez); o sentimento de SEGURANÇA pelo uso das palavras Calma (1 vez), calma (1 vez) e tranquila (1 vez), tranquilidade (1 vez) e paz (1 vez). Percebemos também o valor atribuído à IDENTIDADE e à TRADIÇÃO, pelo uso das palavras tradição (4 vezes), raízes (1 vez), cultura italiana (4 vezes), pertencimento (1 vez) e história (1 vez). Outras palavras também foram mencionadas: “honesto”, “trabalhadora” e “luta”, através das quais podemos inferir, por fazermos parte dessa comunidade, que reportam aos primeiros imigrantes italianos, que com muita luta ergueram a cidade do chão e prosperaram por meio de muito trabalho; as palavras “amor” e “amizade” reportam ao AFETO que possuem por família e amigos. As únicas palavras que destoaram de todas as outras mencionadas foram “competição” e “falsidade”, trazendo o lado negativo do verbete aqui desenhado. Apesar das palavras competição e falsidade não remeterem a aconchego e proteção – ao contrário, conotam insegurança –, a leitura que fazemos da presença de ambas já na primeira impressão de um dos participantes da pesquisa é a de que o caráter sufocante de que nos fala Bauman, que para grande parte dos entrevistados apareceu somente nas perguntas seguintes, neste caso, esse sentimento já fica evidente desde o início. O resultado a que chegamos, após tabularmos e analisarmos esses dados, corrobora, portanto, a seguinte afirmação feita por Bauman sobre a palavra COMUNIDADE, “O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (Bauman, 2003, p. 9), uma vez que 93,3% dos entrevistados destacaram apenas palavras positivas sobre o termo.

Esse jogo de sentimentos contraditórios de que nos fala o autor – segurança e falta de liberdade – que envolvem a vida em comunidade, evidencia-se, então, nas palavras de um dos participantes desde o início do questionário – pois ele cita, respectivamente, as palavras “amizade, competição e falsidade” para definir comunidade –, deixando claro que valoriza as amizades construídas nesse ambiente, que de alguma forma essa relação com algumas pessoas lhe proporcionam algum conforto ou bem-estar, mas em contrapartida à primeira, as demais palavras remetem a um ambiente inseguro, por não lhe inspirar confiança.

O sentimento de sufocamento na vida em comunidade vem à tona, não em todos os questionários, mas em boa parte deles, e se torna mais claro ao longo das respostas dadas às demais perguntas. Quando solicitados a destacar os pontos positivos e negativos de se viver em uma pequena comunidade como a de Pedrinhas Paulista, esse sentimento conflituoso apareceu nas respostas de 50% dos participantes da pesquisa. Dos 16 jovens consultados, 8 apresentaram pontos negativos que podem indicar que a comunidade pode ser também um ambiente opressor.

O maior incômodo por eles apontado se evidencia pela recorrência da palavra “fofoca” ou por expressões que conotem fofoca, mencionada por 6 desses 8 jovens. Alguns participantes, curiosamente, utilizam-se de eufemismos como “as pessoas comentam em demasia sobre a vida das outras pessoas”, “por ser uma cidade pequena há muitos dizeres sem necessidade”, “às vezes as pessoas cuidam da vida de outras pessoas”, “Informações locais espalhadas rapidamente e na grande maioria das vezes, adulteradas ou aumentadas”. Apenas dois dos participantes utilizam diretamente o termo “fofoca” ao citar os pontos que consideravam negativos.

Segundo o Dicionário Aurélio (1998), fofoca é “mexerico, intriga, bisbilhotice”. Intriga, por sua vez, é definida como “comentário malicioso, ou de má-fé que ocasiona aborrecimento, inimizades”. Ao analisarmos esses significados, podemos inferir que a palavra “falsidade”, empregada por um dos jovens no início do questionário, tenha relação estreita com a palavra fofoca, utilizada como ponto negativo por outros participantes mais adiante em outra questão.

A palavra “fofoca”, segundo nossa análise, está diretamente relacionada ao sentimento de “não aceitação” pelo outro. Entendemos que quando uma pessoa é alvo de fofoca, ela está fora dos padrões de comportamento estabelecidos como “corretos” por aqueles que fazem a fofoca. Como bem diz o Dicionário Aurélio (1998), trata-se de um “comentário malicioso” e ninguém faz comentário malicioso daquilo que aprova ou que acha bom. A fofoca, portanto, está relacionada a não aceitação de um comportamento, que foge ao padrão a que se está acostumado e, o que é pior, toca na liberdade de ser do outro e configura-se como um desrespeito, o que pode contribuir para os sentimentos de sufocamento e opressão assinalados por Bauman.

Além da fofoca, outras questões surgiram no elenco dos pontos negativos da vida em comunidade durante a pesquisa, como, por exemplo, o machismo (3 vezes), o conservadorismo (2 vezes), o moralismo (1 vez) e o racismo (1 vez), que parecem determinar o padrão de comportamento estabelecido na comunidade em questão, estando ainda estreitamente relacionados à questão da fofoca. Vejamos alguns trechos de respostas de participantes que tocam nas questões levantadas acima e que corroboram a nossa análise:

A despeito da relevância cultural, patrimonial, histórica e afetiva de Pedrinhas Paulista, pode-se afirmar que predomina na comunidade o pensamento machista e patriarcal, estabelecendo o exemplo de um homem no centro da família, cujas palavras devem ser entendidas como ordens, e sua esposa ao seu redor, cuidando da casa e dos filhos. O cenário tradicional e arcaico sobre o qual foi construído esse modelo familiar se projeta ainda nos dias atuais sobre Pedrinhas e os habitantes que foram criados e educados sob tais padrões, de modo que qualquer arranjo familiar destoante disso dá azo às muitas fofocas e julgamentos que permeiam e preenchem a comunidade (Participante 1, com 23 anos de idade, do sexo masculino).

As pessoas comentam em demasia sobre a vida das outras pessoas; italianos geralmente são machistas; e os homens, principalmente os mais velhos, tendem a ser obtusos (Participante 2, com 32 anos de idade, do sexo feminino).

Há um pouco de “preconceito” por parte dos imigrantes com os brasileiros; e também por ser uma cidade pequena há muitos dizeres sem necessidade (Participante 6, com 35 anos, do sexo feminino).

Esses relatos tocam exatamente no ponto da questão por nós destacado, apoiados nas reflexões de Bauman (2003), e demonstram o quanto o ambiente em comunidade pode se tornar opressivo para algumas pessoas quando o comportamento padrão não é seguido e, conseqüentemente, não é aceito. Esse sentimento de opressão atravessa a sua liberdade de escolha e toca fundo na questão da identidade, pois não se sentem mais livres para fazer suas escolhas, sentem-se impedidos, portanto, de negociar suas identidades (Bauman, 2005).

Esse fato é comum a qualquer comunidade e não seria diferente em uma comunidade de imigrantes, entretanto, ele pode contribuir de alguma forma para o distanciamento de alguns jovens de sua comunidade e, conseqüentemente, de sua cultura de herança – que não se restringe apenas aos códigos de comportamento, mas que envolvem também a culinária, a língua e suas tradições. Esse distanciamento natural, quando não há uma identificação com alguns aspectos da cultura, ocorre como um movimento de proteção, em defesa do direito à negociação da própria identidade. Sabemos que a cultura é aprendida por meio do convívio familiar e social, como podemos observar em Samovar, Porter e MacDaniel:

A cultura é aprendida. Ao nascermos, não temos conhecimento das muitas regras da sociedade necessárias para funcionarmos efetivamente em nossa cultura, mas rapidamente começamos a internalizar essas informações. Por meio de interações, observações e imitações, **as maneiras adequadas de pensar, sentir e se comportar são comunicadas a nós** (Samovar, Porter, MacDaniel, 2010, grifo nosso).

É importante que aprendamos a nos comportar e conviver no meio social onde nascemos, aprender nossa cultura nacional e, também, a de herança, para que tenhamos um convívio social harmônico, no entanto é igualmente importante que tenhamos o direito à negociação de nossas identidades culturais. Compreendemos, portanto, que a revitalização de uma língua ou de uma cultura de herança encontra nessa questão um grande obstáculo, pois acaba afugentando muitos jovens com um modelo de comportamento conservador, o qual já não é mais aceito por muitos deles, por não se encaixarem mais nele e por quererem avançar no tempo. Por outro lado, a cultura de um povo não se resume apenas em um padrão de comportamento e o afastamento pode acarretar outros silenciamentos culturais.

Além dessas questões, a comunidade enfrenta atualmente outro obstáculo no tocante à revitalização cultural: o advento da internet e seus desdobramentos. O que nos anos 50 já era um grande desafio para os imigrantes e seus descendentes, com o passar dos anos e com a globalização tornou-se ainda maior, pois, como já mencionado, o que mantém os contornos de uma comunidade é a distância, o seu caráter fechado e pequeno e o advento da internet trouxe o mundo todo pra dentro dela e por essa razão, como nos aponta Bauman, “a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida” (2003, p.19).

Embora a revitalização cultural de uma comunidade de imigrantes, com a globalização e a modernidade líquida (Bauman, 2005), tenha se tornado indubitavelmente um imenso desafio, consideramos muito importante que ele seja enfrentado, se considerarmos a importância da noção de pertencimento para a (re)construção da identidade de seus membros, tendo sempre em vista a liberdade de escolha de cada um. De acordo com Bauman (2003), essa importância se dá, pois a (re)construção de identidades culturais é uma forma de mantermos o sentimento de segurança e aconchego que a comunidade nos oferece. Vejamos o que o autor diz no seguinte trecho:

“**Identidade**”, a palavra do dia e o jogo mais comum da cidade, deve a atenção que atrai e as paixões que desperta ao fato de que **é a substituta da comunidade**: do “lar supostamente natural” ou do círculo que permanece aconchegante por mais frios que sejam os ventos lá fora (Bauman, 2003, p. 20, grifo nosso).

Mas o que deve ser revitalizado na comunidade de Pedrinhas Paulista, então, já que muitos jovens não se identificam com o padrão de comportamento predominante na comunidade, o qual é qualificado por eles como machista e conservador?

Essa resposta nos foi dada por esses mesmos jovens através do questionário respondido, pois, apesar de alguns não concordarem com o machismo e o conservadorismo, que segundo eles ainda é muito evidentes na comunidade em geral, eles destacaram muitos pontos positivos que envolvem essa comunidade: além de acharem a cidade bonita e com uma qualidade de vida muito boa (saúde e educação públicas de boa qualidade, baixos índices de criminalidade, saneamento e limpeza pública são considerados excelentes), eles atribuem grande valor a elementos culturais como a culinária, as tradições, danças típicas, a história da imigração e também a familiar, enfim, a cultura italiana é trazida como positiva de um modo geral.

Vejamos algumas respostas desses participantes da pesquisa sobre os pontos positivos de se viver em uma comunidade como a de Pedrinhas Paulista:

[Poder] ouvir os mais velhos falando em italiano na rua; comer na minha casa e na casa das minhas amigas as receitas que eram das “*nonnas*”; ter uma relação estreita com a minha raiz italiana; família unida (como uma boa família italiana); ter crescido com a tradição (Participante 2, com 32 anos, do sexo feminino).

A parte positiva é ter a experiência de vivenciar a cultura e os costumes de outro país desde criança (Participante 5, com 30 anos, do sexo masculino).

Todo mundo se conhece, muito mais afeto e respeito. Valores e aprendizados passados pelos mais velhos. A comida, aaaaah a comida italiana que delícia! “*Mangia che te fa bene, bello!!!*”. A presença da língua italiana e seus dialetos, ainda que seja menos presentes nas gerações mais novas (Participante 9, com 23 anos, do sexo masculino).

A tradição que aqui é mantida é um belo ponto positivo, a arquitetura, as festas, a culinária, e os costumes trazidos da Itália, fazem com que se torne prazeroso morar nesta pequena comunidade de imigrantes (Participante 12, com 19 anos, do sexo feminino).

Como ponto positivo, ressalto o contato com a cultura italiana (Participante 13, com 22 anos, do sexo feminino).

[Ponto positivo] Grande envolvimento com a cultura, com festas e eventos que enaltecem a tradição italiana (Participante 15, com 18 anos, do sexo masculino).

É notório o valor que é atribuído por esses jovens aos costumes e às tradições familiares, considerando, inclusive, à língua de herança um elemento muito importante. Entretanto, embora atribuam muito valor à cultura de herança, nem todos se sentem de fato responsáveis por sua revitalização. Ao serem questionados sobre o quanto se sentem responsáveis pela revitalização da cultura italiana em sua comunidade, 50% dos participantes disseram que se sentem muito responsáveis; 18,75% responderam que não se sentem muito responsáveis; 25% responderam que se sentem pouco responsáveis e 6,25% disseram que não se sentem responsáveis.

Como podemos observar, a maior parte desses descendentes de imigrantes manifestou o desejo de preservar os traços da cultura italiana em sua comunidade. Ao serem indagados sobre como pretendiam manter a cultura, de que forma esse objetivo poderia ser atingido, muitos indicaram como caminho a aprendizagem das receitas de família e as histórias de vida, como podemos verificar nas seguintes respostas:

Gostaria muito de aprender as principais receitas que minha mãe e avós sempre fizeram, não apenas porque são deliciosas, mas também para poder dar continuidade a essa incrível tradição. Também gosto bastante de conhecer as histórias dos familiares e ver fotos anteriores ao meu tempo. O legado cultural compõe quem eu sou e, se um dia tiver filhos e netos, com toda certeza transmitirei a eles os costumes italianos que acredito que agregariam valor e história a suas vidas, consistentes tanto na reprodução de receitas típicas e no conhecimento das histórias de seus antecedentes, quanto no simples hábito de chamar seus avós de *Nonna* e *Nonno*. Não se pode forçar ninguém a replicar costumes que não gosta. Mas como este não é o meu caso, entendo que terei interesse em preservar na minha geração (e quiçá futuras) os hábitos identitários da minha família e ascendência italiana, copiando as receitas que mais gosto num caderno, anotando as informações mais importantes sobre o passado dos meus avós e pais, gravando eles falarem sobre suas vidas, conquistas e decepções, tirando muitas fotos dos que estão ao meu redor, cuidando para que as fotos e objetos antigos de família não se deteriorem, contando um pouco de tudo isso para

as gerações mais jovens que aparecerem na família e incentivando-as a participar na cozinha, dando a elas o que fazer dentro de suas possibilidades (ex.: pedir para uma criança de 6 anos peneirar a farinha, ajudar a bater a massa etc.) (Participante 1, com 23 anos, do sexo masculino).

Esse participante da pesquisa demonstra ter muita consciência da questão identitária que envolve a preservação da cultura de uma comunidade. As ações que ele propõe são bastante significativas para a preservação desse patrimônio cultural no âmbito familiar, as quais podem sim reverberar para a comunidade. Em nossa pesquisa de mestrado identificamos a importância da comunidade para a revitalização de uma língua de herança, por meio da adoção de políticas linguísticas familiares (Fornasier, 2018), do mesmo modo que ressaltamos aqui a sua igual importância para a revitalização de uma cultura de herança. Corrias (2019) analisa o papel da comunidade na manutenção das LH e conclui que é essencial, uma vez que muitos dos falantes dessas línguas e detentores dessa cultura são membros dessa comunidade.

Para que de fato a comunidade possa atuar na manutenção linguística e cultural, é preciso, inicialmente, que reconheça o valor desse legado e que busque caminhos para aprender o que ainda não sabe para depois transmitir o conhecimento construído para as gerações futuras. Em nossa pesquisa constatamos essa consciência nos relatos de seus participantes. Apesar de muitos deles manifestarem interesse pela revitalização de sua cultura, demonstraram também a consciência de que ainda sabem pouco e de que precisam aprender mais. Vejamos os trechos a seguir:

Me interesse por receitas e por histórias familiares, sempre gostei de ouvir e aprender. Mas confesso que sei pouco, gostaria de me aprofundar mais para que isso não se perca no tempo e para que assim eu possa transferir esse legado para meus filhos e netos. **Acho muito importante que isso não se perca e uma das atitudes que mais contribui para isso é o ensinamento nas escolas, com aulas sobre cultura italiana e as histórias que banham Pedrinhas de emoção e tradição** (Participante 3, com 21 anos de idade, do sexo feminino).

Neste caso, a participante demonstra interesse na preservação da cultura e consciência do que ainda precisa aprender para ensinar. Porém, quando requisitada a dizer como pretende fazê-lo, atribui esse papel à escola, não percebendo o quanto pode ser atuante em contexto familiar para atingir esse objetivo. A escola possui sim papel muito importante, mas não pode ser o único caminho, uma vez que nem todos os membros da comunidade participam desse contexto.

Podemos observar ainda outros relatos que evidenciam a importância de se preservar a cultura familiar, porém não consideram o tema uma prioridade para o momento, ou já preveem a resistência que encontrarão nos mais jovens:

Me interesse pelas receitas da família, inclusive já pedi para a *nonna* a sua receita de molho vermelho. Também me interesse pelas histórias familiares e culturais sobre a Itália e seus antepassados. Com certeza pretendo preservar o legado cultural italiano

deixado pela família. Porém no momento devido a outras prioridades não consigo descrever como pretendo atingir esse objetivo (Participante 5, com 30 anos de idade, do sexo masculino).

Me interesse muito pelas receitas culinárias não só da minha família como a das outras também. É muito interessante conhecer as histórias dos nossos antepassados, elas são muito ricas. Pretendo passar essa cultura aos meus filhos e netos, **apesar deles não se interessarem tanto**, mas acho que através das histórias que contarmos e das comidas que fizermos e ensinarmos, vamos passando aos poucos um pouco dessa linda cultura (Participante 6, com 35 anos de idade, do sexo feminino).

Fui incentivada desde muito pequena a participar das atividades na cozinha, da produção de vinho do *nonno*, do macarrão da *nonna*... Exploro ao máximo as memórias dos meus *nonnos*, os documentos e as poucas fotos. Sim e é essencial [a preservação da cultura], pois além de não deixar a cultura italiana se perder, não deixamos morrer os costumes de nossas próprias famílias. [Pretendo preservar a cultura italiana] através da língua, da culinária, da dança e músicas típicas, do uso dos vocativos (*nonna, nonno, mamma, pappà*) (Participante 7, com 21 anos de idade, do sexo feminino).

Me interesse em aprender as receitas culinárias de família, sempre gostei das histórias contadas por familiares e por imigrantes da própria comunidade. Pretendo passar a filhos e netos toda essa tradição. **Acredito que o ponto mais forte para atingir esses objetivos seja a própria convivência com a família e imigrantes, tentar aprender ao máximo com todos que queiram passar algo** (Participante 9, com 23 anos de idade, do sexo masculino, grifo nosso).

Como é possível observar nos depoimentos acima, há aqueles que possuem um contato mais intenso com os elementos de sua cultura, já têm em mente algumas estratégias para preservá-la. Há ainda aqueles que, apesar de possuírem uma estreita relação com a cultura familiar, reconhecem, entretanto, que precisam fazer o registro de tudo, pois não se pode confiar apenas na memória.

Pude aprender algumas receitas com a minha *Nonna* através da observação e ajuda na preparação das comidas. Contudo, não foi feito o registro escrito dessas receitas. As histórias familiares estão guardadas na minha memória e me lembro de ouvi-las ao longo de toda minha infância e adolescência. Para preservar esse legado cultural eu deveria fazer o registro escrito de tudo, pois com o tempo são lembranças e tradições que vão se perdendo (Participante 13, com 23 anos de idade, do sexo feminino).

Diante dos dados colhidos junto a descendentes de italianos pertencentes à terceira geração, concluímos que por ora o patrimônio cultural de Pedrinhas Paulista ainda se mantém, visto que grande parte dos participantes da pesquisa demonstra conhecer e valorizar costumes e tradições, a maioria tenciona manter esse patrimônio cultural vivo, alguns apresentam inclusive alguma proficiência linguística: 25% dos participantes alegou compreender bem o italiano e falar pouco, 6,25 % afirma compreender bem e não falar nada, 31,5% diz compreender pouco e falar pouco, 31,5% afirma compreender pouco e não falar, apenas 6,25% alega não compreender e não falar a língua.

Embora muitos tenham interesse na revitalização cultural de sua comunidade, esses jovens ainda irão esbarrar em uma dificuldade apontada por todos: a falta de oportunidade de desenvolvimento profissional no município, motivo que leva muitos desses jovens a fixar residência em cidades maiores e mais desenvolvidas. Dos jovens entrevistados, 68,75% não vive atual-

mente em Pedrinhas, 9 por motivos de estudos (universidade) e 2 por motivos de trabalho. Somente 31,25% ainda vive na comunidade. Dos jovens que estão vivendo fora por motivos de estudos, apenas um alega querer voltar a viver no município, os demais, pela escolha profissional que fizeram, dizem não ser possível o seu retorno. Esse fato é um dos motivos pelos quais não conseguimos envolver esses jovens nas atividades de nosso projeto *Italiano como Herança*. Acreditamos que esse seja o maior desafio a ser vencido pela comunidade no sentido de preservar seu patrimônio linguístico e cultural. Nesse sentido, há muito ainda para ser investigado e experimentado por nós pesquisadores, buscando possíveis soluções junto à comunidade.

O levantamento e a análise de dados feitos durante a discussão teórica proposta nesta seção ajudam a compor o nosso contexto de pesquisa e a refletir algumas questões inerentes à vida em comunidade, ou seja, que envolvem o sentimento de pertencimento (ou não) e a identidade.

Para nos aprofundarmos mais nas particularidades das culturas de herança e nesses espaços híbridos em que elas se desenvolvem, na próxima seção discutiremos sobre o terceiro espaço (Lo Bianco, Liddicoat e Crozet, 1999), onde culturas são aprendidas e cotejadas, por meio da competência intercultural, um espaço em que os aprendizes se sentem confortáveis para negociar e (re)construir suas identidades culturais.

3.4 CULTURA DE HERANÇA: PERTENCER OU NÃO PERTENCER? EIS A QUESTÃO.

O ato de emigrar traz em si muitas dificuldades, a começar da própria decisão de se deixar a terra natal e posteriormente passar pelos enfrentamentos de todo o processo de adaptação à nova terra e à nova cultura. Essa afirmação parece um tanto óbvia quando a lemos, mas para alguém que não viveu de perto o início de uma colônia de imigrantes, só mesmo se debruçando em estudos da antropologia sobre esse tema para ter uma real noção do que seja imigrar. Há cerca de vinte anos, numa conversa com a professora Giliola Maggio, da Universidade de São Paulo, durante uma de suas visitas à comunidade de Pedrinhas Paulista para a coleta de dados de sua pesquisa de doutorado, quando falávamos sobre esses desafios pelos quais a maioria dos imigrantes passam, ela me chamou a atenção para algo muito importante e que até aquele momento eu nunca tinha refletido: “o imigrante é um homem sem pátria”. Ela dizia isso se referindo aos imigrantes da minha cidade, mas essa afirmação caberia a imigrantes de qualquer nacionalidade. “O imigrante é um homem sem pátria”! Em Pedrinhas, no Brasil, ele será sempre reconhecido, identificado como um italiano, nunca será visto como um conterrâneo, alguém que pertença ao lugar. Ao retornar à Itália, ele será sempre visto como

aquele que emigrou, que abandonou a pátria quando a situação estava muito difícil, não sendo capaz de ficar e enfrentar. Muitos o chamariam de ingrato, tratando-o como um desertor, embora a partida de muitos italianos tenha sido imprescindível para que o país se reerguesse e desse condições de trabalho e vida digna àqueles que permaneceram. Aos olhos de muitos conterrâneos, os que partiram deixaram de ser italianos. Essa condição do imigrante, até então ignorada por mim, revelava-se muito sofrida, pois ele de fato não tinha um lugar para chamar de seu, não digo no sentido de possuir, mas com o qual pudesse ser identificado estando nele. Analisando por esse prisma, a questão do pertencimento aparece aí como algo negado: o italiano não é daqui e não é mais de lá. Na época dessa conversa com a professora Giliola Maggio, eu ainda romantizava a história do imigrante, via apenas o fato de terem saído de uma condição de miséria na Itália e de terem, cada um a seu modo, “feito a América” no Brasil, só via a sua história de luta, de trabalho e de sucesso, não imaginava que pertencer ou não pertencer talvez fosse um desafio tão grande quanto o de sanar suas necessidades mais básicas e vitais.

Eu mesma demorei a perceber minha própria questão de pertencimento a essa comunidade, que ora investigo, e o quanto sofri tentando me modificar para me sentir aceita e de fato pertencer. Meu despertar para essa questão também foi instigado pela professora Giliola Maggio, quase vinte anos depois, no momento da defesa da minha dissertação de mestrado, quando me lançou a seguinte questão: “essa pesquisa mudou sua relação com a comunidade?” E a resposta para essa pergunta veio embargada e entrecortada pela lembrança de tanta peleja. Quando me casei com um neto de italianos imigrantes e passei a viver em Pedrinhas, as famílias ainda faziam gosto que seus filhos e filhas se casassem com descendentes diretos de imigrantes. Ser forasteira ainda representava um risco à manutenção da língua e das tradições, mesmo depois de 40 anos do início da colônia. Mesmo que eu possuísse uma ascendência italiana, como de fato possuía, era algo distante no tempo, o que para eles significava que minha cultura italiana já teria se diluído por tantas gerações. E posso dizer que não estavam errados, pois meu repertório cultural era bem diferente do repertório deles, o que exigiu de mim muita energia para, aos poucos, ir conquistando espaço e lugar na comunidade. Meus quase vinte anos de peleja no intuito de fazer parte, de pertencer não foram suficientes para mudar meu *status* de forasteira. Só depois que passei a integrar o projeto *Italiano como herança*, quase duas décadas após a minha chegada à comunidade, é que pude ser reconhecida como alguém de dentro, pertencente ao lugar. Essa mudança se deu pois eu estava empenhada em salvar todo o patrimônio linguístico e cultural que lhes era tão caro. Ao perceberem que eu

também atribuía valor a todo esse legado, aquilo que até então era somente deles passou a ser meu também.³⁸ Depois do início do projeto, muitos imigrantes passaram a usar o italiano comigo em todos os encontros ocasionais ou sociais que tínhamos. Finalmente a alegria de pertencer.

Foram quatro os motivos que nos impeliram a relatar esses dois fatos: reafirmar o quão importante é a questão do pertencimento no processo de (re)construção de identidades; evidenciar o processo doloroso pelo qual os imigrantes passam ao mudarem de lugar; reafirmar que o pertencimento é uma escolha; e, por fim, fazer uma reflexão sobre a questão do pertencimento, que abrange os conceitos de lugar e espaço, para a (re) construção de identidades.

Iniciaremos nossa reflexão sobre as questões apontadas acima com dois relatos de imigrantes italianos retirados da obra de Pereira (2002), os quais foram coletados na década de 1960, durante suas visitas à mesma comunidade. Esses relatos exemplificam perfeitamente o sentimento de não pertencimento ao novo lugar, à terra estrangeira, logo nos primeiros momentos da imigração: o primeiro relato é de uma imigrante italiana e o segundo é de um técnico agrário italiano que participou da fase embrionária do núcleo colonial. Vejamos:

Chegamos nas Pedrinha, numa sexta-feira, em 1952. Fazia muito calor. Nossa casa estava quase totalmente coberta de mato. Tinha mato até na porta de entrada. Fui ao poço tomar água. Antes de beber já comecei a chorar, pois sabia que a água tinha cheiro e gosto diferentes. No começo, a água não matava a sede. Alguns dias depois, uma vizinha presenteou-me com um mamão e um abacaxi. Fiquei com o estômago enjoado só de sentir o cheiro das frutas. As crianças comeram e disseram que o mamão tinha gosto de “coisa podre”. Acho que foi depois de muito tempo que comecei a comer certas frutas. De banana, até hoje, eu não suporto nem o gosto. Nem a laranja daqui era gostosa como as da Itália. No começo eu comia certas coisas tampando o nariz, sem respirar: o cheiro era pior do que o gosto. Hoje quase não sinto diferença (Pereira, 2002, p. 81).

Eu era procurado, com frequência, nas alturas da noite, para socorrer mulheres. O chefe da família vinha procurar junto a nós o auxílio. No começo eu me espantei quando encontrava mulheres em choros desesperados, algumas rolando pela cama e reclamando a falta de ar, digestão difícil, dores intestinais e perturbação do fígado. Elas choravam dizendo que a comida não digeriria e o intestino estava sempre desregularizado. Depois eu me acostumei tanto com este quadro histórico que a cada nova família que chegava eu já ficava de prontidão para receber o chefe, que vinha desesperado me procurar. Quando ele chegava, eu já ia dizendo: “Não se preocupe, é falsa doença, **é falta de adaptação**”. Depois de algum tempo, eu já nem atendia, mandava para o Padre porque eu sabia que o problema era de *ordem moral* (Pereira, 2002, p. 87, grifo nosso).

Os dois relatos retirados do livro *Italianos no mundo rural paulista*, de Pereira (2022), retratam os problemas de adaptação ao novo lugar enfrentados por mulheres, principalmente as vindas do sul da Itália, segundo o autor, por possuírem uma tradição cultural em que todos os fatores importantes da vida “são encarados de maneira dramática” (p. 87). Pereira mais adiante, pautado em depoimentos de dois médicos que atenderam os imigrantes e suas famílias no período inicial da co-

³⁸ Meu caso exemplifica bem o conceito de Língua de Herança (Ortale, 2016) e de Cultura de Herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022).

lônia, diz que, embora os homens não dessem demonstrações públicas de desespero, eles também apresentavam “estados patológicos psicossomáticos: desequilíbrios neurovegetativos, perturbações gástricas constantes, sintomas de ulceração duodenal, gastrites, hiperacidez etc.” (p. 88).

Esses primeiros anos da colônia, tratados e analisados por Pereira, mostram os impactos sofridos pelo imigrante italiano durante o seu processo de adaptação ao novo lugar. Sabemos que essas crises das mulheres imigrantes mencionadas pelo autor não eram motivadas apenas pela falta de costume com a água ou com o sabor dos alimentos. Tudo ali era estranho aos seus olhos: a paisagem, o clima, os sabores, os costumes, as técnicas, a língua. Estavam diante do sentimento de insegurança e de desproteção por estarem fora de suas comunidades (Bauman, 2003) e o fato de estarem convivendo com outros italianos não atenuava o sentimento de estranhamento e não pertencimento, já que muitos desses conterrâneos eram desconhecidos e oriundos de diversas regiões da Itália e, portanto, portadores de culturas também diversas. O imigrante não teve apenas que se adaptar à língua e à cultura do país de acolhimento, mas também às diversas línguas e culturas que seus compatriotas possuíam, como observam Pereira (2002), Maggio (2002) e Naputano (2012).

Esses relatos retirados do trabalho de Pereira exemplificam o processo de adaptação de imigrantes naquele momento histórico. Hoje, em tempos de modernidade líquida (Bauman, 2005), as noções de espaço e de comunicação adquiriram outras dimensões, de modo que os obstáculos a serem transpostos por imigrantes também se modificaram. O espanto do técnico agrário ao ser procurado pela primeira vez por um chefe de família para socorrer a esposa em crise histérica desapareceu depois de diversas ocorrências semelhantes. O que ele chamou, naquela época, de “questão de ordem moral”, nos dias de hoje chamamos de “crise de ansiedade”. O nosso conhecimento sobre esse tema é muito restrito, de uso doméstico e pessoal, e não temos o intuito de discorrer sobre o assunto, apenas o de ressaltar que muitos podem ser os motivos que ocasionam uma crise de ansiedade (diferente do transtorno da ansiedade): situações muito estressantes, falar em público, grandes perdas, grandes mudanças de vida. Adaptar-se a um novo modo de vida já era, portanto, um fato gerador de estresse para os imigrantes daquela época, associados a isso ainda podemos dizer que muitos desses imigrantes deixaram seus pais e outros familiares na Itália e, muitos deles não tiveram a oportunidade de revê-los, esse é um dado a ser considerado, pois de certo modo se trata de uma perda, principalmente por-

que naquela época a comunicação com a família se dava por carta, cujo transporte era feito por navio, ou seja, as notícias chegavam lentamente, diferentemente dos tempos atuais, com tantos recursos tecnológicos que nos deixam a um clic de distância de pessoas e de informações.

Neste ponto, destacamos a importância do trabalho de Pereira, fundamental para o desenvolvimento de nossa discussão, pois ele levanta dados importantes dos primeiros 14 anos da colônia, com o olhar antropológico sobre o processo de aculturação dos imigrantes, trazendo depoimentos riquíssimos de imigrantes, pais e mães de famílias, com os quais nunca tivemos contato, por já serem falecidos. Os depoimentos que constam em nossa pesquisa são os dos filhos desses imigrantes (integrantes da primeira geração de descendentes) que vieram da Itália ainda crianças ou adolescentes acompanhando suas famílias e os que nasceram no Brasil; de seus netos (que representam a segunda geração) e bisnetos (que compõem a terceira geração).

Se lançarmos um olhar para essas gerações – imigrantes, filhos, netos e bisnetos – é possível observar que a cada geração, a relação do indivíduo com a cultura de herança e com o lugar se modifica. Podemos perceber um natural e crescente distanciamento da cultura de origem e uma maior aproximação da cultura do país de acolhimento.

As marcas linguísticas são as primeiras a desaparecer: os imigrantes, que em sua maioria falavam apenas o dialeto regional, nunca aprenderam o português; os filhos de imigrantes, que no momento da imigração falavam os dialetos da família e o italiano standard, aprendido na escola elementar na Itália, apresentam um sotaque bastante carregado ao falarem o português, mesmo que muitos tenham chegado no Brasil ainda crianças, até mesmo os nascidos aqui nunca falaram sem nenhum sotaque; os netos dos imigrantes, em sua maioria, falam o dialeto familiar, mas não falam o italiano standard, ainda trazem algumas peculiaridades da fonética italiana no uso do português, como por exemplo a pronúncia das letras “t”, “d” e “r”; os bisnetos não falam o dialeto familiar, nem o italiano standard, salvo pouquíssimas exceções como já mencionadas nas seções anteriores, eles apresentam uma pronúncia semelhante à dos lusófonos locais.

O mesmo ocorre com a cultura, fortemente mantida pelos imigrantes e, porque não dizer, pelos membros da primeira geração, tanto que muitas vezes pesquisadores atribuem a essa geração o *status* de imigrante, ou seja, aquele que tomou a decisão de partir; a segunda geração ainda apresenta muitos traços culturais, porém com maiores interferências da cultura local, por exemplo, ainda cozinha com as mesmas técnicas de seus avós, mas já com muitas adaptações; já a terceira geração é aquela que acha a comida da *nonna* uma delícia, mas poucos são os membros que de fato mantêm a tradição das massas e dos molhos caseiros.

É importante dizer que estamos generalizando, que exceções e particularidades existem. Ressaltamos também que não há nenhum problema em pertencer ou não a essa ou àquela cultura, consideramos importante e fundamental o espaço para que identidades culturais sejam negociadas, e que uma maior aproximação ou distanciamento dependerá do contato e das relações que esses descendentes estabelecerem com sua(s) cultura(s) de herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022). Vejamos mais uma vez o conceito de cultura de herança empregado em nosso trabalho:

Cultura de herança é o patrimônio imaterial que nasce da confluência de duas ou mais culturas. É o conjunto de valores, crenças, língua(s) e práticas sociais de uma comunidade, herdado por indivíduos que se identificam com esse modo de viver e significar o mundo (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022, p. 224).

Embora a palavra “espaço” não apareça na definição de cultura de herança, é notória a sua importância, uma vez que a confluência entre duas ou mais culturas se dá em um espaço subjetivo, a qual depois se concretiza em um espaço objetivo (físico), o qual também podemos chamar de lugar, onde se refletem todas as crenças, costumes, valores e modo de viver dos membros de uma determinada comunidade, os quais de alguma forma se evidenciam, por exemplo, em sua arquitetura, na organização dos espaços, ou até mesmo na escolha ou não de se fazer uma horta ou um jardim. Já o espaço subjetivo é aquele em que as identidades culturais são negociadas e (re)construídas, é nesse espaço que todo indivíduo faz suas escolhas de pertencimento (ou não) a determinadas particularidades das culturas com as quais entrou em contato. Esse espaço subjetivo a que nos referimos corresponde ao terceiro espaço proposto por Lo Bianco, Liddicoat e Crozet (1999).

Para discutirmos os conceitos de espaço e lugar, apoiamo-nos em Marc Augé que, ao discorrer sobre o tema, afirma que a distinção de lugares e não lugares (questão que abordaremos mais adiante) passa pela oposição entre lugar e espaço. Augé se apoia em Michel de Certeau, quando afirma que o espaço “é um lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes” e exemplifica essa afirmação: “são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. (Augé, 2012, p. 75). Quando discorre sobre o termo “lugar”, refere-se ao físico, construído, arquitetado e quando conceitua o termo “espaço”, refere-se às práticas que se desenvolvem nesse lugar. A praça de uma cidade, por exemplo, corresponde a um lugar – planejado, construído, formado de determinados elementos, que são dispostos em uma determinada ordem – mas também pode se configurar como um espaço (lugar

praticado) onde pessoas se encontram e se relacionam, podem jogar cartas, expor trabalhos, fazer negócios etc. Línguas e culturas podem ser transmitidas no espaço de uma praça, mas também em tantos outros espaços, até mesmo em espaços virtuais, tão em voga nos tempos atuais.

Essa noção de espaço de Augé (2012) está contida, de certa forma, no conceito de terceiro espaço, proposto por Lo Bianco, Liddicoat e Crozet (1999), pois culturas são transmitidas em espaços, ou seja, lugares praticados. Assim, identidades culturais também podem ser negociadas em espaços de confluências entre duas ou mais culturas.

Além de Augé (1ª ed. 1992, tradução pesquisada/9ª ed. 2012), também encontramos algumas reflexões sobre a questão do “lugar” e do “não lugar” em Naputano (2012). As reflexões deste autor nos interessam particularmente pois ele discorre sobre a comunidade que investigamos, focalizando “o processo de formação de identidades culturais nos filhos – a chamada segunda geração – de imigrantes italianos para o Brasil” (Naputano, 2012, p. 8). O autor faz uma interessante discussão sobre a memória e os “lugares” e “não lugares” de Pedrinhas, por meio de um aporte teórico importante e com base em observação ativa e entrevistas, com o objetivo de identificar o processo de formação de identidades culturais de filhos de imigrantes.

Durante a leitura de seu trabalho, notamos que o autor chama de imigrantes os filhos de imigrantes, fato que nos levou a refletir sobre a questão das gerações de descendentes, neste trabalho. Sabemos que não há consenso sobre a classificação das gerações de imigrantes em trabalhos das mais diversas áreas, o que também nos impeliu a fazer reflexões sobre o assunto e a tecer algumas considerações sobre a classificação feita por Naputano, uma vez que vivo na comunidade há trinta anos e conheço a fundo a história de imigração do município, tanto pelo convívio quanto pela leitura de trabalhos anteriores ao nosso sobre essa comunidade.

Em sua pesquisa, Naputano chama de imigrantes os filhos de imigrantes e classifica os participantes de sua pesquisa, os filhos de imigrantes, como “a segunda geração”. De acordo com o nosso entendimento, os participantes de sua pesquisa são de fato a segunda geração, entretanto, a nosso ver, não são filhos de imigrantes e sim netos.

De acordo com a nossa percepção, a primeira geração de descendentes é constituída dos filhos dos imigrantes (nascidos na Itália ou no Brasil) e a segunda geração é formada por seus netos, a terceira por seus bisnetos e assim por diante. Optamos por essa classificação por acreditarmos que mesmo que tenham nascido na Itália, crianças e jovens passam pelo processo de aculturação de forma diferente se comparadas a um adulto e pai de família. Tanto é que os imigrantes (pais e mães de família) da ex-colônia de Pedrinhas Paulista, em sua maioria,

nunca aprenderam o português, mesmo tendo vivido na colônia até o fim de suas vidas. Já seus filhos, crianças e jovens, aprenderam a língua e se apropriaram de muitos hábitos e práticas locais, ainda que apresentem na fase adulta um forte sotaque ao falar em português e ainda mantenham muitos hábitos, crenças e valores da cultura de seus pais. Por essa razão, acreditamos que os velhos que o autor encontrou na praça da cidade, durante sua coleta de dados, aos quais ele chama “*i vecchi*” em subtítulo de capítulo, são na verdade esses filhos dos imigrantes, que chegaram à colônia ainda crianças ou adolescentes, acompanhando seus genitores. Já os membros da segunda geração que ele identifica como “os filhos dos imigrantes” e constituem o foco de sua pesquisa, de acordo com nosso entendimento, são os netos.

Para que se possa compreender melhor, vejamos o exemplo da família de meu marido: meus sogros vieram para o Brasil entre os anos de 1952 e 1953, acompanhando seus genitores, meu sogro com 18 anos, minha sogra com 10 anos. Seus pais, os avós de meu marido, tinham em torno de quarenta anos. Denominamos imigrantes os avós de meu marido; meus sogros constituem então a primeira geração, meu marido a segunda e nossas filhas a terceira. Se calcularmos que na década de 50 a maioria dos chefes de família possuíam idades em torno de 40 anos, no ano da pesquisa de Naputano, 2012, eles seriam centenários, se estivessem vivos. De modo que os velhos a que o autor se refere não eram os imigrantes chefes de família que chegaram aqui no início da década de 50, mas sim seus filhos, que no momento de sua pesquisa já eram anciãos, como os meus sogros, por exemplo, que em 2012 tinham por volta de 70 e 77 anos, hoje minha sogra está com 81 e meu sogro, se ainda fosse vivo, contaria 88 anos. Essa ressalva é importante porque, como já dissemos, a relação com a língua e com a cultura muda a cada geração.

Vejamos outro exemplo: se confrontarmos os relatos dos imigrantes italianos colhidos por Pereira (2002) na década de 1950, com os relatos que colhemos em entrevistas a filhos desses imigrantes em nossa pesquisa de mestrado em 2018, veremos que o estranhamento do lugar e o processo de adaptação à nova cultura muda bastante. Pereira narra histórias de mulheres em crises históricas, choros convulsivos e seus maridos buscando ajuda junto aos técnicos da companhia de imigração para socorrê-las, nos anos iniciais da colônia. Em nossas entrevistas a membros da primeira geração, ou seja, a filhos desses imigrantes, tínhamos quase sempre um discurso semelhante, ao indagarmos sobre os choques culturais ocorridos nos primeiros anos: “eu era uma criança, tudo era novidade, não me lembro de sofrer”. Aqueles que chegaram adolescentes ou jovens nos narram alguns episódios de medo de animais selvagens, que na época eram comuns pela proximidade das matas nativas, ou espanto ao se depararem

com negros, aos quais não estavam habituados, mas ainda assim, nenhum relato de crises históricas. Acreditamos que essa diferença na interpretação do mesmo evento, ou seja, a imigração, deve-se ao fato de não pertencerem à mesma geração, mesmo tendo nascido na Itália. Por essa razão consideramos importante propor o conceito das gerações de descendentes e estabelecer com precisão os membros da primeira, da segunda e da terceira geração, de modo a auxiliar-nos na compreensão de fatos e eventos e nas reflexões sobre eles. Para melhor exemplificar, sistematizaremos esse conceito na tabela a seguir:

Quadro 6: Conceito de Geração

Geração	Membros
Primeira Geração	Filhos de imigrantes nascidos na Itália ou no Brasil
Segunda Geração	Netos de imigrantes italianos
Terceira Geração	Bisnetos de imigrantes italianos
Quarta Geração	Trinetos de imigrantes italianos

Além da discrepância do conceito de gerações, observamos em Naputano (2012) outro ponto importante a refletir: o conceito de lugar e não lugar. O autor chama de “não lugar” os monumentos construídos pelos “filhos de imigrantes” (no nosso entendimento “netos”), nos anos iniciais do século XXI, ou seja, cinquenta anos após o início da colônia, vejamos o excerto:

Assim, é interessante observarmos que os verdadeiros monumentos históricos, como a primeira igreja, a primeira escola ou a casa do colono já não existem mais. Foram extinguidos para dar lugar a novas construções que não são diretamente relacionadas à história concreta da imigração destes italianos para o Brasil, que era em modo quase irônico, de “não lugar”, de possível habitação em terra própria, a Itália. Não lugar este que impedia a constituição de uma participação “culturus” na sociedade de origem, e assim sendo, de uma ideia de futuro. Portanto, estes “exilados” colocam abaixo construções históricas ligadas à chegada deles no Brasil e constroem uma memória de uma Itália de monumentos que eles mesmos não viveram, pois eram camponeses, mas que tem a potência da construção de uma identificação, assim, culturus. Em suma, se destroem os monumentos históricos que testemunharam o momento preciso da chegada destes italianos a Pedrinhas Paulista para se construir monumentos de uma memória coletiva de um passado “não vivido na Itália”, no sentido de que esta memória não é historicamente ligada às suas representações, mas que se perpetuam como características de uma futura ideia de italianidade no Brasil (Naputano, 2012, p. 68).

Em relação às afirmações contidas no trecho acima, compreendemos que o autor usa de subjetividade ao dizer que os “filhos dos imigrantes” colocaram abaixo a primeira igreja, a primeira escola e a casa do colono para construir no lugar monumentos que representam uma Itália não vivenciada por eles, tendo em vista que ainda hoje existem algumas casas originais de colonos na zona rural, em péssimo estado de conservação, mas existem. Algumas dessas casas foram ampliadas para agregar as novas famílias que se formaram (na época era

costume o filho trazer a esposa para viver com sua família) e ainda hoje existem e são habitadas, como exemplificaremos a seguir por meio de fotografias. De acordo com nosso entendimento, um fato que ocasionou a demolição de muitas casas de colonos foi o seu deslocamento para a cidade e não manterem essas construções em condições de uso, a ação do tempo se encarregou do resto. De qualquer forma, mesmo ampliadas e reformuladas, mesmo já em estágio avançado de deterioração, ainda existem algumas casas de colonos na zona rural do município e ainda há tempo de se fazer um tombamento e projetos de restauração para a preservação dessas casas que ainda restam.

O caso da primeira escola se assemelha muito ao das casas dos colonos. Era uma construção muito antiga, que por anos foi utilizada pela igreja como espaço para a catequese, quando a escola já não funcionava mais naquele lugar. Inclusive me recordo de o lugar ainda ser utilizado também como velório, nos meus primeiros anos na comunidade, no início da década de 90. Era uma construção geminada com o salão de festas paroquial e essa, de fato, foi demolida e nada foi construído em seu lugar.

Em relação à primeira igreja, fizemos recente pesquisa sobre sua extinção junto à família proprietária das terras onde ela se localizava. Descobrimos, então, que a CBCII inicialmente tinha planejado a construção do centro urbano naquele lugar e, como era de costume, planejavam construir uma igreja ali e enquanto esse projeto não se concretizava, utilizaram essa igrejinha, que fazia parte das terras desapropriadas para o início da colônia. Porém, os técnicos da CBCII descobriram que mais adiante havia terra mais arenosa e mais adequada à construção do centro da cidade, fato que os levou a transferir a construção do centro urbano para lá, local onde hoje se localiza a Igreja Matriz, prédio muito cuidado pela Mitra até o momento. Mesmo após a construção da nova igreja, por muito tempo, a Igreja fez celebrações nessa primeira igrejinha em ocasiões festivas, as quais foram se tornando cada vez mais raras até ela ser definitivamente desativada, por se tratar de uma construção muito antiga e estar muito deteriorada. Acreditamos que a família proprietária das terras onde a primeira igreja se localizava tenha optado pela extinção de suas ruínas pois nada mais poderia ser feito, como foi o caso da escola, que corria risco de desabamento. Vejamos algumas imagens que comprovam os fatos narrados:

Imagem 24. Casa de colono abandonada (na zona rural)



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier.

Imagem 25. Casa de colono abandonada (zona rural) II



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier.

Imagem 26. Casa de colono abandonada (zona rural) III



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

Imagem 27. Casa de colono preservada e reformada e ainda habitada (zona rural)



Fonte: arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

Imagem 28. Casa de colono preservada e reformada e ainda habitada (zona rural) II



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

Em relação às tradições religiosas que remontam os tempos da imigração, podemos citar outra capela, quase tão antiga quanto a primeira, e que ainda hoje é o espaço de uma festa religiosa, que ocorre no mês de maio, também conhecido pelos católicos como o mês de Maria. Essa capela ainda existe porque a família que a construiu ainda faz a manutenção do lugar e ajuda a organizar a “Festa da Santinha”. No início do mês de maio, moradores do centro urbano vão em procissão até a capela, na zona rural, para buscar a santinha. Durante todo o mês mariano, a imagem da santa é levada às casas dos fiéis, onde todos os dias rezam o terço. No dia 31 de maio, a comunidade se reúne em procissão, que sai da Igreja Matriz, percorrendo alguns quilômetros na zona rural para devolver a santinha à Capela, onde é realizada uma missa em sua homenagem e a sua coroação. Os filhos dos imigrantes, com a ajuda de alguns netos de imigrantes, cantam canções religiosas dos tempos do Dom Ernesto e depois confraternizam com bolachas caseiras e bebidas invernais, preparadas pela família Rosan, vizinha da Igrejinha. Essa capela foi construída para abrigar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida encontrada por um colono. Desde então esse ritual religioso se repete todos os anos até o presente momento.

Imagem 29. Capela da Santinha (zona rural)



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

Imagem 30. Detalhe da Capela da Santinha (zona rural)



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

A exposição de fatos que possam ter ocasionado a extinção de muitas casas de colonos, bem como da primeira igreja e da primeira escola nos auxiliará em algumas reflexões sobre outras considerações de Naputano. A primeira delas diz respeito ao fato de o autor atribuir características de “não lugar” aos novos monumentos³⁹ da cidade. Nossa argumentação se apoiará nos conceitos de lugar e não lugar (Augé, 2012), na questão do monumento e sua representatividade (Augé, 2012), no conceito de terceiro espaço (Lo Bianco, Liddicoat & Crozet, 1999) e na negociação de culturas de herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022).

Ao lermos pela primeira vez o trecho acima citado, retirado da dissertação de Naputano, sentimos certo incômodo pelo uso da expressão “não lugar” como referência aos monumentos construídos e “não históricos” e, como não encontramos maiores explicações do termo no corpo do texto, fizemos uma pesquisa bibliográfica e encontramos o trabalho de Augé, etnólogo e antropólogo francês, que cunhou o termo “não lugar” para se referir a lugares transitórios e que não possuem significado suficiente para serem definidos como lugar. Ele escreveu o livro *NÃO LUGARES: introdução a uma antropologia de supermodernidade*, 1992 foi o ano de sua primeira edição.

No livro, o autor faz a distinção do papel do etnólogo, do antropólogo e do historiador, define o lugar antropológico e só então discute a questão de lugar e não lugar. Sobre o lugar antropológico ele nos diz:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas a qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem os observa (Augé, 2012, p. 51).

O autor ainda atribui ao espaço antropológico pelo menos três características comuns: eles se pretendem identitários, relacionais e históricos. O autor ressalta que essas características atuam entre si como complemento e contraponto, assim, quando um lugar se torna mais estável e autocentrado pela noção de identidade e pelas relações de coexistências (natureza relacional do termo), uma estabilidade mínima é estabelecida no lugar, o que o caracteriza como histórico.

De acordo com o autor, o espaço antropológico é geométrico e pode se estabelecer com base em três formas espaciais simples: a linha, a interseção das linhas e o ponto de interseção. Exemplificando de forma mais concreta, por meio da geografia, equivaleria dizer que se estabelece por meio de:

³⁹ Construídos pelos filhos dos imigrantes (no nosso entendimento eles se referem aos netos).

- a) itinerários, eixos ou caminhos que conduzem de um lugar a outro (traçados pelos homens);
- b) os cruzamentos, os pontos de encontros, as praças;
- c) os centros mais ou menos monumentais, que podem assumir diversas funções urbanas, delimitando as fronteiras entre a comunidade e os outros.

A essa concepção de lugar antropológico o autor opõe o “não lugar”, exemplificado por ele como as vias aéreas, ferroviárias e rodoviárias, os domicílios móveis considerados meios de transporte (aviões, trens, ônibus), os aeroportos, as estações, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer etc. (p.74-75):

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que **a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de lugares que não são em si antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico** (Augé, 2012, p. 73, grifo nosso).

Os monumentos a que Naputano se refere foram construídos no final da década de 90 e início dos anos 2000 e fazem parte de um complexo de projetos que propunham a remodelação arquitetônica de alguns prédios públicos e a construção de novos prédios, inspirados na arquitetura greco-romano. Eles têm sim seu fim comercial, já que fazem parte de um projeto para incentivo ao turismo na cidade, mas para além de questões comerciais, a sua construção buscava deixar evidente a identidade híbrida de seus moradores.

Em nossa investigação, procuramos os personagens que compõem essa história para uma entrevista, a prefeita municipal na época e seu chefe de gabinete, a fim de identificar os motivos que os levaram a esse projeto e o significado de algumas dessas construções, como, por exemplo, o portal da cidade, o monumento ao imigrante italiano e a praça *Monseñor* Ernesto Montagner. Segue uma parte dessa narrativa na voz da ex-prefeita do município e do chefe de gabinete:

Eu quero colocar aqui um pouco das minhas intenções enquanto prefeita da cidade de Pedrinhas Paulista dos anos de 1997 a 2004⁴⁰, quando assumi o grande desafio de ser prefeita de uma cidade pequena, igual às outras de nossa região, mas sabia que tinha um grande desafio, pois sabia que tinham muitos fatos que me eram favoráveis, por exemplo, o município ter sido uma colônia de imigrantes italianos, com uma história maravilhosa, que eu conhecia, porque nasci em Pedrinhas Paulista e sabia da história das famílias de Pedrinhas, **as histórias dos meus pais, dos meus avós⁴¹, maternos e paternos**, e eu sabia que de alguma forma eu tinha que fazer alguma coisa para poder eternizar essa história, para que ela fosse contada de geração

⁴⁰ A filha de imigrantes foi prefeita da cidade durante dois mandatos. Iniciou os projetos no primeiro, finalizando as últimas construções no segundo.

⁴¹ A ex-prefeita é neta de imigrantes italianos, pertence à segunda geração de descendentes.

em geração, **sem que nós dependêssemos das pessoas para que essa história fosse contada.** Em 1998 eu tive a oportunidade de ir para a França e fui também para a Itália e, chegando em Roma, eu abri os olhos e disse assim para mim mesma “Já sei, já sei como vou fazer em Pedrinhas para eternizar a história e para que ela se conte sozinha! Vou fazer uns monumentos na cidade para que a cidade por si só conte a sua história, para que as pessoas que venham de fora e que por Pedrinhas passem e para os nossos filhos e os nossos netos, possam saber que estão numa cidade diferenciada e assim fizemos. Quando saí de lá e cheguei, nós procuramos uma empresa especializadas nessas construções greco-romanas, conseguimos os projetos gratuitamente, o arquiteto nos presenteou com esses projetos e assim nós começamos, pela entrada da cidade, que assim como todas as entradas das cidades italianas tem seus pórticos, que é uma forma de dar as boas-vindas e dizer “Venham! Vocês estão entrando numa cidade colonizada por italianos, uma cidade que tem uma história diferenciada, que tem uma qualidade de vida excelente! Venham todos nos conhecer! E lá construímos o nosso portal, onde colocamos a bandeira brasileira e a bandeira italiana, que flamulam, já se passaram quase vinte anos e as bandeiras lá estão, honrando o povo e a nossa gente. **E assim começamos um grande projeto, artístico, eu diria assim, construímos várias praças, reformamos o nosso cinema, que foi construído em 1953, que estava praticamente pra ser demolido, nós restauramos e fizemos toda a arquitetura greco-romana, construímos o nosso centro cultural, também na mesma arquitetura, resgatando a história dos italianos no museu, com peças que foram totalmente doadas por eles.** Depois foi construída a câmara municipal, sempre conversando e fazendo parcerias, para que a câmara também tivesse o mesmo estilo, depois os correios, numa parceria com o governo federal e eles aceitaram que mudássemos o projeto para que também fosse em estilo greco-romano, depois o prédio do banco do Brasil, e assim foi, depois as praças... e quando vimos estávamos com a cidade totalmente pronta para receber os turistas, uma cidade em que não precisamos nem ter o nosso guia turístico, a cidade de Pedrinhas é uma cidade que fala por si só, não só pelas suas obras, mas pela sua brava gente e garantimos, assim, que ela se tornasse de fato uma cidade de interesse turístico, ela já é assim reconhecida pelo governo do estado de São Paulo e por isso recebe recursos a mais, mas também garantimos que as futuras gerações saibam quem foram os nossos italianos, os nossos imigrantes, os nossos heróis, aqueles que construíram uma grande história. Esse foi realmente o nosso grande objetivo de ter construído todas essas obras e da gente ter construído essa grande história. Realmente é um “pedacinho da Itália no Brasil”. Tivemos muitas críticas, muita gente que não acreditava, que achava que Pedrinhas jamais seria uma cidade turística. Mas nós fomos insistentes e acreditávamos nas nossas ideias e nos nossos objetivos. Fomos fiéis aos nossos pais, aos nossos avós e aí está: uma bela história (I.F.S., 67 anos, neta de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista, governou a cidade de 1997 a 2004).

O memorial ao imigrante veio de uma iniciativa, logicamente do grupo, e a gente estava à frente. Então, a primeira coisa seria para perenizar algumas memórias de pessoas que estavam aqui e também a memória da imigração. E se passou o seguinte: o Dom Ernesto seria a pessoa central e foi por causa do Dom Ernesto que esse monumento foi construído, porque ele tinha aquela paixão por Pedrinhas. Então, eu fiz uma pesquisa dos monumentos existentes e já destruídos de Roma. **Nós queríamos uma entrada, um recinto que tivesse a integração das regiões da Itália, porque vieram imigrantes de diversas regiões, de norte a sul para cá.** Nós queríamos que na entrada do monumento, tivesse um arco, então eu pesquisei o Arco de Severo, o Arco de Constantino e o Arco de Tito. Escolhemos o Arco de Tito por se adequar ao tamanho do terreno. Então veio a questão: como ligar o Arco à Pedrinhas? **Daí veio a ideia de colocar o navio com a chegada dos imigrantes e uma família desembarcando. Então, decidimos fazer uma mescla de Tito antigo (semidestruído) com Pedrinhas atual.** A sustentação com dois arcos, direito e esquerdo, que seriam o sustentáculo da imigração. **Em lados opostos a bandeira brasileira e a italiana, significando a integração das duas culturas.** De um dos lados internos do arco um pouco da história do Dom Ernesto, do outro uma lista com o nome de imigrantes que

ajudaram a construir a cidade. Atrás do arco, um semicírculo formado por 20 colunas contendo os brasões das 20 regiões italianas. No centro a integração das duas nações representadas no globo terrestre pelos mapas dos dois países. Eu digo hoje, estudando as passagens, os momentos de Pedrinhas, que se o Dom Ernesto não estivesse à frente aqui em Pedrinhas, a colônia teria tido o mesmo fim de Mandaçaia de Goiás e de Joinville (C.L.G., 80 anos, brasileiro, vive em Pedrinhas desde 1970, foi chefe de gabinete do governo municipal, de 1997 a 2004).

Os relatos da ex-prefeita e do chefe de gabinete mostram que a construção desses monumentos vai além de questões comerciais/econômicas que pudessem envolvê-las em um plano a longo prazo de um possível fluxo turístico. O grupo, como assinala o chefe de gabinete, desejava perenizar as memórias do período da imigração. Essa ideia também está presente no discurso da ex-prefeita quando diz “eu sabia que de alguma forma eu tinha que fazer alguma coisa para poder eternizar essa história”.

Ao analisarmos esses relatos com base no conceito de não lugar (Augé, 2012), compreendemos que, ainda que nos primeiros anos após a construção desses monumentos eles talvez não pudessem ser considerados como lugares antropológicos, pois no início lhes faltava o elemento referencial, ainda assim não poderiam ser chamados de não lugar, pois desde o início todos apresentavam traços identitários.

Hoje, embora não constituam originalmente uma construção daquele período histórico, esses monumentos ganharam o *status* de lugar antropológico pois possuem um caráter identitário e referencial, uma vez que existe uma relação de quem é de dentro e de quem vem de fora com esse lugar, é possível compreender o valor simbólico de cada elemento, assim sendo, com o correr do tempo, se constituirá um lugar histórico. Trata-se, portanto, de um lugar antropológico (Augé, 2012).

Consideramos ainda para essa discussão, a questão do monumento, também tratada por Augé, a qual relacionamos à referida construção:

O monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência, ou, pelo menos, da duração. É preciso haver altares aos deuses, palácios e tronos para os soberanos, para que não fiquem sujeitos às contingências temporais. Eles permitem, assim, pensar na continuidade das gerações (Augé, 2012, p. 58).

Os sentidos dos termos “permanência”, “duração” e “continuidade das gerações”, contidos no trecho acima, dialogam com o intuito da ex-prefeita e do ex-chefe de gabinete de “perenizar as memórias” e “eternizar essa história” dos imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista; dialogam ainda com o seguinte trecho da fala da ex-prefeita:

e com a eu sabia que de alguma forma eu tinha que fazer alguma coisa para poder eternizar essa história, para que ela fosse contada de geração em geração, sem que nós dependêssemos das pessoas para que essa história fosse contada.

Naputano coloca em questão o valor identitário e referencial desses monumentos por eles não representarem o monumento original e nem possuírem a sua historicidade, como vemos no seguinte excerto:

A construção desta memória, após a destruição dos monumentos históricos realizada em Pedrinhas, é observável por toda a cidade. **As tantas realizações arquitetônicas no estilo greco-romano, mas sem as mesmas proporções e historicidade das construções realizadas na Itália**, são um exemplo imediato e eficaz da intenção de se constituir uma memória. Quem chegasse a Pedrinha Paulista, sem ter um mínimo conhecimento de sua história, seguramente não deixaria de indagar sobre estas construções que, independentemente da questionável qualidade arquitetônica que possam assumir, têm, sem dúvida alguma, uma força enorme de construção do desejo de refazer, neste caso, em modo concreto e palpável, como nos indica Ecléa Bosi (Naputano, 2012, p. 70, grifo nosso).

Pautados nos discursos da ex-prefeita e do ex-chefe de gabinete, ao analisarmos o trecho de Naputano “as tantas realizações arquitetônicas no estilo greco-romano, **mas sem as mesmas proporções e historicidade das construções realizadas na Itália**”, compreendemos que o grupo nunca pretendeu que elas assim o fossem, não se tinha o objetivo de fazer uma reprodução fiel dos monumentos, como podemos observar nos trechos a seguir em que a ex-prefeita da cidade e o ex-chefe de gabinete nos relatam os objetivos da construção do monumento ao imigrante e das demais construções:

[...] eu tinha que fazer alguma coisa para poder eternizar essa história, para que ela fosse contada de geração em geração, sem que nós dependêssemos das pessoas para que essa história fosse contada (I.F.D.S., ex-prefeita de Pedrinhas Paulista).

Então, eu fiz uma pesquisa dos monumentos existentes e já destruídos de Roma. Nós queríamos uma entrada, um recinto que tivesse a integração das regiões da Itália, porque vieram imigrantes de diversas regiões, de norte a sul para cá (C.L.G., ex-chefe de gabinete).

Concordamos com a análise de Naputano à luz da teoria de Ecléa Bosi, a de que memória é trabalho e, no caso das construções dos monumentos, de fato essa neta de imigrantes e seu chefe de gabinete tentaram recriar a memória de um passado que, em primeira instância, não fora vivido por eles, mas que, se pensarmos bem, ainda assim é parte da história do país onde seus *nonnos* e genitores nasceram. Consideramos importante, entretanto, acrescentar à análise de Naputano a questão do terceiro espaço e das culturas de herança, conceitos que ainda não eram muito difundidos na época de sua pesquisa.

Conforme já discutimos no início desta seção, as culturas de herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022) possuem um caráter híbrido e se realizam no espaço de intersecção entre duas ou mais culturas, ou seja, o terceiro espaço (Lo Bianco, Liddicoat & Crozet, 1999), e é notório esse caráter híbrido do monumento analisado nas falas da ex-prefeita e do ex-chefe de gabinete. O monumento ao imigrante italiano constitui a representação concreta da cultura de herança, com ele-

mentos que fazem referência ao seu país de origem, pois embora fossem camponeses e não participassem da vida nas cidades a que esses monumentos pertenciam, ainda assim são elementos que compõem o passado de seu país de origem e, portanto, os representam de certa forma.

Consideramos importante refletir aqui outra questão: a de que as construções verdadeiramente histórias foram extintas para que se construíssem as novas. Mesmo compreendendo que essa fala de Naputano possua um caráter subjetivo, ainda assim é importante ressaltar que, da lista de construções históricas extintas apresentadas por ele em seu trabalho, nenhuma foi realmente demolida com esse propósito, não havendo em seu lugar uma nova construção que as substituíssem. O caso da primeira igreja, por exemplo, de acordo com entrevista realizada com o proprietário das terras onde ela foi construída, obtivemos a seguinte informação:

Era uma igreja de madeira, deve até ter foto dela no centro cultural. O Franco fala, e eu me recordo, que o padre Edvaldo fez um cruzeiro ali onde é a chácara do Franco meu irmão, onde antes tinha a igreja, tem até uma plaquinha para certificar que ali foi o lugar onde realmente tinha a igreja. Essa igreja foi feita ali, mas era de madeira e pequena, porque depois realmente ia ser construída a igreja mesmo. A igreja na verdade não foi demolida, ela foi se deteriorando. O Franco meu irmão me disse que a igreja era velha, quando ele chegou aqui ainda tinha a igreja lá, mas em condições já bem precárias, bem *destruidinha* mesmo, e eles já estavam pra inaugurar a igreja nova aqui embaixo. A cidade estava projetada para ser construída onde é a Cooperativa hoje e aquela terra ali, onde estava a igreja, era da Companhia, não era ainda da nossa família, ele fala que ali foi deixada uma faixa de terra para ser montado um distrito industrial, pra montar uma serraria ou alguma coisa e tal, e ali estava uma igreja, mais pra baixo da igreja tinha o barracão onde ficavam os operários e os imigrantes, que vinham para o Brasil através da Companhia, com aquele contratinho e tal e ficavam nesse barracão até irem se estabelecendo. Mas antes disso (da chegada da Companhia) tinha a igreja e três casinhas de madeira. Meu irmão disse que essas casinhas de madeira eram do pessoal da fazenda e morava gente que trabalhava ali na fazenda do Seródio. A igreja foi se deteriorando, daí construiu-se outra (a matriz), acharam o solo aqui pra baixo melhor e começou (o centro urbano aqui embaixo). Ele me explicou um pouco mais sobre a Companhia, disse que foi quando chegou a Companhia é que se construiu as coisas porque existia um contrato que determinava que deveria existir aqui em Pedrinhas algo básico, como base para fundar a colônia tinha que ter: uma igreja católica, um pronto socorro, cinco salas de aula e uma cooperativa. A Cooperativa, eu me lembro perfeitamente que era um mercado, era um mercadinho, era um armazém. Mais tarde, com o passar dos anos, depois de um tempo é que veio a Cooperativa Agrícola. Meu irmão disse que a terra onde estava a igreja foi parar na nossa mão depois a Companhia foi loteando, como ali não saiu o distrito industrial nenhum, não precisavam mais do barracão para os colonos que vinham porque já estavam todos sendo assentados nos seus devidos *sitinhos*. Aí foi feito o loteamento e daí meu pai é que ficou com esse primeiro lote e ele me falou que a igreja já não tinha mais, que ela já tinha realmente caído. E a única coisa que a família Seródio pediu foi para não destruir ali onde ficaram as duas igrejas que tinha ali onde um irmão matou o outro, que existe ali até hoje, só tem uns caquinhos, mas meu irmão disse que nunca pensou em mexer. Inclusive o Dom Ernesto falou, o Franco se lembra perfeitamente disso, que aquele Cruzeiro que está hoje bem em frente a nossa igreja, disse que dentro daquela cruz está a cruz da igreja. Um caso semelhante ao da igreja aconteceu com o cemitério, não sei se você sabe, mas o primeiro corpo sepultado aqui em Pedrinhas

foi ali embaixo, perto do Seu Mineiro. Aí o Dom Ernesto não concordou com aquilo. Aí um dos chefões da companhia na época viajou, saiu, daí desenterraram o corpo e ele (Padre Ernesto) foi fazer o cemitério lá para cima (F.D.B., 60 anos).

Como essa filha de imigrantes⁴² nos explica, com base em sua memória e em uma entrevista que fez a seu irmão mais velho, que veio com a família quando já era adulto, testemunhando, portanto, a fase inicial da colônia, a primeira igreja não foi uma construção feita pela Companhia, ela já existia em condições muito precárias no início da década de 1950. Ao lado dessa igrejinha de madeira existiam duas casas também de madeira que antes eram habitadas por empregados da família Serodio.⁴³

Conseguimos imagens da antiga igreja de madeira e dos escombros dessas duas igrejinhas construídas no local onde os dois irmãos da família Serodio se mataram.

Imagem 31. Primeira Igreja de Pedrinhas Paulista



Fonte: arquivo físico do Museu.

⁴² Essa filha de imigrantes tem idade bem diferente da maioria dos outros filhos de imigrantes da cidade, pois é a chamada “filha temporona”, pois possui a mesma idade de seus sobrinhos.

⁴³ A família Serodio era a antiga proprietária de uma das fazendas compradas pela Companhia para fazer o loteamento e assentamento das famílias de imigrantes. Existe uma história, que ainda hoje é contada na cidade, que diz que os dois filhos desse dono da fazenda se mataram em uma briga.

Imagem 32. Capelinha dos irmãos Serodio



Fonte: Arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

Imagem 33. Detalhe da Capelinha dos irmãos Serodio



Fonte: arquivo pessoal. Créditos: Ricardo Fornasier

O fato de essas igrejinhas já serem antigas no momento da imigração justificam o seu estado atual de deterioração. A família que recebeu esse primeiro lote da Companhia manteve a promessa feita à família Serodio e nunca tocaram em suas ruínas.

Dando prosseguimento à nossa argumentação, em todo o histórico de demolições e construções de monumentos, apenas um, que curiosamente não consta da lista daquelas citadas por Naputano, foi realmente extinto para a construção de um novo: o pórtico da igreja matriz, que deu lugar ao monumento ao imigrante italiano. Sua extinção foi realmente motivo de muita polêmica entre os moradores da cidade, pois servia de abrigo para os passantes em dias de chuva e aos fiéis em dias de missa, além de constituir um espaço de convívio social, principalmente após as celebrações religiosas. Vejamos o relato a seguir:

Uma coisa eu sempre discordei foi desmancharem aquele pórtico da igreja que nós tínhamos para colocar esse novo monumento. Aquilo... ficou faltando um braço da nossa igreja (F.D.N.B., 60 anos).

Esse foi um dos tantos discursos que ouvíamos nos diversos espaços da cidade, durante o período em que o referido monumento foi construído.

Na foto a seguir podemos ver claramente, no canto superior esquerdo, o pórtico, o braço faltante da igreja, que a filha de imigrantes nascida no Brasil menciona em seu relato, o qual foi substituído pela construção do monumento ao imigrante.

Imagem 34. Casamento de Fausto e Venerina Fornasier
(detalhe do pórtico da Igreja Matriz)



Fonte: Arquivo da família Fornasier

Imagem 35. Memorial do Imigrante Italiano



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 36. Memorial do Imigrante Italiano II



Fonte: arquivo pessoal.

Outro ponto relevante do trabalho de Naputano a ser considerado é a questão da língua, que está diretamente ligada à questão das gerações, como veremos no próximo excerto:

Os pais de Pedrinhas souberam realizar através de série de atividades/trabalhos o que articula Ecléa Bosi na obra já citada: A memória não é sonho, é trabalho. Atividades como, por exemplo, a festa italiana que se realiza todos os anos com danças e comidas típicas, os cursos de língua italiana, o jogo de “bocce” etc. Estes pais cons-

truíram uma memória que nem sempre se fundamenta na realidade histórica por eles vivida no momento da chegada deles no Brasil. **Aquelas atividades asseguram “ai vecchi” uma construção identitária de preservação de sua origem, mesmo se com a introdução de uma memória que é uma construção de língua italiana, visto que falavam somente em dialetos e não em italiano na Itália;** uma construção arquitetônica, uma vez que a representação dos monumentos em Pedrinhas não é a representação do que viveram na Itália *contadina*; e até mesmo uma construção gastronômica, visto que na Itália camponesa dos anos pós segunda guerra mundial, comia-se pouco e com pouca variedade. Construção coletiva de uma memória/recor-dação inventada e produzida de um sentimento de pertencimento a posteriori de uma identidade étnica, cultural e linguística de empenho na seleção, no diferenciar-se e tornar coesa e estável a identidade do grupo (Napotano, 2012, p. 74, grifo nosso).

Como já discutimos em momento anterior a questão geracional, não nos repetiremos aqui, só lembraremos que “*i vecchi*” (os velhos), aos quais o autor se refere como “os imigrantes” que jogam cartas na praça, fazendo desse lugar, um lugar de trabalhado, ou seja, um espaço, são na verdade os filhos desses imigrantes, ou seja, membros da primeira geração de descendentes, pois os imigrantes propriamente ditos não viviam mais no momento da visita do autor à comunidade. Sendo esses velhos os filhos dos imigrantes e membros da primeira geração, muitos deles sabiam falar o italiano *standard*, pois chegaram no Brasil ainda crianças ou jovens adolescentes, tendo frequentado o ensino elementar na Itália. Assim, não nos parece apropriado o seguinte trecho:

Aquelas atividades asseguram “ai vecchi” **uma construção identitária de preservação de sua origem, mesmo se com a introdução de uma memória que é uma construção de língua italiana,** visto que falavam somente em dialetos e não em italiano na Itália (Napotano, 2012, p. 74, grifo nosso).

O ensino do italiano *standard* nos cursos promovidos pelo município não pode ser considerado uma construção de memória por ser uma **construção de língua**, uma vez que não só os dialetos são línguas de herança (Ortale, 2016) em Pedrinhas Paulista, mas também o italiano *standard*. Motivo pelo qual a escolhemos para o curso *Italiano como Herança* no projeto de mestrado, uma vez que teríamos alunos com conhecimentos de diversos dialetos e o italiano seria uma língua comum a todos.⁴⁴

Vejamos um relato de filho de imigrante que comprova nosso argumento:

Per non aver problemi dentro, nella parte di lavoro, **si parlava solo in italiano nella Compagnia di Imigrazione.** I dialetti erano quasi messi da parte perché alle volte se tu prendeva il calabrese col veneto non si capiva niente. Quando ho cominciato a lavorare nella cooperativa, **molti dei vecchi** che venivano far la spesa non sapevano l'italiano, **parlavano solo in dialetto.** Col tempo se imparava. **Se avessi avuto il bisogno di andare all'ufficio della Compagnia, doveva parlare in italiano o doveva portare insieme un figlio che parlasse in italiano**⁴⁵ (G. M., 77 anos no momento de nossa coleta de dados em 2016).

⁴⁴ Embora o italiano fosse a língua de herança em foco no nosso curso de LH, sempre valorizamos os dialetos regionais em nosso material e nas atividades do projeto como um todo.

O relato do senhor G.M., que em 2016 tinha 77 anos (hoje está com 83), deixa claro que ele era jovem no início da colônia e trabalhava na cooperativa, fundada em 1954, portanto bem no início da colônia. Ele fala o italiano pois, assim como os meus sogros e tantos outros filhos de imigrantes nascidos na Itália, frequentou a escola elementar. Ele deixa claro que os velhos, ou seja, os pais dos membros da sua geração, só sabiam os dialetos regionais. Esses imigrantes realmente não foram à escola e, conseqüentemente, não aprenderam o italiano *standard*, mas seus filhos sim, de modo que aprender o italiano *standard* não se configura como tentativa de uma “construção de língua” e, portanto, de memória, como analisa o autor. E se a língua falada por eles hoje é uma variante, como aponta Castro (2002), é porque de fato estamos falando de línguas e culturas de herança.

Iniciamos esta seção com uma narrativa sobre pertencimento. Discutimos os conceitos de espaço, lugar antropológico, lugar e não lugar. Discorremos sobre questões que julgamos importante serem esclarecidas sobre a comunidade onde vivo há trinta anos. Compreendemos o privilégio do “meu lugar” enquanto pesquisadora, porque conheço o olhar de quem é de fora e possuo o olhar de quem é de dentro. A perspectiva mudou. Os trinta anos de imersão na comunidade ouvindo inúmeras narrativas sobre o evento da imigração, aliados aos meus estudos e a muita pesquisa, me permitiram contribuir com a construção de novos conhecimentos e com a apuração de novos dados históricos, agora oficializados no documento que é esta tese.

Naputano ingressou na comunidade como professor de língua italiana, posição que lhe permitiu transitar por três meses nos diversos espaços de interseção, garantindo-lhe uma inserção socialmente diferenciada.

Nesse sentido, no que diz respeito à coleta e análise de dados de pesquisa, temos consciência do privilégio que tenho por ser um membro ativo da comunidade e há trinta anos frequentar os espaços da igreja e do clube assiduamente com minha família, participar das festas da santinha todo ano no mês de maio, e de tantas festas da comunidade, por ter ido a tantos velórios, onde aprendi a cantar “*Ausiliatrice*”, por ter celebrado tantos nascimentos, por ter trabalhado como professora na escola estadual por quatro anos, como coordenadora do Jardim da Infância por três anos, por ainda trabalhar com o projeto *Italiano como Herança*, que também envolve a CP *Sapori di mamma: storie e ricette* e, por fim, por fazer parte de uma família formada

⁴⁵ **Tradução:** Para não ter problemas internos, na parte de trabalho, se falava só em italiano na Companhia de Imigração. Os dialetos eram deixados de lado, porque às vezes, se você pegasse um calabês com um vêneto, não se entendia nada. Quando comecei a trabalhar na cooperativa, muitos dos velhos que vinham fazer compras não sabiam o italiano, falavam só em dialeto. Com o tempo se aprendia. Se necessitassem ir ao escritório da Companhia, deviam falar em italiano ou levar junto um filho que falasse em italiano.

por filhos e netos de imigrantes italianos, falantes ativos do dialeto vêneto e do italiano *standard*, pude aprender com minha sogra a fazer a lasanha e a *pinza*. Como pesquisadora tive/tenho acesso a todos os documentos deixados pelos dirigentes da CBCII e salvaguardados pelo município, os quais me permitiram/permitem coletar, analisar e tornar documento novos dados sobre a história do município. O meu lugar é sim de privilégio, pois vi de perto a construção dos novos monumentos e ouvi discussões acirradas pelo não consenso. Considero muito válido o relato de F.D.N.B. quando diz que a demolição do pórtico da igreja foi um acontecimento muito triste, pois sentia como se a igreja tivesse perdido um braço. O meu lugar privilegiado me permite compreender o seu sentimento de perda de um espaço que remete a sua identidade, e me permite ver também que hoje, quase vinte anos depois de sua construção, esses monumentos adquiriram o *status* lugar antropológico (AUGÉ, 2012), porque são monumentos e cumprem o seu escopo de monumento, porque são identitários, porque em sua maioria constituem os espaços das praças, espaços de interseções e, por fim, já se tornaram históricos. Se fossem demolidos hoje, o sentimento de perda identitária seria o mesmo que aquele do pórtico da igreja.

4 SAPORI DI MAMMA: STORIE E RICETTE: UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA COMO RECURSO NA REVITALIZAÇÃO DA CULTURA DE HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA

“Não temos receitas. Cozinhamos de memória. Observamos e ouvimos nossas mães e as mães delas, exatamente como todas as mulheres da família fizeram. Em vez de aprender a cozinhar, herdamos o jeito como cozinhamos e assamos, nossos métodos são herdados, como a cor dos olhos de um pai ou o formato do queixo de uma mãe. Como o próprio passado, que nos nutre tanto quanto a comida. O resto é instinto. Não há muita coisa nessa vida que permaneça imutável, mas eu diria que a forma como cozinhamos ainda é. Presa à história como uma espada na pedra *Grazie a Dio*.” (A doce vida na Úmbria, de Marlena de Blasi).

4.1 COMUNIDADE DE PRÁTICA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM SOCIALMENTE CONSTRUÍDA

No capítulo anterior apresentamos a figura histórica do Padre Ernesto Montagner e seu importante papel na fundação da colônia de Pedrinhas, discutimos os pontos positivos e negativos que a vida em comunidade pode apresentar. Fizemos a análise dos dados colhidos através de questionários aplicados a jovens de 15 a 35 anos, pertencentes à terceira geração de descendentes de imigrantes italianos, a qual corrobora a afirmação de Bauman (2003) sobre a existência de uma dicotomia que permeia a vida em comunidade. Discutimos a questão do pertencimento, de lugares e não lugares em contexto de imigração. Neste capítulo, refletiremos o conceito de comunidade de prática proposto por Etienne Wenger e Jean Lave, e analisaremos o quanto a formação de comunidades de prática, nesse contexto, pode auxiliar na preservação desse patrimônio.

Iniciamos esta seção destacando que o conceito de comunidade de prática foi criado pelo teórico educacional Etienne Wenger e pela antropóloga Jean Lave, no final da década de 80, por meio de pesquisas etnográficas, enquanto estudavam ‘*apprenticeship*’ como modelo de aprendizagem.

Jean Lave era, e ainda é, uma antropóloga social com forte interesse em teoria social e grande parte de seu trabalho concentrou-se na "redefinição" de teorias da aprendizagem. Etienne Wenger também desenvolve pesquisas na área da aprendizagem e sua análise inovadora sobre o tema foi publicada pela primeira vez em *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation* (1991) e posteriormente aumentada em obras de Jean Lave (1993) (infed.org, 2019).

Lave iniciou, nos anos 70, sua investigação etnográfica sobre como as pessoas aprendiam, quando foi para a Libéria, na África Ocidental. A antropóloga observou que dois aprendizes de alfaiate, Vai e Gola, tinham aprendido muito, assim como obviamente o mestre de alfaiates, junto a quem eles eram aprendizes. O contexto, porém, não era de ensino formal, não

se tratava de um professor e dois alunos. A autora, apoiada na teoria da prática social, centra-se na “ideia de que toda atividade (o que seguramente inclui a aprendizagem) é situada nas – feita de, é parte das – relações entre pessoas, contextos e práticas” (Lave, 2015, p. 40).

Em seus estudos, Wenger e Lave concluíram que o ato de aprender não se dá apenas pela interação de um mestre e de um aprendiz, como muitos imaginam, mas principalmente por meio da interação de aprendizes em diferentes níveis de aprendizado (Wenger, 2015), como podemos observar no excerto a seguir:

[...] estudos sobre o aprendizado revelam um conjunto mais complexo de relações sociais através do qual o aprendizado ocorre principalmente com os aprendizes e aprendizes mais avançados (Wenger, 2015, p. 7).

De acordo com Wenger (1998), o ato de aprender que se dá fora do contexto formal, entre aprendizes em diferentes níveis de aprendizado, ocorre quando pessoas que interagem socialmente nos mais diversos ambientes, buscam atingir objetivos comuns. A esse tipo de aprendizagem resultante de interação social o autor dá o nome de Comunidades de Prática (doravante CP), como podemos observar no trecho abaixo:

Estarmos vivos como seres humanos significa que estamos constantemente envolvidos na busca de empreendimentos de todos os tipos, desde garantir nossa sobrevivência física até buscar os prazeres mais elevados. Ao definirmos essas empresas em sua busca conjunta, interagimos uns com os outros, nos envolvemos com o mundo, ajustamos nossas relações entre si e com o mundo de acordo. Em outras palavras, aprendemos. Com o tempo, esse aprendizado coletivo resulta em práticas que refletem tanto a busca de nossas empresas quanto as relações sociais correspondentes. Essas práticas são, portanto, propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo pela busca constante de uma empresa compartilhada. Faz sentido, portanto, chamar esses tipos de comunidades de prática (Wenger, 1998, p. 45).

Segundo o autor, o conceito de comunidade de prática não existe por si só. Ele faz parte de uma estrutura conceitual mais ampla para pensar sobre a aprendizagem em suas dimensões sociais. A aprendizagem, de acordo com essa perspectiva, não se localiza na cabeça do indivíduo ou fora dela, mas na relação que se estabelece entre ele e o mundo. Nessa relação de participação, o social e o indivíduo se constituem (Wenger, 2010).

Em seus estudos, Wenger (1998) analisa o aprendizado, a natureza do conhecimento, o conhecimento e conhecedores por meio de quatro premissas:

Somos seres sociais. Longe de ser trivialmente verdadeiro, esse fato é um aspecto central do aprendizado.

O conhecimento é uma questão de competência em relação a empresas valiosas - como cantar em sintonia, descobrir fatos científicos, consertar máquinas, escrever poesia, ser sociável, crescer como menino ou menina e assim por diante.

Conhecer é uma questão de participar da busca de tais empresas, isto é, de um engajamento ativo no mundo.

O significado – nossa capacidade de experimentar o mundo e nosso envolvimento com ele como significativo – é, em última análise, o que a aprendizagem deve produzir (Wenger, 1998, p. 4).

A teoria proposta pelo autor, portanto, apresenta como foco principal o aprendizado como participação social. Ele se refere a um processo de participação mais ativa na sociedade, de fato mais abrangente, e não apenas a nossa participação em eventos locais e atividades com determinadas pessoas.

Wenger ressalta a importância do sentimento de pertencimento e da questão identitária quando discute o aprendizado como participação social, ou seja, ele destaca que o fato de participarmos de uma comunidade de prática é também uma forma de pertencimento, pois estamos demonstrando quem somos por meio de nossas ações.

Participar de uma equipe de trabalho, por exemplo, é tanto um tipo de ação quanto uma forma de pertencimento, que molda não apenas o que fazemos, mas também como fazemos, quem somos e como interpretamos o que fazemos. Portanto, uma teoria social da aprendizagem deve integrar os componentes necessários para caracterizar a participação social como um processo de aprendizagem (Wenger, 1998, p. 4).

O autor nos chama a atenção para o fato de que colocar o foco na participação tem amplas implicações no que é necessário para entender e apoiar o aprendizado. De acordo com sua teoria:

Para indivíduos: significa que aprender é uma questão de se envolver e contribuir para as práticas de suas comunidades.

Para as comunidades: significa que o aprendizado é uma questão de refinar sua prática e garantir novas gerações de membros.

Para organizações: significa que o aprendizado é uma questão de sustentar as comunidades de práticas interconectadas através das quais uma organização sabe o que sabe e, assim, se torna eficaz e valiosa como organização (Wenger, 1998, p. 7 e 8).

De acordo com Wenger-Trayner (2015), as comunidades de prática são constituídas por pessoas que interagem regularmente e participam de um processo de aprendizagem compartilhada, no qual buscam um objetivo comum. Segundo os autores,

[...] essa definição permite, mas não pressupõe intencionalidade: o aprendizado pode ser o motivo pelo qual a comunidade se reúne ou um resultado incidental das interações dos membros (Wenger, 2015, p. 2).

A prática de uma comunidade é dinâmica e envolve aprendizado por parte de todos (Wenger, 2015, p. 7).

As comunidades de prática, portanto, podem ser planejadas ou podem ainda surgir naturalmente. É preciso, porém, estarmos atentos ao fato de que nem toda comunidade que existe pode ser classificada como uma comunidade de prática. Para assim classificá-las, três características cruciais devem ser consideradas: o domínio, a comunidade e a prática.

O domínio: Uma comunidade de prática não é representada apenas por um grupo de pessoas ou uma rede de conexões entre elas. Ela apresenta “uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesses” (Wenger-Trayner, 2015, p. 2).

A associação implica um compromisso com o domínio e, portanto, uma competência compartilhada que distingue seus membros de outras pessoas (Wenger-Trayner, 2015, p. 2).

É por meio do domínio que membros de uma comunidade de prática constroem relacionamentos que lhes permitem interagir, discutir, buscar soluções e aprender uns com os outros. Aí consiste o senso de comunidade.

A prática: como o próprio nome sugere, os membros de uma comunidade de prática são praticantes, eles atuam por meio de um repertório de recursos compartilhados como experiências, histórias, ferramentas e maneiras de resolver problemas recorrentes. Essa é, portanto, uma prática compartilhada.

O desenvolvimento de uma comunidade de prática se dá por meio da combinação desses três elementos, através de uma variedade de atividades: pedido de informações, solução de problemas, procura de experiência, reutilização de ativos (no caso do ensino-aprendizagem pode ser a reutilização de uma ideia ou um material, adaptando-o para um novo contexto), coordenação e estratégia, construção de argumentos, confiança crescente, discussão do desenvolvimento, documentação de projetos, visitas, mapeamento de conhecimento e identificação de lacunas.

Esse conceito da aprendizagem socialmente construída tem sido aplicado principalmente em negócios, associações profissionais, design organizacional, projetos de desenvolvimento, vida cívica, governo e educação.

No caso da presente pesquisa, que discute políticas públicas e familiares para a revitalização e manutenção da(s) língua(s) e cultura(s) de herança que compõem o mosaico linguístico e cultural do município de Pedrinhas Paulista, consideramos pertinente o emprego do conceito de CP como ferramenta para atingirmos o objetivo de levar os participantes, tanto do curso de LH (Ortale, 2016) quanto do curso de cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019), a cumprirem um papel atuante dentro do processo de ensino-aprendizagem, bem como atuante junto à comunidade no esforço de revitalizarem e manterem sua(s) língua(s) e a cultura(s) de herança. A manutenção dessa(s) língua(s) e cultura(s), como podemos observar nos trabalhos de Ortale (2016), Fornasier (2018) e Corrias (2019), não deve ser considerada apenas responsabilidade das famílias de imigrantes, tampouco o governo deve ser o único responsável ou a comunidade. Trata-se de um trabalho conjunto, que envolve esses três entes⁴⁶, de modo que quando um deles não cumpre o seu papel, a resultado fica comprometido. Ao governo cabe fomentar das mais diversas formas situações de uso, formal ou informal, da língua e da cultu-

⁴⁶ Não podemos deixar de destacar a importância do papel da Universidade, nesse caso a USP, nesse projeto, dando todo o suporte teórico/pedagógico através da formação da professora de LH, das reuniões para o planejamento do curso, para a produção de material e para análise/avaliação do material e das atividades.

ra, seja apoiando projetos, financiando cursos ou promovendo eventos. À família cabe revitalizar o uso da língua e cultura no ambiente doméstico. Entretanto, como já vimos em Corrias (2019), para que um aprendiz de LH seja motivado a se comunicar nessa língua, é preciso que ele encontre outros interlocutores na comunidade. Em seu trabalho, o autor se aprofunda nas reflexões acerca do papel da comunidade na manutenção das LH:

[...] a comunidade tem papel essencial na manutenção das LH. Parece difícil pensar na manutenção da língua e da cultura italiana em Pedrinhas sem o envolvimento da comunidade. Trata-se, porém, de definir de que forma uma comunidade no sentido 'geográfico' pode se tornar uma comunidade de prática (Corrias, 2019, p. 81).

Ortale (2016) também ressalta o trabalho desenvolvido pela professora do curso de LH em conjunto com duas colaboradoras, membros da comunidade de Pedrinhas, não especialistas na área de ensino de línguas, destacando que esse grupo se assemelhava muito a uma CP, como vemos a seguir:

O fato de envolver membros da comunidade na elaboração do curso e de a professora decidir, com autonomia, o papel das colaboradoras no curso parece ter contribuído para o desenvolvimento do parâmetro da possibilidade, já que a configuração do ensino em equipe implica, nesse caso, a participação direta de não especialistas em ensino e, acreditamos, um passo para a formação de um tipo de comunidade de prática (Ortale, 2016, p. 116).

Se considerarmos o contexto de herança na transmissão de línguas e culturas, podemos presumir que as dimensões sociais da aprendizagem que permeiam as CP, mencionadas por Wenger, também fazem parte do processo natural de transmissão das culturas de uma geração para outra. Por esse prisma, podemos inferir que a formação espontânea de CP sobre assuntos que envolvam língua(s) e cultura(s) de herança ocorra com mais facilidade do que em ambientes empresariais, por exemplo.

No caso do curso de LH em Pedrinhas, como destaca Corrias (2019), tanto o planejamento das aulas quanto o trabalho de mediação do conhecimento em sala de aula eram divididas entre a professora e as colaboradoras. Nós tínhamos a percepção de que o fato de sermos três mediadoras, ocupando posições muito similares no espaço do curso, era um fator positivo e que contribuía para baixar o filtro afetivo dos alunos ao passo que íamos construimos uma relação de confiança. Além disso, outros fatores contribuía para que fôssemos nos aproximando das características de uma CP: o fato de não separarmos os alunos por nível de proficiência e termos uma turma de aprendizes em diversos níveis; as metodologias empregadas também favoreciam o caráter interativo dos conteúdos (organização da turma em grupos; partilha de tarefas; a contribuição que os alunos davam para a produção do material didático com a oferta de fotos e memórias); a realização

das aulas no espaço do museu e não na escola; os encontros mensais com a comunidade com o tão apreciado “junta-pratos”, momento em que partilhavam receitas culinárias dos pratos degustados; o fato de não termos um momento de avaliação formal.

Os resultados de nossa pesquisa de mestrado mostraram que o trabalho com aprendizes de diversos níveis de proficiência na LH é muito mais rico e produtivo, pois, ao formarmos os grupos para a execução das tarefas, oportunizamos a troca de conhecimentos. A aprendizagem em nosso curso se deu, muitas vezes, como em CP, ou seja, entre dois aprendizes em níveis diferentes e não apenas entre mestre e aprendiz. Desta forma, ao final do curso de LH, após dois anos do seu início, observamos que todos os alunos haviam feito progressos na língua: os que compreendiam pouco e não falavam nada passaram a compreender melhor a língua e já conseguiam interagir com frases simples; os que compreendiam razoavelmente e falavam pouco também progrediram; os que já tinham uma proficiência razoável aprimoraram o seu nível de língua.

Outra questão importante que Wenger discute, a qual consideramos muito relevante, é o sentimento de pertencimento que envolve o aprendizado como participação social. O autor destaca que participar de uma CP é também uma forma de pertencer, pois demonstramos quem somos através de nossas ações.

De acordo com nosso entendimento, também nesse sentido, o curso de LH assume nuances de uma CP, uma vez que minha postura diante do grupo não foi apenas de professora, mas também a de um membro da comunidade de Pedrinhas. Assim como todos os alunos e as colaboradoras, me identifiquei com as histórias de vida partilhadas nas aulas, me emocionei com muitas delas, apresentei evolução em meu nível linguístico e, principalmente, também desejava aprender mais sobre a história de imigração de nossa comunidade, tinha o objetivo de recuperar muitos dados históricos e registrá-los para que não se perdessem, mesmo não tendo nascido no seio dessa comunidade⁴⁷. Os alunos, por sua vez, também se envolveram com as tarefas que cabiam à professora e colaboradoras, contribuindo com ideias, textos, fotografias ou documentos para a produção do material didático. Todos estávamos em certa medida envolvidos com os objetivos do projeto, movidos por uma paixão comum, a(s) língua(s) e cultura(s) italiana(s), que constituía o nosso **domínio** compartilhado de interesses, e, aprendendo juntos (em **comunidade**) por meio da partilha de uma competência que distinguia o nosso grupo, cada um contribuindo com o que sabia, através da **prática**: a professora (com todo o apoio da orientadora e do professor formador), através de seus conhecimentos lin-

⁴⁷ Os meus quase trinta anos de convívio diário na comunidade me tornaram uma herdeira desse patrimônio linguístico e cultural (Ortale, 2016).

guísticos, pedagógicos e teóricos, organizando os conteúdos e planejando as aulas com o apoio das colaboradoras, que por sua vez agregavam seus conhecimentos linguísticos (do italiano *standard* e dos seus dialetos familiares) e culturais; e os alunos com a rica partilha de sua bagagem linguística e cultural. O instrumento de que todos nos valem nesse processo de aprendizagem foi a metodologia da história oral, por meio das vertentes da História Oral de Vida e da Tradição Oral (Meihsy, 2015). Desta forma, podemos afirmar que todos os participantes do grupo (professora, colaboradoras e alunos) tiveram suas identidades atravessadas pelos conteúdos trabalhados e o sentimento de pertencimento cresceu significativamente para todos, a ponto de se tornarem de fato participantes no processo. A palavra “participantes” empregada para fazer referência à professora, colaboradoras e alunos do curso possui sim o seu primeiro significado, que é o de “fazer parte”, mas carrega também um caráter ativo, que envolve o senso de consciência da responsabilidade que “todos” têm nessa empresa, ou seja, revitalizar e manter esse patrimônio linguístico e cultural é responsabilidade de todos e implica participação ativa. Aqui podemos destacar que o Parâmetro da Possibilidade, um dos sustentáculos do tripé da Pedagogia Pós-Método (Kumaravadivelu, 2012), se concretizou, tendo em vista que a maior parte dos participantes do curso de LH, ou, se assim podemos nomear, dessa CP de LH. Kumaravadivelu se pauta nas teorias sobre educação crítica de Paulo Freire (1996) para estruturar o terceiro parâmetro de sua Pedagogia Pós-Método, que considera o espaço da sala de aula um espaço socialmente construído, na qual o grande objetivo não é a transmissão de conhecimentos, mas a transformação que esses conhecimentos construídos podem trazer para os aprendizes e a transformação que eles podem proporcionar à realidade que os cerca.

4.2 DO CURSO DE LÍNGUA DE HERANÇA AO NASCIMENTO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA DE COZINHA DE HERANÇA

No final do curso *Italiano como Herança*, oferecido por nosso grupo de pesquisa a membros da segunda geração, o qual que foi planejado para durar quatro semestres, alguns alunos começaram a se lamentar pelo fato de que em breve não se reuniriam mais às segundas-feiras, dia em que treinavam o seu italiano, aprendiam sobre a cultura italiana e a história de sua comunidade, divertiam-se, emocionavam-se com as histórias trazidas pelos colegas ou pelos imigrantes que eram entrevistados durante as aulas, dia em que também estreitavam seus laços de amizade, como podemos observar na fala do aluno A do curso de LH, ao responder sobre as mudanças que o curso trouxe para a sua vida:

Esse curso deu-me a oportunidade de reencontrar amigos que também valorizam a cultura italiana e deu-nos a oportunidade de buscarmos em nossas famílias informações que direcionaram a história de nossa colonização. Para a comunidade é um ganho cultural imenso, pois é preciso resgatar e valorizar todo o esforço e dedicação dos nossos familiares que tanto fizeram para esta linda e carismática cidade de Pedrinhas Paulista (Aluno A do curso de LH em coleta de dados de 2017 para a pesquisa mestrado).

Essa fala do aluno A do curso de LH deixa claro que não se tratava apenas de revitalizar o uso da LH mas de revitalizar alguns laços de amizade e a paixão por esse patrimônio herdado se constitui a amálgama que unia os seus participantes. Todo encontro tinha clima de festa ainda que se tratasse de um curso e o que notadamente percebíamos como pesquisadora é que eles festejavam o encontro (estarem juntos); a partilha (de histórias de vida que se cruzavam, de conhecimentos linguísticos, de receitas etc.); a revitalização e valorização de seus dialetos; o seu sentimento de pertencimento crescente. Foi pensando no término de nosso curso que uma de nossas alunas, no final do nosso penúltimo encontro, sugeriu que no ano seguinte organizássemos um curso de culinária, para que não deixássemos de nos reunir e para que pudéssemos continuar a partilhar nossas receitas. Sua ideia foi bem aceita por todos, professoras e demais alunos do curso, e se justificava pelo fato de que, durante o curso de LH oferecido a esses alunos, a culinária típica italiana teve presença marcante não só no momento em que estudamos a unidade temática que abordava o tema da gastronomia italiana, *Unità Mangia che ti fa bene*, como também durante todos os encontros mensais feitos entre alunos e comunidade, nos quais cada um costumava levar um prato típico regional que sabia fazer (o famoso junta-pratos) e ali, ao experimentarem cada prato, trocavam suas receitas. Essa troca ocorria de forma oral, durante o encontro, e de forma escrita, quando alguém pedia que postassem no grupo do WhatsApp alguma das receitas.

A culinária italiana apresentada na unidade temática do curso de LH e as receitas da *mamma* ou da *nonna* trocadas nos encontros mensais e pelo grupo no WhatsApp adquiriram singular protagonismo no processo de (re)construção das identidades culturais (Bauman, 2005 e Hall, 2003) dos nossos alunos. Foi inspirada nessa troca intensa de receitas que nossa aluna propôs que, ao findarmos o curso de LH, iniciássemos um curso de culinária, o qual fosse ministrado por todos os participantes, ou seja, todos teriam a oportunidade de ensinar seus pratos típicos regionais (de família) e aprenderiam também os pratos típicos das famílias dos demais colegas.

Os fatos acima narrados deixam evidente que estávamos diante do surgimento de uma comunidade de prática (Wenger, 1998), a qual não fora planejada por nós pesquisadores, mas que de certa forma teve sua origem no curso de LH, ultrapassando os limites sala de aula, dos

encontros mensais com a comunidade e das conversas de WhatsApp, e se concretizando em outros espaços: a princípio a cozinha do restaurante de uma das colaboradoras do projeto e posteriormente a cozinha de cada casa, de cada família de participantes.

Para que as reuniões da fase embrionária do curso de culinária pudessem ocorrer sem que seus participantes tivessem que sair de casa, um novo grupo de WhatsApp foi criado, em 13 de agosto de 2019. Suas primeiras participantes foram Luciana, proponente do curso de culinária italiana, Vilma, Flávia, ex-alunas do curso de LH, nossas colaboradoras (Vanda e Maria) e eu (professora e pesquisadora). Nesse momento, o nosso papel – meu e de minhas colaboradoras – foi o de gerenciar esse grupo de WhatsApp, de estimular a participação dessas, então, ex-alunas e de sistematizar tudo aquilo que por elas fosse proposto. Inicialmente, esse grupo se configurou como uma sala de reuniões, evitando o nosso deslocamento e agilizando as nossas ações, e posteriormente tornou-se o nosso mural de lembretes e recados, de planejamento dos encontros que se sucederam ao longo de quase quatro anos, espaço que até hoje é utilizado, não só para organização de encontros e partilha das receitas, mas para a postagem de algum vídeo ou artigo interessante sobre a(s) língua(s) e cultura(s). Esclarecidos os usos do grupo WhatsApp, tornemos à fase incipiente da CP de cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019).

Uma das primeiras decisões a ser tomada foi sobre o nome do curso. Uma de nossas colaboradoras propôs o nome “*Casa d’Irene*”, inspirada na música que leva esse título.

Maria: *Ragazze, conoscete la canzone “Casa d’Irene”? Non ci rimette alla cucina, ma mi piace il nome. Conoscete? “A casa d’Irene si canta si ride / c’è gente che viene / c’è gente che va / A casa d’Irene botiglie di vino / A casa d’Irene stasera si va”. Irene è anche il nome della nonna di Ricardo* (Conversa do dia 14/08/2019 no grupo de WhatsApp).

Tradução: Meninas, vocês conhecem a canção “Casa de Irene”? Não nos remete à cozinha, mas me agrada o nome. Conhecem? Na casa de Irene se canta se ri / Tem gente que vem / Tem gente que vai / Na casa de Irene garrafas de vinho / À casa de Irene nesta noite se vai”. Irene é também o nome da avó de Ricardo⁴⁸.

Maria se refere ao nome de uma senhora italiana que foi, por muitos anos, vizinha de sua família, no campo.

Nossa outra colaboradora, Vanda, porém, comentou que a ela essa canção, embora alegre, não remetia a reuniões familiares, mas à boemia:

Vanda: *Questo nome non mi piace... deve essere qualcosa di cucina... Cucina della nonna, qualcosa del genere...*

Per me “Casa d’Irene” rimette a casa delle donne di vita facile, non so se il testo dice questo o se è solo la mia impressione, ma non mi piace (Conversa de 14/08/2019 no Grupo de WhatsApp).

⁴⁸ Ricardo é o nome do marido da professora do curso de LH e responsável por esta pesquisa.

Tradução: Esse nome não me agrada... deve ser alguma coisa sobre cozinha... cozinha da avó, alguma coisa do gênero...

Para mim “Casa de Irene” remete à casa de mulheres de vida fácil, não sei se o texto diz isso ou se é só a minha impressão, mas não me agrada.

Nossas colaboradas estavam estimulando a participação de nossas ex-alunas do curso de LH, agora participantes ativas do curso de culinária, para a decisão do nome do curso e eu, por acreditar nas propostas da Pedagogia Pós-Método, de Kumaravadivelo (2003, 2006), e na Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (1996), decidi não fazer muitas interferências em todo esse processo de formação dessa comunidade de prática, dando espaço às colaboradoras e às ex-alunas para que planejassem o curso de forma mais autônoma, por essa razão, limitei-me apenas a dizer que também gostava muita da canção “Casa d’Irene”, mas que também compartilhava da mesma compreensão do texto feita por Vanda. Luciana, então, com base nessa conversa sugere:

Luciana: Que tal “*Sappori di mamma*”?

(Conversa de 14/08/2019 no grupo de WhatsApp)

Tradução: Que tal “Sabores de mãe”?

Outros nomes foram sugeridos: *Nostra cucina, nostre storie* (proposto por Maria); *Sappori di mamma: storie e ricette* (Luciana propôs a primeira parte e a professora pesquisadora a segunda parte do nome); *Casa d’Irene sappori di mamma: storie e ricette* (proposto por Vilma). Vilma nos justificou sua escolha dizendo: “*Casa d’Irene* me faz lembrar na alegria de a gente se reunir, de estar junto”. Uma discussão acerca do sentido da canção “*Casa d’Irene*” foi feita e foi levantada a possibilidade de muitas pessoas não a conhecerem e assim para muitos soaria um nome estranho, não reportaria ao sentido que desejávamos. Após essas reflexões e chegarmos a um consenso, eis o nome escolhido: *Sappori di mamma: storie e ricette*. A ideia compartilhada por todos era a de que esse curso (CP) tivesse um nome que desse a ideia de que ali se aprenderia e se ensinaria as receitas de família, por meio da tradição oral e das histórias de vida, tão valorizadas por todos eles ao longo do curso de LH.

Outra ideia dos participantes da CP foi a de que se fizesse o registro dessas receitas e das histórias que as envolvem, compilando-as em um livro, com todos os segredinhos das *nonnas* e *mammas*, com o objetivo de eternizá-las em um documento oficial (o livro) para possam ser consultadas e executadas pelas próximas gerações. A produção desse livro, que também levará o nome *Sappori di mamma: storie e ricette*, pressupõe o uso da vertente Histó-

ria Oral de Vida, já que resultará na documentação de todo o material colhido durante o curso de culinária típica italiana, numa perspectiva pessoal e subjetiva, em que cada história e receita serão valorizadas em sua singularidade, sem perder seu caráter de documento.

Como se pode observar, a História Oral de Vida e a Tradição Oral (Meihy, 2015) constituem um dos pilares que sustentam essa CP, seguidas da Língua de Herança (Ortale & Salvatto, 2022) – também mantida nesse grupo, já que as receitas e as histórias estão sendo executadas e registradas em italiano, bem como as conversas no grupo de WhatsApp que, em geral, são realizadas em italiano, da Cozinha de Herança (Azevedo & Ortale, 2019) e o próprio princípio da Comunidade de Prática (Wenger, 1998) – espaço (Augé, 2012) criado pelos próprios participantes no qual podem ensinar e aprender sua Cultura de Herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022).

4.3 *SAPORI DI MAMMA: STORIE E RICETTE: COMO SE ORGANIZOU?*

A comunidade de prática *Sapori di mamma: storie e ricette* teve seu nascimento de modo espontâneo, ainda durante o curso de LH, inicialmente apenas no campo das ideias, e aos poucos foi ganhando contornos pelas mãos de Luciana, Vanda, Maria, Vilma e Flávia – primeiras integrantes e organizadoras do grupo, que hoje conta com 22 membros, sendo desse total 18 muito ativas e 4 com participação esporádica. A CP teve seu processo embrionário no grupo WhatsApp de 13/08/19 a 02/09/2019, data do primeiro encontro para a partilha da receita de *gnochi al pesto*, ensinado pela mãe da colaboradora Maria.

Inicialmente, ficou decidido que seriam convidados apenas os alunos e ex-alunos dos cursos de LH e que os encontros seriam feitos quinzenalmente, às segundas-feiras, assim teriam mais tempo para planejar cada encontro e organizá-los com calma.

Nos primeiros meses, os encontros foram realizados na cozinha do restaurante de propriedade da família de Maria. Atualmente, por decisão de todo o grupo, os encontros acontecem nas casas das alunas que estão ensinando suas receitas (ou de seus familiares).

Apenas o primeiro encontro foi planejado por essas cinco participantes. Eu, como pesquisadora e professora do curso de LH, participava do grupo também, mas como já informado na seção anterior, mantive-me numa postura mais passiva, deixando que o grupo ganhasse autonomia. Os demais encontros passaram a ser planejados ao final de cada aula de culinária. Seguem abaixo alguns trechos de conversa no grupo de WhatsApp sobre o planejamento do primeiro encontro:

Vanda: *Qualche suggerimento di ricetta che possiamo fare?*

Tradução: Qualquer sugestão de receita que podemos fazer?

Luciana: *Penso in qualcosa salata.*

Tradução: Penso em alguma coisa salgada.

**Vilma e Flávia concordaram com a sugestão de Luciana.

Maria: *Gli gnocchi posso farli io, insieme alla mia mamma.*

Tradução: Eu posso fazer os nhoques com a minha mãe.

Vanda: *Sapete cosa ho pensato? Mentre la “madre” della ricetta cucina, sarebbe interessante che un'altra persona faccia la ricetta insieme... così, ogni ricetta avrà sempre una “aprendiz” ... Che ne dite?*

Tradução: Sabem uma coisa que pensei? Enquanto a “mãe” da receita cozinha... seria interessante que uma outra pessoa fizesse a receita junto... assim, cada receita terá sempre uma aprendiz... O que me dizem?

Maria: *Sì, due persone fanno la ricetta, mentre le altre possono registrare e fare domande.*

Tradução: Sim, duas pessoas fazem a receita, enquanto as outras podem registrar e fazer perguntas.

Vanda: *Insieme agli gnocchi... qualche sugo? O anzi... anche più di uno?*

Tradução: Junto com o nhoque... algum molho? Ou melhor... mais de um?

Maria: *Preparare il sugo ci vuole tempo... al meno 4 ore per fare la bolognese e la salsa al pomodoro... pesto sì ed anche la besciamella...*

Tradução: Preparar o molho requer tempo... ao menos 4 horas para fazer o à bolognese e o molho de tomate... pesto sim e também o bechamel...

De início combinaram que a cada encontro alguns participantes ficariam responsáveis por levar os ingredientes da receita, fazendo assim um revezamento. Mas após o primeiro encontro, com todos os participantes envolvidos, além das cinco que iniciaram o planejamento, todos chegaram ao consenso de se fazer uma “caixinha” com contribuições mensais para a compra dos ingredientes. Sempre ao final de cada encontro já ficava decidido quem seria a próxima cozinheira/professora, qual seria a receita a ser ensinada e onde ocorreria o encontro. Vanda ficou responsável por administrar o dinheiro da caixinha e de fazer as compras para as aulas.

Até um avental foi desenhado, porém nunca confeccionado, para as participantes do curso *Sapori di Mamma: Storie e Ricette*.

Imagem 37. Avental do curso de culinária típica regional italiana



Créditos: Lorena Tombolato Alves

4.4 MEMÓRIA E IDENTIDADE: A CULTURA DE HERANÇA REVITALIZADA ATRAVÉS DAS RECEITAS DE FAMÍLIA

A tradição oral (Meihy, 2015) foi, por muito tempo, um recurso muito utilizado pelos homens para transmitir seus legados culturais de uma geração para outra. Porém, pouco se tem recorrido a ela nos nossos tempos modernos, pois com o advento da internet, cada vez mais, as informações de que necessitamos estão acessíveis e muitas de forma gratuita nos espaços virtuais, o que não é ruim, ao contrário. A parte negativa dessa realidade, porque sempre há os dois polos, é a do distanciamento social. É fato que de certa forma as redes sociais nos aproximam de quem está longe, não se trata disso. A questão é, estamos deixando de ouvir os nossos velhos.

Walter Benjamin (1994), ao refletir sobre a tradição oral, nos alerta que o narrador está em vias de extinção, pois, nos dias de hoje, são raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Não precisamos ir muito longe para confirmar esse fato. Estamos perdendo a tradição de narrar histórias. O último narrador oral que eu tive contato já não vive mais, meu avô materno, de origem portu-
gue-

sa, distante no tempo como os meus ascendentes italianos da parte paterna. Ele era um exímio contador de histórias e não temos mais ninguém na família que tenha se preparado para ocupar seu posto. O que nos resta, por felicidade são alguns áudios de algumas histórias que ele contava.

Esse tipo de narrador ainda existe na África Ocidental e são chamados de griôs, uma espécie de guardião das tradições e histórias de seu povo. Quando um griô começa a avançar na idade, ele inicia um processo de preparação do seu sucessor. De acordo com Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

Segundo o mesmo autor, essas experiências eram contadas por dois tipos arcaicos de narradores: o que gira o mundo e depois retorna para contar suas vivências aquele que nunca saiu de seu país, mas profundo conhecedor de suas histórias e tradições. Eles representam, respectivamente, o marinheiro comerciante e o camponês sedentário, nossos primeiros mestres da arte de narrar, arte mais tarde foi aprimorada pelos artífices.

Benjamin destaca o caráter utilitário da verdadeira narrativa, que sempre leva a um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou numa norma de vida. O autor nos diz, por fim, que o narrador é um homem que sabe dar conselhos. “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (Benjamin, 1994, p. 200). A transmissão da sabedoria dos anciãos por meio de suas histórias é também discutida por Ecléa Bosi (1994), quando discorre sobre a função social da memória.

A autora ressalta que a faculdade de lembrar exige de nós um espírito desperto, para não confundirmos a vida atual com o nosso passado, é indispensável que sejamos capazes de distinguir nossas lembranças de nossas experiências de agora.

Bosi utiliza a metáfora do diamante bruto (que precisa ser lapidado pelo espírito) para falar da lembrança, comparando o processo de lapidação do diamante aquele da lembrança, que deixa de ser apenas a repetição de um estado antigo para se tornar uma reparaçãõ, ao passar pelo trabalho da reflexão, acompanhada de sentimento.

De acordo com a autora, há dois tipos de memórias: uma que se refere a ação, que compreende os nossos hábitos e outra que apenas revive o passado, sendo esta última a memória dos velhos, os quais, sem o compromisso das atividades profissionais e familiares, possuem o tempo e serenidade necessários para rememorar as histórias vividas. Diferente dos adultos e jovens, ainda muito ativos e sem o tempo necessário para ter uma vida contemplativa, os anciãos não sonham quando rememoram, eles já estão maduros o suficiente para unir as duas pontas da vida, o início e o fim. Para eles, as lembranças são um alento diante das dificuldades que enfrentam na velhice:

O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (Bosi, 1994, p. 82).

De fato, ouvir tantas narrativas dos nossos velhos, filhos dos imigrantes que ainda estão vivos e lúcidos, nesses seis anos do projeto *Italiano como Herança* – em nossas aulas do curso de LH, em nossos encontros mensais com a comunidade, em nossos encontros da CP, nas entrevistas guiadas e até mesmo nas conversas depois da missa, no encontro na farmácia ou na padaria – nos fez, a mim e a todos os participantes do projeto, pertencer ainda mais à comunidade, reforçando nosso sentimento de identificação com a história e com os traços culturais do lugar de origem que cada um carrega. Esse contato não nos torna italianos, mas podem nos identificar como um herdeiro das tantas culturas que o país comporta. As identidades são negociáveis e flexíveis (Bauman, 2005; Hall, 2003) e a nossa consciência desse fato nos deu as condições necessárias para gerir toda essa diversidade linguística e cultural, tanto no curso de LH quanto nos encontros da CP, e o resultado foi surpreendente: dentro desse convívio, com membros participantes de origens tão diversas – *abruzzese, laziale, veneta, friulana e pugliese* – observamos que com o passar do tempo e com a proximidade dos participantes as diferenças nem eram mais percebidas. A CP, espaço criado para a partilha das receitas de família, configurou-se como o terceiro espaço de que tratam Lo Bianco, Liddicoat e Crozet (1999). Nele os participantes puderam aprender as técnicas culinárias de outras regiões através das histórias das receitas trazidas por nossas anciãs, mas não apenas. A maior diversão durante os encontros – que tinha o momento de aprendizado socialmente compartilhado (Wenger, 1998), mas depois a degustação dos pratos, sempre regada a vinho – era falar em dialeto, cada uma no seu, e nossa grata surpresa foi perceber que elas se compreendiam e mais, eu mesma passei a entender muito dos dialetos. Já conhecia de perto o *veneto*, mas o *laziale* e o *abruzzese*, por exemplo, antes não compreendia. Nossa CP se tornou um exemplo importante de intercompreensão linguística. Dessa aproximação das línguas e das técnicas culinárias surgiu o sentimento de unidade. A alegria de pertencer. Percebemos que naquele espaço os participantes não se identificavam pela particularidade de uma Região, mas por serem os netos de italianos que vivem em Pedrinhas Paulista. Sim, porque ser pedrinhense envolve todo esse complexo de identidades que coexistem e que não é privilégio só de descendentes de imigrantes italianos, uma vez que essa identidade híbrida coabita em todos aqueles que se relacionam e que se identificam com elas (Ortale, 2016; Fornasier, Ortale & Cunha, 2022). Nesse sentido

estamos muito despertos, como aconselha Bosi, pois o que fazemos não é reviver o passado e sim nos valer da sabedoria nos nossos velhos, bebendo da sua fonte para construirmos e reconstruirmos a nossa versão atual (Bauman, 2005; Hall, 2003).

Com base nessa reflexão, teceremos nossas últimas considerações sobre parte da análise feita por Naputano, retomando algumas ideias do seguinte excerto:

Os pais de Pedrinhas souberam realizar através de série de atividades/trabalhos o que articula Ecléa Bosi na obra já citada: A memória não é sonho, é trabalho. Atividades como, por exemplo, a festa italiana que se realiza todos os anos com danças e comidas típicas, os cursos de língua italiana, o jogo de “bocce” etc. Estes pais construíram uma memória que nem sempre se fundamenta na realidade histórica por eles vivida no momento da chegada deles no Brasil. Aquelas atividades asseguram “ai vecchi” **uma construção identitária de preservação de sua origem, mesmo se com a introdução de uma memória que é uma construção de língua italiana, visto que falavam somente em dialetos e não em italiano na Itália; uma construção arquitetônica, uma vez que a representação dos monumentos em Pedrinhas não é a representação do que viveram na Itália contadina; e até mesmo uma construção gastronômica, visto que na Itália camponesa dos anos pós segunda guerra mundial, comia-se pouco e com pouca variedade.** Construção coletiva de uma memória/recordação inventada e produzida de um sentimento de pertencimento a posteriori de uma identidade étnica, cultural e linguística de empenho na seleção, no diferenciar-se e tornar coesa e estável a identidade do grupo (Naputano, 2012, p. 74, grifo nosso).

As questões que se ferem à língua e aos monumentos já foram discutidas no capítulo anterior. Deixamos a questão da gastronomia para este capítulo por duas razões, pois também nos apoiáramos em Ecléa Bose para a análise de dados e por tratar especificamente da cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019).

Os conceitos de línguas e culturas de herança nos permitem uma interpretação diferenciada daquela de Naputano, que afirma que os pais de Pedrinhas construíram uma memória inventada de sua cultura (língua, monumentos, gastronomia). No tocante à comida, o autor diz que se trata de memória inventada pois na Itália camponesa do período pós Segunda Guerra Mundial comia-se pouco e pouca variedade. Realmente comia-se pouco no pós-guerra, fato que levou tantas famílias italianas a imigrarem. Entretanto, devemos levar em conta que antes da guerra a situação fosse melhor e que esses camponeses também comessem melhor, o que inclui no cardápio do imigrante preparações mais elaboradas, de receitas conhecidas, com algumas adaptações, é claro, visto que nem todos os ingredientes podiam ser encontrados por aqui, esse é o princípio da cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019) cujas ideias partilhamos:

Cozinha de Herança é aquela que desperta, em quem a prepara ou consome, memórias de um passado caro que se deseja preservar. Está relacionada a receitas e histórias carregadas de afetividade; é transmitida e compartilhada entre gerações de uma mesma família ou no contato entre membros pertencentes a uma ou mais comunidades (Azevedo & Ortale, 2019, p. 97).

As memórias de um passado caro que se quer preservar, a que se referem as autoras, estão contidas nos aromas, nos sabores, nas histórias e no carinho de quem prepara essas receitas. Receitas mais simples, com poucos ingredientes ou com reaproveitamento de sobras, ou aquelas mais elaboradas e incrementadas, não importa, todas remetem à ideia do aconchego do lar e, portanto, ao que nos identifica. Nesses trinta anos de vida comum em Pedrinhas, ouvi muitas narrativas sobre a escassez de comida na Itália. Os *venetos*, por exemplo, afirmam ter enjoado da polenta pois era um dos poucos alimentos que comiam e, portanto, o faziam com muita frequência. Frase comum de se ouvir em Pedrinhas é “a minha cota de polenta já comi na Itália”.⁴⁹

Os tempos difíceis realmente mudaram de certa forma as receitas de todas as famílias, algumas delas foram compartilhadas na CP, como é o caso da *Minestra di Stracciatella*, receita da família Romano, que foi compartilhada pela esposa brasileira⁵⁰ de um dos membros da família, neto de imigrantes do *Veneto*. A massa da *stracciatella* é feita com sobras de pão duro e ela é cozida em um caldo de frango, que certamente era preparado para a refeição principal e o caldo do cozimento era aproveitado para a *minestra*. Trata-se um prato muito simples. O termo *minestra* deriva do verbo italiano *ministrare*, isto é, *administrar*, pois o prato era sempre servido e dosado pelo chefe da família. A participante da CP (brasileira) que nos ensinou a receita conta que a aprendeu com uma tia de seu marido (neto de imigrantes), a pedido de suas filhas, que gostavam muito “daquela sopa da *zia*”, a qual era servida nos dias em que a família se reunia para jogar *tombola*, um jogo semelhante ao bingo. Como já dissemos, trata-se de um prato muito simples, mas possivelmente a motivação do pedido das filhas à mãe, para que aprendesse receita, era de cunho afetivo, pois remete aos encontros familiares. Algo semelhante aconteceu comigo, certa vez, quando minhas filhas eram pequenas e meus sogros tinham ido para a Itália visitar os parentes. Elas amavam comer o pão da *nonna*, e estavam com muitas saudades. Como naquela época não tínhamos celular para nos comunicarmos e eu não tinha nenhum número de telefone de parente onde pudesse encontrá-los, em vez de ligar para a *nonna* pedindo a receita, liguei para a minha mãe e foi assim que aprendi fazer o pão da Vó Néia.

⁴⁹ Os relatos a que nos referimos são todos de filhos de imigrantes, pois nunca tivemos o privilégio de entrevistar um imigrante.

⁵⁰ Exemplo de cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019).

Imagem 38. *La Stracciatella*



Fonte: arquivo pessoal.

Outro exemplo de prato simples que ainda hoje é preparado na comunidade é o *canederli*, da família *Brentegani*, originária do *Trentino-Alto Ádige*, também feito com sobras de pão duro, porém, em vez de ralar a massa como na *stracciatella*, no *canederli* a massa é modelada em formas esféricas, também cozida em caldo de frango. Trata-se também de uma receita de *minestra*. Neste caso, a receita foi transmitida ao filho, que a aprendeu quando ainda era criança, ajudando a mãe a fazer as bolas para depois serem cozidas. A receita é tão apreciada que até o filho de M.B. também aprendeu a fazer a *minestra di canederli*. Segundo relato do próprio filho, ele gosta tanto que quando tem sobras, em vez de café da manhã, prefere comer o *canederli*. A tradição é tão forte na família que quando M.B. prepara a receita, faz em grandes proporções para depois presentear os sobrinhos com o prato. Até eu fui presenteada com o prato, fato que comprova a importância de nosso trabalho dentro da comunidade. Segue a transcrição de um áudio que recebi da esposa de M.B. contando a alegria dos sobrinhos quando o tio bate na porta de suas casas com um pote de *canederli*:

O meu sobrinho chora, porque era só o pai dele que fazia essa sopa. O M. saiu distribuindo a sopa pra sobrinhada [...] pra nós é uma iguaria né, porque é muito trabalhosa, a gente tem que picar tudo miudinho e nós fizemos setenta pães ontem. E meu filho põe fogo “ô pai, vamos fazer!”. Se quiserem aprender a receita, ofereço minha casa, quando vocês quiserem fazer... *il brodino* fui eu que fiz.

F.D.N.B. também nos enviou a repercussão do presente da sopa no grupo WhatsApp da família:

Hoje à noite na janta misericórdia matar a saudade do tempo na casa da nona. [...] Obrigado tio muito obrigado! [...] Agora até lembrei que estava na casa da nona e comendo a sopa de bola [...].

Esses dois relatos corroboram o conceito de cozinha de herança (Azevedo e Ortale, 2019) e deixa claro que o que está em jogo é a memória afetiva do cheiro e do gosto da comida da mãe, da comida da *nonna*.

Imagem 39. *I canederli*



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 40. Receita transmitida de pai para filho



Fonte: arquivo pessoal.

A tradição da culinária típica regional ainda resiste ao tempo, entretanto não se pode afirmar que todas as famílias descendentes de imigrantes o façam. O molho caseiro de tomate, por exemplo, é típico da Região do *Lazio* e das famílias com as quais convivemos, sabemos que os *Di Nallo*, os *Tuccilli* e os *Franco* ainda o fazem. Esse processo é trabalhoso e envolve toda a família, pois utilizam várias caixas de tomate, já que suas técnicas permitem que estoquem as garrafas de molho em suas cantinas por mais de seis meses, como podemos observar na imagem a seguir.

Imagem 41. Estoque de molho de tomate de família do *Lazio*



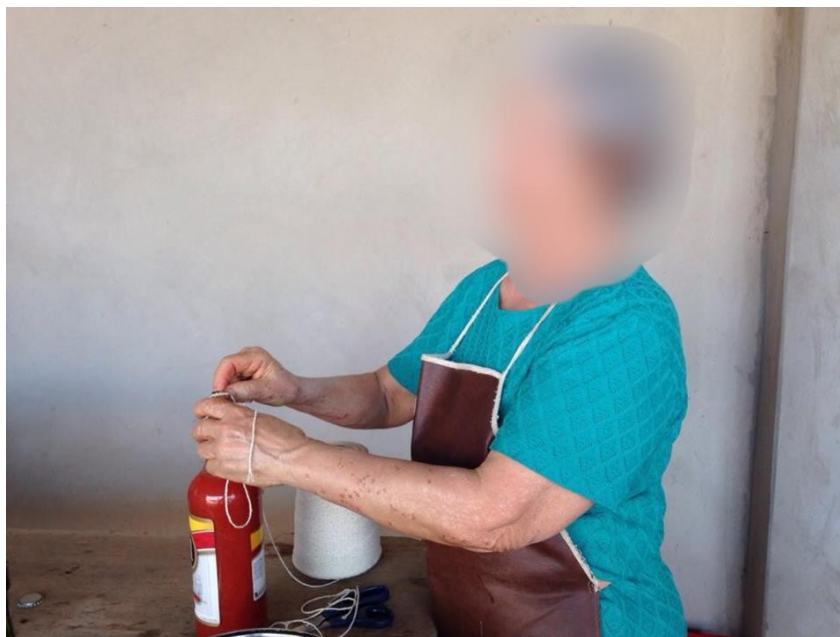
Fonte: arquivo pessoal

Imagem 42. Os homens na cozinha: segunda e terceira geração na produção da *salsa di pomodoro*



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 43. Filha de imigrantes do Lazio envasando a *salsa di pomodoro*



Fonte: arquivo pessoal.

Acreditamos que envolver toda a família no processo de produção dos pratos seja uma boa estratégia para a sua transmissão, ainda que alguns membros da família participem desenvolvendo tarefas menores, conseguem aprender através da observação, como vimos no relato do senhor M.B., que aprendeu a receita do *canederli* ajudando a mãe a dar forma às bolas. O caso de sua família é muito interessante, pois M.B. é do *Trentino-Alto Ádige* e sua esposa F.D.N.B. é do *Lazio*. O filho caçula do casal, que se manteve em Pedrinhas depois de adulto, ajudando o pai a administrar a lavoura, aprendeu a fazer o *canederli* do pai e a *salsa di pomodoro* da mãe. O casamento de membros de regiões diferentes pode não ser tão favorável à questão da transmissão da língua, mas não representa de forma alguma um obstáculo para a transmissão da cultura da cozinha de herança. Pelo contrário, só a torna mais rica. O mesmo ocorre com a CP, que proporciona aos seus participantes a riqueza não só da troca de receitas, mas das técnicas e possíveis substituições.

Como já mencionamos nas seções antecedentes, a ideia da CP surgiu do estudo da culinária italiana em unidade didática do material do curso de LH e das trocas de receitas nos encontros mensais com a comunidade, onde acontecia o “junta-pratos”.

Um evento importante que organizamos foi o encontro que fizemos, em 11/12/19, com a participação de autoridades locais, para recebermos a visita da coordenadora do projeto *Italiano como Herança* e minha orientadora, de uma pesquisadora da USP que estuda cozinha de

herança nas cantinas de São Paulo e de uma professora de UFPR que também pesquisa as culturas de herança em Colombo/PR, foi um momento de partilha importante, em que o junta-pratos foi feito de modo um pouco diferente. Cada participante pôde apresentar o seu prato típico, que também é a sua especialidade, e contar um pouco da história dele aos visitantes. Nossas visitantes foram convidadas falar de suas pesquisas sobre o tema da cozinha e da cultura de herança, o que a nosso ver contribuiu ainda mais para a concretização do parâmetro da possibilidade da Pedagogia Pós-Método (Kumaravadivelu, 2012), pois embora as participantes da CP fossem conscientes do escopo de nossa pesquisa, ouvir falar de uma comunidade mais antiga e que ainda preserva sua língua de herança, por exemplo, as fez vislumbrar que a manutenção da cultura de herança é possível.

Imagem 44. Encontro da Comunidade de Prática *Sapori di Mamma: storie e ricette* com pesquisadores da USP e da UFPR



Fonte: arquivo pessoal.

Uma característica importante da cozinha de herança é que ela se desenvolve no terceiro espaço (Lo Bianco, Liddicoat & Crozet, 1999), o que significa que nunca será uma reprodução fiel do prato de família, pois sempre sofrerá adaptações seja de ingredientes, porções/medidas ou até de técnicas.

Essa afirmação se comprova com dados colhidos por Pereira (2002), na década de 1960, como podemos observar no trecho a seguir:

Eu punha bastante alho e cebola para disfarçar o gosto e o cheiro da comida. A carne me deu muito trabalho. Na Itália só se comia carne de vitela; era macia e fácil de cozinhar. Aqui a carne é de boi velho. Eu não sabia como fazer. Fui à casa de um brasileiro, junto com outras mulheres italianas, e lá aprendemos a fazer o bife, do jeito brasileiro. Não é difícil e é até gostoso. Meu marido outro dia me disse que quer voltar à Itália, só para comer a carne de vitela. Eu já me acostumei tanto com a carne de boi velho, que nem sei mais que gosto tem a da vitela (Pereira, 2002, p. 82).

No excerto acima fica evidente o estranhamento do cheiro e do sabor dos alimentos, problema que inicialmente a imigrante resolve adicionando maiores quantidades de alho e de cebola. Observamos também que sua técnica para preparar a carne não era adequada e teve de aprender as técnicas do preparo da carne de boi velho com os brasileiros. Com o tempo, o aculturamento ocorre e o estranhamento desaparece, de modo que a imigrante italiana nem se lembra mais do gosto da vitela.

É interessante observar que Pereira, mesmo desconhecendo o conceito de cozinha de herança, já o descrevia perfeitamente na primeira década da colônia:

Mesmo admitindo que a comida feita no Brasil tinha cheiro e gosto diferentes, os fatos revelam que os hábitos alimentares dos imigrantes continuam os mesmos, enriquecidos por algumas novas contribuições, nunca, porém como substituição de perdas culturais fundamentais. Isto é, as alterações introduzidas foram de natureza acessória, sem, portanto, ditar ao colono mudança substancial no seu regime alimentar (Pereira, 2002, p. 84).

Em nossa CP, durante os encontros, descobrimos várias adaptações no preparo de pratos, como foi o caso da senhora Di Raimo Di Trocchio, que decidiu mudar a técnica no preparo da lasanha e montá-la com a massa crua, ou seja, sem cozinhá-la antes da montagem, gostou do resultado e segue fazendo dessa forma.

Tem o caso do esposo da colaboradora Maria, que veio do Espírito Santo, e adicionou ao cardápio do restaurante da família o nhoque frito, prato que uma antiga funcionária de sua família preparava para ele, quando era criança. Ele conta que ela fritava os nhoques, botava bastante parmesão ralado dentro de um saco de pão, adicionava o nhoque frito e sacudia para incorporar o parmesão à massa frita.

Eu mesma fiz muitas adaptações de diversas naturezas para o preparo de pratos que aprendi com minha mãe ou com a minha sogra. Na receita do pão da minha mão, por exemplo, acrescentei um pouco mais de açúcar, porque acho mais saboroso adocicado. Na receita da *pinza*, o famoso bolo de Reis, típico da Região do *Veneto*, para deixar a massa mais macia, diminuí a quantidade de farinha e passei a utilizar uma panela antiaderente e uma colher de silicone para não usar as mãos para amassar, pois como a base da massa é polenta cozida, gruda demais nas mãos, o que nos obriga a colocar sempre mais farinha.

Para encerrar essa seção, anexamos um relato da colaboradora Vanda, contando suas impressões sobre nossa CP.

Durante o Curso de língua "Italiano como Herança", notamos o quanto a unidade relacionada a culinária era um tema muito empolgante, com uma carga afetiva muito forte entre os alunos. Havia sempre troca de receitas e lembranças relacionadas, tanto que nos encontros eventuais em que fazíamos o nosso delicioso "junta-pratos", havia alguns pratos que acabamos considerando a "especialidade" de cada um, e que eram quase que obrigatórios nesses eventos.

Ao fim do curso de língua, havíamos formado uma família com este grupo, e foram surgindo ideias para que pudéssemos continuar nosso convívio, que é tão rico, tão divertido, e que especialmente nos dá uma satisfação imensa por fazer algo para que nossas tradições italianas não se percam com o tempo.

Daí veio a ideia da aluna L.T.C., de criarmos o curso "Sapori di Mamma: storie e ricette", onde aprenderíamos receitas de família, diretamente com as autoras, nossas mammas e nonnas. O nome foi escolhido após várias sugestões do grupo, por entendermos que além de receitas, teriam também as estórias, curiosidades e ocasiões em que eram preparadas.

As aulas iniciaram-se em 02/setembro/2019 e foram até o final de novembro/2019.

Inicialmente as aulas quinzenais foram na cozinha do clube, gentilmente cedida pela Marina Romano, sempre às segundas-feiras, pois é o único dia que o restaurante está fechado. Depois de algumas aulas, as alunas ofereceram as próprias casas para o preparo das receitas, alegando maior familiaridade com a cozinha, além de um ambiente mais aconchegante.

Uma das dificuldades que considero relevante, é que a maioria das receitas não tem quantidade certa dos ingredientes, ou seja, feita "a olho", como se diz. Dessa forma, somente com a prática é que se percebe o ponto correto e tantos detalhes que fazem a

diferença, tornando a receita especial. Tentei, quando anotei cada receita, anotar várias dicas, que conseguíamos extrair durante as aulas, perguntando e observando bem o modo de fazer, mas só quando "se põe a mão na massa", é que podem surgir algumas dúvidas, que o tempo e a prática farão com que o processo passe a ser natural, e o resultado cada vez melhor.

Outra dificuldade é o tempo de preparo longo de algumas receitas, impossibilitando de acompanhar todo o processo. Contornamos este problema, fazendo a receita várias vezes, cada uma num ponto diferente, como por exemplo na receita do pão, iniciamos com a mistura dos ingredientes, depois havia uma outra receita que já estava crescendo a um determinado tempo, outra que já estava no ponto de ir ao forno, outra que já estava saindo do forno etc.

Durante os encontros, sempre discutíamos juntas qual seria a receita do encontro seguinte, quem faria etc. Surgiu também a ideia de confeccionarmos um avental e uma touca com o logo do curso, para que pudéssemos utilizar nas aulas. Provavelmente no retorno das aulas deste ano de 2020, já estaremos uniformizadas.

Todas as aulas foram documentadas, através de fotos, transcrição das receitas e suas respectivas histórias, além de uma postagem em nossa página do Facebook, que sempre repercutiu bastante, com pedidos de receitas, elogios e até lamentos por apenas ver as fotos e não ter a oportunidade de participar destes encontros e nem de provar as receitas. Todo este material resultará num livro que será doado ao museu e a todas que estão fazendo parte do curso, como forma de registro para as gerações futuras.

Os pontos positivos são muitos, desde a participação empolgante das alunas, as horas divertidas que passamos juntas (que culminam com a degustação dos pratos sempre deliciosos), até o objetivo principal do curso, que é a manutenção da nossa cultura italiana.⁵¹

⁵¹ Esse relato foi escrito por Vanda, colaboradora do projeto Italiano como Herança e participante da CP Saperi di Mamma: storie e ricette em meados de 2020, quando estávamos no início da pandemia de COVID-19 e estávamos confinados, sem perspectiva de retornarmos com as atividades da CP. Entretanto, com o fim da pandemia, voltamos a nos encontrar e a cozinhar juntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecermos as considerações finais deste trabalho é necessário retomarmos o que tratamos em cada parte da pesquisa aqui apresentada.

No primeiro capítulo, apresentamos os objetivos da pesquisa e os procedimentos metodológicos empregados para atingi-los.

No segundo capítulo, discorremos sobre a diversidade linguística e cultural de Pedrinhas Paulista, a partir de nossa pesquisa documental (Cellard, 2012) sobre o período que remonta a história da imigração da cidade, a partir de dados históricos já levantados por Pereira (2002) e compusemos o atual quadro linguístico do município, trazendo um dado inédito: o número de famílias de descendentes de imigrantes italianos que ainda residem nesse *villaggio*; e, por fim, discutimos o conceito de cultura de herança (Fornasier, Ortale & Cunha, 2022).

No terceiro capítulo, nos dedicamos à questão da identidade e do pertencimento (Bauman, 2005; Hall, 2003) em contexto de cultura de herança (Fornasier, Ortale e Cunha, 2022); discutimos ainda os conceitos de espaço, lugar e não lugar (Augé, 2012) e a partir dessas teorias refletimos sobre alguns pontos da dissertação de mestrado de Naputano (2012), ampliando sua análise. As questões debatidas foram as seguintes: a questão geracional; a classificação de “não lugar” que o autor deu aos monumentos construídos por filhos (ao nosso ver, netos) de imigrantes, chamando de memória inventada a cultura híbrida (de herança). Nossa argumentação apoiou-se também no trabalho de Eclea Bosi (1994), ao qual o autor também recorre, sobre a memória dos velhos, entretanto, nossa compreensão é diversa. A nossa argumentação, com base no aporte teórico mencionado, em uma consistente coleta de dados e em nosso lugar privilegiado de fala, sendo eu participante ativa da referida comunidade há trinta anos e tendo presenciado o evento da construção dos novos monumentos, nos levou às seguintes conclusões: a) sobre as gerações: imigrante é o adulto, chefe de família, e sua cōnjuge, ou seja, aqueles que tomaram a decisão de imigrar; seus filhos, mesmo os nascidos na Itália e vindos para o Brasil ainda crianças ou jovens e adolescentes, são considerados a primeira geração desde que não tenham constituído família antes de deixar a Itália; seus netos a segunda; seus bisnetos a terceira, e assim por diante. Naputano considera imigrante o filho do imigrante, entretanto, de acordo com nosso entendimento, eles não o são, por apresentarem um processo de aculturação bastante diferente, motivo que também nos impeliu a refletir seus apontamentos sobre as culturas de herança, classificando-as de cultura inventada; b) consideramos os monumentos construídos no final da década de 90, os quais Naputano chama de “não lugar”, como lugares antropológicos, pois a nosso

ver são identitários, referencias e adquiriram historicidade; c) consideramos língua de herança não só os dialetos regionais, mas também o italiano *standard*, tendo em vista que os filhos de imigrantes frequentaram a escola elementar na Itália e o aprenderam, sendo o italiano *standard*, portanto uma LH e não uma construção inventada de língua. Deixamos a questão da gastronomia para ser discutida no quarto capítulo, pois trata da cultura da comida.

No quarto e último capítulo, apresentamos o conceito de comunidade de prática (Wenger, 1998, 2015), identificando todas as suas características no curso de LH (Ortale, 2016; Corrias, 2019) e na própria CP de cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019) que formamos, analisando as suas contribuições para a revitalização da língua de da cultura de herança. Relatamos e analisamos o processo de formação da CP *Sapori di Mamma: storie e ricette*, discorremos sobre a tradição oral (Meihy, 2015), sobre a importância do narrador oral (Benjamin, 1994) na preservação das tradições culturais pela memória dos anciãos (Bosi, 1994), analisando o papel das relações intergeracionais nesse processo de revitalização linguística e cultural proposto pelo projeto *Italiano como Herança*, implementado no município de Pedrinhas Paulista em 2016. As nossas investigações e análise de dados nos permitiram concluir que o espaço de convívio, não só intergeracional mas também intercultural, promovido pelas atividades do projeto, contribuiu para o crescente aumento no sentimento de italianidade e de pertencimento; para o reavivamento do uso da língua, tanto em ambiente familiar quanto nos espaços da comunidade; levou a um sentimento de unidade entre os seus participantes, minimizando as diferenças culturais e maximizando a integração entre as diversas culturas.

A tabulação e análise de dados feita por meio da pesquisa documental realizada junto ao acervo de documentos da CBCII nos permitiu levantar os seguintes dados:

a) Elaboramos um grande quadro onde identificamos as regiões, províncias e comunas de proveniência das famílias que viveram na colônia até o ano de 1968 (data do término da pesquisa de João Batista Borges Pereira), bem como os lotes a que foram destinadas, identificando as famílias pelos sobrenomes, oportunizando, assim, que seus descendentes, no futuro, possam encontrar esse dado com maior facilidade, pois serão ofertados ao município após a publicação desta tese;

b) Confrontamos a lista de famílias que viviam na colônia de Pedrinhas no ano de 1968 com a lista de contribuintes do IPTU do município no ano de 2023 e chegamos a um dado inédito, que é o número de famílias de descendentes de imigrantes italianos que ainda residem no município atualmente, que somam um total de 78 famílias⁵².

⁵² Quando empregamos a palavra família, estamos nos referindo a todos os núcleos familiares que levam o mesmo sobrenome e não a um único núcleo familiar.

d) Desenhamos o atual quadro linguístico do município e observamos as mudanças sofridas de 1968 a 2023. Na década de 1968, 143 famílias de imigrantes viviam na colônia, provenientes de 15⁵³ regiões da Itália. Atualmente, vivem no município 78 famílias de descendentes de imigrantes italianos provenientes de 14 Regiões, sendo 3 do *Trentino Alto-Ádige*, 27 do *Veneto*, 2 de *Friuli Venezia-Giulia*, 1 da *Lombardia*, 1 da *Emilia-Romagna*, 1 da *Umbria*, 19 do *Lazio*, 9 do *Abruzzo*, 3 da *Campania*, 2 da *Puglia*, 1 da *Basilicata*, 4 da *Calabria*, 1 da *Sicilia*, 1 (de origem *veneta*, porém vinda da África). Confrontamos os dados que colhemos, de documento encontrado numa caixa de documentos do ano de 1955, com os dados gerados por Pereira (2002) e, mesmo não sendo possível precisar a diferença temporal entre as duas tabelas, é possível perceber os seguintes movimentos: a chegada de 1 família vinda de *Trentino Alto-Ádige*, 4 do *Veneto*, 3 da *Umbria*, 11 do *Lazio*, 1 da *Puglia* e 2 da *Calabria*; e a partida de 1 família da *Lombardia*, 2 de *Abruzzo e Molise*, e 5 da *Campania*.

Através da análise dos dados colhidos durante os encontros da CP *Sapori di Mamma: storie e ricette*, de meados de 2019 a meados de 2023, foi possível responder às seguintes perguntas:

1. *Como se constrói uma comunidade de prática em uma comunidade de imigrantes?*
2. *Qual o papel da interação intergeracional na formação de uma comunidade de prática em contexto de herança?*
3. *Em que medida a História Oral contribui para a formação de uma comunidade de prática em contexto de herança?*

A análise de dados nos mostrou que as comunidades de prática em comunidades de imigrantes podem surgir de modo espontâneo, como foi o caso da CP analisada. O próprio curso de LH já foi adquirindo os contornos de uma CP, sendo ele o grande motivador do surgimento da CP de culinária regional.

Respondendo à primeira pergunta, confirmamos os princípios propostos por Werger (1998) e Werger-Trayner (2015) que afirmam que para ocorrer a formação de uma comunidade, três elementos fundamentais: o domínio, a comunidade e a prática.

⁵³ Os documentos investigados por Pereira traziam a antiga formação da Itália, que naquela época ainda não tinham separado *Abruzzo e Molise* em duas regiões distintas. Levando em conta a atual divisão política do país, compreendemos que a colônia recebeu imigrantes de 16 Regiões.

- a) O domínio: Uma comunidade de prática não é representada apenas por um grupo de pessoas ou uma rede de conexões entre elas. Ela apresenta “uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesses” (Wenger-Trayner, 2015, p. 2). No caso da CP investigada, o domínio compartilhado de interesses é a cozinha de herança (Azevedo & Ortale, 2019) que desejam preservar e aprimorar.
- b) A associação implica um compromisso com o domínio e, portanto, uma competência compartilhada que distingue seus membros de outras pessoas (Wenger-Trayner, 2015, p. 2). O compromisso com o domínio, ou seja, com a competência compartilhada, que distingue os membros da CP em questão, é o conhecimento de receitas e técnicas culinárias que foram compartilhadas no espaço da CP, com a presença inclusive das *mammas* ensinando os segredinhos.
- c) É por meio do domínio que membros de uma comunidade de prática constroem relacionamentos que lhes permitem interagir, discutir, buscar soluções e aprender uns com os outros. Aí consiste o senso de comunidade. O sucesso da CP, que se mantém ativa até os dias de hoje, está justamente na interação e na partilha das receitas, das técnicas e, principalmente, das histórias de vida (Meihy, 2015), portadoras de tanta sabedoria e das tradições.
- d) A prática: como o próprio nome sugere, os membros de uma comunidade de prática são praticantes, eles atuam por meio de um repertório de recursos compartilhados como experiências, histórias, ferramentas e maneiras de resolver problemas recorrentes. Essa é, portanto, uma prática compartilhada. Nesse sentido, os anos de experiência na cozinha, preparando as refeições para a família, deram a todas as participantes a competência necessária para resolver qualquer impasse, como, por exemplo, encontrar um meio de quantificar as porções de ingredientes, que as *mammas* medem com os olhos, para que as receitas fossem transmitidas às demais participantes e depois compiladas em um livro que será posteriormente publicado.

Em resposta às duas últimas perguntas, podemos afirmar que o papel da interação intergeracional na formação de uma comunidade de prática em contexto de herança é fundamental, principalmente porque o domínio que as gerações mais velhas possuem das práticas é fundamental para que as tradições das culinárias regionais possam ser transmitidas às gerações mais jovens. Nesse sentido, ressaltamos a importância da tradição oral (Meihy, 2015), da

sabedoria e da memória dos anciãos (Bosi, 1994), no desejo de aprender uma receita por princípio nas emoções que um aroma ou um sabor nos despertam. Como é o caso da *minestra di canederli*, que passou a ser preparada em um núcleo familiar para reviver as lembranças da *mamma* e da *nonna*, do cheirinho de casa, de lar, de pertencimento. Poder nos comunicarmos nas línguas de nossos ancestrais ou provar o sabor de uma receita antiga, ainda que adaptada, mas como Pereira nos diz adaptações “de caráter acessório, sem mudanças substanciais no regime alimentar do colono”, tudo isso nos leva ao pertencimento. Desse modo, a interação intergeracional contribui significativamente para a construção e reconstrução das identidades de todo o grupo, pois as identidades nunca se estabilizam, estão em constante movimento de transformação (Bauman, 2005; Hall, 2003).

Concluimos aqui este trabalho, que se estruturou em narrativas que, por vezes, oscilaram entre a primeira pessoa do plural e a primeira pessoa do singular. O plural das vozes se desdobra na minha e na de minha orientadora, porque sempre estivemos juntas em todas as descobertas e em todos os momentos cruciais da pesquisa, esse plural vem num movimento simbiótico natural. O singular da narração reservei para as minhas narrativas pessoais e, ponderando agora, nos últimos instantes deste trabalho, penso que não poderia ser diferente, pois projeto como um todo foi construído com base nas narrativas das histórias de vida de filhos, netos e bisnetos de imigrantes italianos. Talvez fosse o caso de incluir minha geração e de meus primos, porque de certa forma, também fomos buscar algumas narrativas que pudessem contar um pouco de nossa história para, enfim, provarmos a alegria de pertencer!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, 7(2): 7-33, 2001.
- AMADO, J. S. **Introdução à investigação qualitativa em Educação**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.
- AMADO, J. S. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- AUGÉ, M. **Não lugares**: Introdução de uma antropologia da supermodernidade; tradução Maria Lúcia Pereira. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2012.
- AZEVEDO, S.; ORTALE, F. L. Cozinha de Herança: memórias e identidades de um tesouro compartilhado. **Revista de Italianística XXXVIII**, 2019, p. 88-98.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 1990. 439 p.
- BAKHTIN, M.; VOLOSCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992(a).
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberta Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BENNET, M. J. Intercultural communication: A current perspective. *In*: Milton J. Bennett (Ed.). **Basic concepts of intercultural communication**: Selected readings. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 1998.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, G. M. **Pedrinhas Paulista**: memória e invenção. Tese de Doutorado em Geografia Humana: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, 208 f. Biblioteca Depositária: CAPH/USP.
- CAVALLARI, D. N.; MAGGIO, G. Discurso e Memória: Identidade na Língua, no Tempo e no Espaço. **Revista Italianística XVII**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- CELLARD, A. A análise documental. *In*: **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2012 (Coleção Sociologia).

CORRIAS, V. **Abrindo caminhos para o ensino de italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva Pós-Método**. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.

COUTINHO, C. P.; CHAVES, J. H. O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. Universidade do Minho, Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato&versões** n.2 v.1, p. 3-16, 2009. ISSN 1983-1293

FORNASIER, R. M. L. **A produção de material didático para o ensino de italiano como língua de herança na perspectiva Pós-Método**. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

FORNASIER, R. M. L., ORTALE, F.L., CUNHA, K.M. R. Do ensino da Língua de Herança à formação de uma Comunidade de Prática: o caso do italiano em Pedrinhas Paulista. **Revista CBTeCLE**, São Paulo, SP, vol. 6, n. 2 (dez/2022). Disponível em: <https://revista.ctbecle.com.br/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAZZIOTIN, K.; PEREIRA. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-Posições**, Campinas, SP, V. 33, e20200141, 2022. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/lancamentos/pro-posicoes-v-33-2022>. Acesso em: 24 nov. 2023.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. New Haven: Yale University Press, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: From method to postmethod**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

KUMARAVADIVELU, B. **Language teacher education for a global society: Modular Model for Knowing**. New York: Routledge, 2012.

LAVE, J. Aprendizagem como na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: file:///E:/User/Documents/Rosangela/Doutorado%20USP/Leituras%20para%20Doutorado/Aprendizagens%20como%20prática_Jean%20Lave.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

LO BIANCO, J.; LIDDICOAT, A.; CROZET, C. **Striving for the third place**: intercultural competence through Language Education. Melbourne: Language Australia Melbourne, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LO BIANCO, J.; LIDDICOAT, A.; CROZET, C. **Striving for the third place**: intercultural competence through Language Education. Melbourne: Language Australia Melbourne, 1999.

MAGGIO, G. **Ítalo-pedrinhenses**: língua de herança, memória e identidade. Simpósio Italianidade Reencontrada: Desvelando Línguas, Memórias e Identidades – II Congresso Internacional Línguas Culturas e Literaturas em Diálogo: identidades silenciadas. Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2018.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. Editora Contexto. São Paulo, 2015.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos Ceru**, n. 5, série 2, 1994

MENDES, E. Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): revisitando ideias, projetando ações. *In*: CHUALATA, K. B. (org.). **Português como língua de herança**: discursos e percursos. Lecce: Pensa MultiMedia Editore, 2015. p. 79-100.

NESTERUK, O. Heritage language maintenance and loss among the children of Eastern European immigrants in the USA. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 31, n. 3, p. 271-286, 2010.

ORTALE, F. L. **A formação de uma professora de italiano como Língua de Herança**: O Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ORTALE, F. L.; SALVATTO, G. C. B. *Dai nonni ai nipoti*: práticas familiares em língua de herança. **Revista de Italianística** XLIV, 2022, p. 165.

PEREIRA, J. B. B. **Italianos no Mundo Rural Paulista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SAMOVAR L. A.; PORTER R. E.; MCDANIEL E. R. **Intercultural Communication**: A Reader. 13 ed. Wadsworth Gengage Learning, 2010.

SOARES CAMPOS DUARTE, S. M. de C. **Português Língua de Herança**: da Teoria à Prática. Dissertação. 2012. Faculdade de Letras – Universidade do Porto. 120 páginas.

WENGER, E. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. *In*: Blackmore, C. (Editor) **Social Learning Systems and communities of practice**. Springer Verlag and the Open University, 2010. Disponível em: <https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>. Acesso em 13 jan. 2020.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, E. e TRAYNER, B. **Communities of practice a brief introduction**, 2015. Disponível em: <http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

LINKS

SMITH, M. K. Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice. **The encyclopedia of pedagogy and informal education**, 2003/2009. Disponível em: <https://infed.org/mobi/jean-lave-etienne-wenger-and-communities-of-practice/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ACCULTURAZIONE. **Enciclopedia on line**. Istituto Treccani. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/acculturazione/>. Acesso em: 24 nov. 2023.